



AS

1988  
JANEIRO A MAIO 2012

/PAISAGENS  
PRODUTIVAS

arquitectura paisagista

03/ DIRECÇÃO APAP DIRECTION  
A ACTUAL ORGÂNICA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, MAR, AMBIENTE E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E A POLÍTICA DE PAISAGEM  
*The current structure of the Ministry of Agriculture, Sea, Environment and Spatial Planning and the Landscape Policy*  
Margarida Cancela d' Abreu

06/ EDITORIAL AP  
Rosário Salema

08/ O QUE É UMA PAISAGEM?  
*What is a landscape?*  
Cláudia Taborda

14/ AS PAISAGENS PRODUTIVAS NO MUNDO RURAL PERPLEXIDADES E DESAFIOS  
*Productive landscapes in the countryside - perplexities and challenges*  
Maria da Graça Amaral Neto Saraiva

20/ PATRIMÓNIO CULTURAL E PAISAGEM  
*Cultural Heritage and Landscape*  
Guilherme d'Oliveira Martins

24/ BIODIVERSIDADE, DIMENSÕES, SERVIÇOS E PAISAGEM  
*Biodiversity, Dimensions, Services and Landscape*  
João Manuel Bernardo

30/ PAISAGEM: INSTRUMENTOS OPERACIONAIS E FINANCEIROS EM PORTUGAL QUE PODEM INTERVIR NA MATERIALIZAÇÃO DA POLÍTICA PARA A PAISAGEM  
*Landscape: Operational and Financial Instruments in Portugal that could intervene in the materialization of the Landscape Policy*  
Luis Durão

34/ PAISAGEM E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO: CONVERGÊNCIA DE POLÍTICAS  
*Landscape and Spatial Planning: Policy Convergence*  
Ana Catita

38/ ENTREVISTA INTERVIEW  
PAISAGEM RURAL E TURISMO  
*Rural landscape and tourism*  
João Gomes da Silva

60/ BIBLIOTECA LIBRARY  
Victor Beiramar Diniz

62/ PORTFOLIO FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY  
Rita Gouveia

42/ O PODER DO CONHECIMENTO  
A Herdade de S. Lourenço do Barrocal, Monsaraz, Alentejo, Portugal  
*The Potential of Knowledge The Estate of São Lourenço do Barrocal, Monsaraz, Alentejo, Portugal*  
GLOBAL — ARQUITECTURA PAISAGISTA

52/ REINVENTAR A OCUPAÇÃO SAZONAL DOS LUGARES  
*Reinventing the Seasonal Occupation of Places*  
PARATELIER

56/ Projecto sócios da APAP  
AGRICULTURA URBANA E PERI-URBANA  
*Urban and Peri-Urban Agriculture*  
CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA  
IDENTIDADE PAISAGEM

/DIRECÇÃO  
Rosário Salema

/DIRECÇÃO EDITORIAL  
Catarina Raposo  
Fátima Leitão  
Luis Cabral  
Rosário Salema  
Victor Beiramar Diniz

/COLABORARAM NESTE NÚMERO  
Ana Catita  
Armando Neves Ferreira  
Catarina Raposo  
Cláudia Taborda  
Guilherme d'Oliveira Martins  
João Gomes da Silva  
João Manuel Bernardo  
Luís Cabral  
Luís Durão  
Margarida Cancela d'Abreu  
Paula Gomes da Silva  
Rosário Salema

/PRODUÇÃO  
Fátima Leitão  
Maria Freire  
Rita Gouveia

/DESIGN GRÁFICO  
Alexandra X.  
Texto da Revista: lettering FLAMA  
(Feliciano Type Foundry)

/TRADUÇÃO  
Júlio Viana

/CAPA  
Fotografia de Rita Gouveia

Depósito legal nº 318647/10  
ISSN nº 1645-4707  
Impressão Tipografia Jorge Fernandes, Lda.  
1500 exemplares

[ nota: todos os textos estão de acordo com a antiga ortografia ]

VENDA AO PÚBLICO 2€  
Isenta do Registo na ERC nos termos da alínea a) do nº1 do Artigo 12º do Decreto Regulamentar nº 8/99, de 9 de Junho

## DIRECÇÃO APAP DIRECTION

### Margarida Cancela d' Abreu

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS ARQUITECTOS PAISAGISTAS  
APAP PRESIDENT

## /A ACTUAL ORGÂNICA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, MAR, AMBIENTE E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E A POLÍTICA DE PAISAGEM

1. A actual orgânica do Governo e a concentração de um elevado número de competências num ministério – o Ministério da Agricultura, Mar, Ambiente e Ordenamento do Território (MAMAOT) - representa seguramente uma grande dificuldade na administração de um conjunto de questões tão diversas.

Todavia, a reunião sob a mesma tutela dos recursos naturais, da conservação da natureza, da agricultura, florestas e desenvolvimento rural, da política do mar, do ordenamento do território e das questões associadas à paisagem, constitui:

Uma oportunidade de articulação dos recursos naturais e espaciais bem como de coordenação dos sectores que estão entre os principais responsáveis pela transformação da paisagem; a estes sectores acrescem ainda os dos transportes e infra-estruturas, da energia, da indústria e do turismo – também responsáveis por impactes significativos sobre o território;

Uma oportunidade para uma visão holística da paisagem e a

implementação de políticas globais e integradoras dos diferentes interesses intervenientes no território;

Uma exigência de um profundo diálogo e estreita articulação de estratégias com outros ministérios que, com preocupações mais sectoriais, também têm fortes repercussões sobre a paisagem.

2. A paisagem foi sempre objecto de transformações mais ou menos profundas no sentido da adaptação às necessidades das comunidades humanas. Tais modificações não são dramáticas, existindo a nível mundial e em Portugal exemplos notáveis de paisagens construídas pelo Homem.

A questão de fundo tem a ver com a essência dessas transformações – a sua utilidade para a sociedade, a sustentabilidade dos processos, a valorização da identidade da paisagem e o seu contributo para a satisfação do interesse público.

Esta perspectiva, considerando o carácter complexo e dinâmico da paisagem, exige que qualquer intervenção, mesmo sendo muito localizada e reduzida, seja antecedida do conhecimento profundo da área a intervir e do seu papel num todo mais vasto (suas aptidões, capacidades, potencialidades e carácter); exige também equacionar os objectivos económicos e sociais das comunidades utilizadoras/ fruidoras destes territórios; e requer uma atitude ética, responsável e equilibrada na decisão final.

A junção na mesma tutela de sectores fundamentais para estas decisões, poderá facilitar

uma ocupação do território mais equilibrada e deverá ampliar a missão do Ministério, para além da regulação do uso e transformação do solo. De facto, o MAMAOT concentra também os sectores responsáveis por assegurar um vasto número de funções essenciais à vida actual. Estas funções transcendem a produção de bens e serviços e estendem-se à regulação ecológica, à conservação e valorização de recursos e do património natural e cultural, à saúde e bem-estar das pessoas, o que inclui a fruição de bens imateriais.

Esta missão só poderá ser cabalmente desempenhada, se o Ministério assumir uma visão alargada, em termos espaciais e temporais, promovendo o progresso conjunto e harmonioso das várias actividades humanas, sem sujeição excessiva ao contexto do momento.

3. O MAMAOT recebe uma herança pesada, por no nosso país terem prevalecido, demasiadas vezes, as políticas sectoriais, as visões e os programas estreitos (quanto à área de intervenção, aos objectivos e à sua realização temporal) e, ainda, por se terem privilegiado os interesses de alguns indivíduos ou grupos.

O resultado é um país genericamente desordenado e uma progressiva degradação das paisagens, demasiado simplificadas, pobres em biodiversidade e em multifuncionalidade, menos úteis, menos sustentáveis e mais vulneráveis a riscos. São as monoculturas agrícolas e florestais ocupando vastas extensões; são as terras abandonadas; a ausência



de estruturas com importantes funções ecológicas (matas, sebes, margens e orlas); as infra-estruturas aéreas, superficiais e subterrâneas, que atravessam a paisagem de forma indiscriminada e caótica; a publicidade que, contrariando a legislação, se espalha pelo território ao sabor de interesses privados. Mas também as paisagens urbanas, cada vez mais uniformizadas, menos sustentáveis, com menos identidade, menor interesse estético, menos competitivas e com graves problemas no que respeita à qualidade de vida.

Tais disfunções são duplamente onerosas, pelas deseconomias que geram e pelos recursos que comprometem.

Este estado do país e das suas paisagens não tem melhorado, apesar das inúmeras normas, dos variados instrumentos de gestão territorial, das muitas comissões interministeriais e das diversas profissões intervenientes no processo de ordenamento do território.

Na situação actual, as diferentes Direcções Gerais do Ministério **terão frequentemente de assumir uma acção correctiva**, sem contemporização com os usos e ocupações inadequados e insustentáveis, combatendo os abusos, sejam eles relativos à exploração de recursos, à apropriação de espaços ou a dimensões mais intangíveis, como o direito à paisagem, ao acesso e ao espaço público de qualidade.

Tais direcções gerais têm pois um papel fundamental na relação com os outros ministérios, autarquias e grupos económicos e sociais, sendo necessário demonstrar que o correcto ordenamento do território e a valorização da paisagem, são a base imprescindível para o sucesso do desempenho dos diferentes sectores de actividade – economia, segurança e qualidade, desde os transportes, ao abastecimento de água, alimentos e energia, à produção industrial e ao recreio e turismo.

4. Na orgânica do Governo cabe ao MAMAOT assegurar que a distribuição espacial das populações e das actividades tem de assentar em conceitos e princípios fundamentais,

profusamente enunciados na legislação nacional, nas convenções internacionais, nos instrumentos de gestão territorial e na prática de muitos países - mas entre nós apenas aplicados em situações restritas .

Deverá assim o Ministério, no processo de ordenamento do território, destacar as actuações positivas, aplicando os conceitos de aptidão, capacidade e potencialidade (baseados em critérios ecológicos, culturais e socioeconómicos), bem como da multifuncionalidade da paisagem. Também será essencial aplicar os princípios da precaução, da compensação, da reabilitação e da justa repartição de encargos e benefícios. Só com estes conceitos e princípios, com a compreensão aprofundada do processo de humanização da paisagem e a consideração da presença de valores imateriais, se deverá avançar para propostas de ordenamento inovadoras, que respondam às novas necessidades e exigências da sociedade e integrem os conhecimentos mais recentes da ciência e tecnologia.

É muito importante salientar que a elevada diversidade da paisagem portuguesa permite reconhecer que sempre houve lugar para instalar a população, as actividades produtivas e outras, com sustentabilidade, segurança e elevada qualidade de vida. A desigual distribuição dos recursos, a repartição de valores e fragilidades, no nosso país, permitem ordenar o território num mosaico diversificado e multifuncional, de ocupações coerentes que se compensam e equilibram.

Só a ignorância destas questões, a permanência de atitudes arrogantes e ultrapassadas, a dominância de uns sectores de actividade sobre os outros, ou de interesses “especiais” sobre o interesse público, levam a comprometer recursos e a desvirtuar a visão sobre os riscos; justificando os graves e repetidos erros humanos na ocupação do território, como consequência de desastres “naturais” (cheias, deslizamentos de terrenos, galgamentos do mar, incêndios florestais, poluições, entre outros).

Assim a **tarefa mais difícil do Ministério será seguramente a de desenvolver uma “cultura de ordenamento”**. Existindo

alguns bons exemplos de práticas responsáveis, a atitude geral é de grande afastamento destas questões, sendo o conceito da função social da propriedade ainda estranho a muitos cidadãos e responsáveis; assim como persiste um enorme deficit de participação, controle e responsabilização dos decisores, aos diferentes níveis.

Reconhecendo que a paisagem revela a intervenção do Homem com determinada cultura e o resultado da acção colectiva de sucessivas gerações, é actualmente muito importante sabermos **que ética preside à nossa actuação? Que “marcas” queremos deixar para as gerações que nos seguem?**

As diversas abordagens nesta Revista constituem um excelente contributo para o entendimento da vasta missão do MAMAOT, na regulação do uso do solo e do funcionamento do sistema paisagem, objecto hoje de directivas e convenções, e defendidos pelos Arquitectos Paisagistas há mais de sessenta anos. Os artigos que se seguem demonstram ainda a necessidade de **uma política da paisagem**, enunciada pelo Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território, mas ainda não desenvolvida.

## THE CURRENT STRUCTURE OF THE MINISTRY OF AGRICULTURE, SEA, ENVIRONMENT AND SPATIAL PLANNING AND THE LANDSCAPE POLICY

1. *The current organization of the Government and the concentration of a large number of skills in one single department - the Ministry of Agriculture, Sea, Environment and Spatial Planning (MAMAOT) - certainly represents a great difficulty in managing a set of issues so diverse as these. However, gathering natural resources, nature conservation, agriculture, forestry and rural development policy of the sea and land management issues related to landscape all in the same bag constitutes:*

- An opportunity for linking resources as well as coordination among different sectors that are primarily responsible for the transformation of the landscape; in addition to these sectors there is also the transport infrastructure, energy, industry and tourism – items that are also responsible for significant impacts on the territory;
- An opportunity for a holistic view of the landscape and the implementation of comprehensive and integrated policies from the different participants involved in the territory;

• *A need for a deeper dialogue and close collaboration strategies with other government departments that also have a strong impact on the landscape.*

2. *Landscape has always been object of more or less profound changes regarding the needs of human communities. Such changes are not dramatic and there is in Portugal and throughout the world notable examples of man-made landscapes. The bottom line has to do with the essence of these changes - their usefulness to society, the sustainability of processes, the development of identity of the landscape and its contribution to the satisfaction of the public interest. This perspective, considering the complex and dynamic character of the landscape, demands that any intervention, even if small, is preceded by thorough knowledge of the area to intervene and its role in a larger whole (their skills, abilities, capabilities and character); it also requires to balance the economic and social objectives of the communities that use these territories; and also requires an ethical, responsible and balanced attitude in the final decision. Joining all these departments in one for this kind of decisions can facilitate a more balanced occupation of the territory and is expected to extend the mission of this Ministry, besides regulating the use and transformation of the soil. In fact, MAMAOT also concentrates on the sectors responsible for ensuring a wide range of functions essential to modern life. These functions transcend the production of goods and services and go beyond the environmental regulation, conservation and recovery of resources and natural and cultural heritage, health and well-being. That is, they include the enjoyment of intangible goods. This mission can only be fully performed if the Ministry takes a broader view, both in space and time, promoting the progress and the harmonious set of various human activities without being subject to excessive influence of the current situation.*

3. *MAMAOT inherits a large dept for the reason that in Portugal has prevailed, too often, sectoral policies, a small scale vision and short programmes (regarding its area of intervention, its objectives and implementation length) and also for having privileged the interests of some individuals or groups. The result is a country generally cluttered and with a progressive degradation of landscapes, over-simplified, poor in biodiversity and multi-functionality, less useful, less sustainable and more vulnerable to risks. Examples of these situations are the agricultural and forest monocultures, occupying vast tracts; the abandoned territory; the absence of structures with important ecological functions (forests, hedges, and edges); aerial, surface and below the surface infra-structures which cross the landscape in a chaotic and indiscriminately way; and the publicity, against the law, spread over the territory at the mercy of private interests. But we also verify that urban landscapes are increasingly standardized, less sustainable, with less identity and aesthetic, less competitive and with serious problems regarding quality of life. Such disorders are doubly burdensome due to the diseconomies they generate and the resources they commit. Despite the numerous standards of the various instruments of territorial management, the many inter-ministerial committees and the various professions involved in the process of planning, the country and its landscape has not improved. In the current situation, the different directorates of the Ministry will often have to take corrective action without compromise itself with the use and inadequate and unsustainable occupation whether relating to resource exploitation, appropriation of spaces*

*or the more intangible dimensions such as the right to the landscape, to accessibility and to quality public space. These general objectives are therefore a key role in the relationship with other ministries, local authorities and economic and social groups and it is necessary to demonstrate that the proper planning and enhancement of the landscape are an indispensable basis for the successful performance of the different sectors - economic, security and quality, from transport to water supply, from food to energy, industrial production, recreation and tourism.*

4. *In the government structure, MAMAOT must ensure that the spatial distribution of populations and activities must be based on fundamental concepts and principles, lavishly set out in the national legislation, in international conventions, in land management and in the practice of many countries - but between us applied only in restricted situations. In this way the Ministry - in the process of planning – must highlight the positive actions, applying the concepts of skill, ability and capability (based on ecological, cultural and socio-economic criteria) as well as the multi-functionality of the landscape. It will also be essential to apply the precaution, compensation, rehabilitation and the fair equality principle and benefits. Only with these concepts and principles, with in-depth understanding of the process of humanization of the landscape and consideration of the presence of immaterial values, can one proceed to planning innovative proposals that respond to new needs and demands of society, incorporating the latest knowledge of science and technology. It is very important to note that the high diversity of the Portuguese landscape allows us to recognize that there was always space to install population as well as the productive activities with sustainability, safety and high quality of life. The unequal distribution of resources, sharing of values and weaknesses in our country allows the organizing of territory in a diversified and multi-function mosaic of coherent occupations which are complementary and consistent. Only ignorance of these issues, arrogant and outdated posture, dominance of some sectors over others or “special” interests on public aspects commit resources and leads to misrepresenting the view of the risks, justifying serious and repeated human errors in the territory as a result of “natural” disasters (floods, landslides, overtopping of sea, forest fires, pollution, etc.). So the most difficult task imposed to the Ministry will surely be to develop a “culture of planning”. There are some good examples of responsible practices but the general attitude is of great remoteness. Yet the concept of property with a social function is still unfamiliar to many citizens and officials, even as there remains a huge deficit of participation, control and accountability of decision-makers at different levels. Acknowledging that landscape reveals the human intervention to a certain culture of collective action and the result of successive generations, is now very important to know which ethics rules over our actions? Which “brands” do we want to leave to future generations? The various approaches in this magazine are an excellent contribution to understanding the broad mission of MAMAOT in the regulation of the use we make of territory and the way we operate with landscape - now the subject of directives and conventions, and defended by Landscape Architects for over sixty years. The following articles demonstrate the need for a landscape policy as set out by the National Policy of Spatial Planning, but not yet developed.*

**O MAMAOT recebe uma herança pesada, por no nosso país terem prevalecido, demasiadas vezes, as políticas sectoriais, as visões e os programas estreitos (quanto à área de intervenção, aos objectivos e à sua realização temporal) e, ainda, por se terem privilegiado os interesses de alguns indivíduos ou grupos.**

*MAMAOT inherits a large dept for the reason that in Portugal has prevailed, too often, sectoral policies, a small scale vision and short programmes (regarding its area of intervention, its objectives and implementation length) and also for having privileged the interests of some individuals or groups.*

**Rosário Salema**

DIREÇÃO DA REVISTA AP  
AP REVIEW DIRECTOR



/6

/7

O tema lançado neste número aborda a paisagem como fonte produtora de riqueza. "Paisagens Produtivas" abarca algumas formas, entre muitas, de produção de riqueza.

O turismo pitoresco da Toscana (Itália); a vinha em socacos no Douro (Portugal); os olivais das serras quentes da Andaluzia (Espanha); as planícies alagadas do Pantanal (Brasil), os terraços de arroz nas montanhas de Longsheng (China); o chá nas encostas altas e húmidas de Cochin (Índia); os campos cerealíferos do "Corn Belt" (Estados Unidos); o parque marítimo eólico de Thanet na costa de Kent (Reino Unido); as florestas da "terra dos mil lagos" na Masúria (Polónia). Paisagens que de imediato associamos a produção de riqueza. Paisagens produtivas a uma grande escala. Umas mais transformadas e habitadas, outras menos.

Agora um olhar exclusivamente focado no território nacional. Paisagens que produzem riqueza de forma direta através exploração agrícola, florestal ou mineral. Paisagens há muito exploradas e transformadas em prol da sua aptidão endógena: os campos cerealíferos

dos barros de Beja, os montados Alentejanos, os milharais da lezíria do Tejo, os arrozais do Baixo Mondego, os olivais de Moura, os laranjais de Silves, as pedreiras de mármore do anticlinal de Estremoz. Outras paisagens, menos férteis e mais difíceis na exploração direta da terra, geraram paisagens ricas em biodiversidade e muito atrativas ao turismo de "natureza", tendo beneficiado de algum isolamento, como na Costa Vicentina ou na Ria Formosa que por razões diferentes afastaram a terra do mar e dificultaram o povoamento do litoral. Ou o Parque de Monsanto, que começou por ser uma floresta de proteção de uma serra árida e a cidade foi fazendo dele um lugar de recreio e desporto.

O reconhecimento da paisagem como produção cultural (coletiva), como bem público, encontra-se estritamente ligado à identidade territorial das populações. É exemplo deste caminho a assinatura da "Carta Mediterrânea da Paisagem" (1993) pelas sociedades civis das regiões da Andaluzia, Toscana e Languedoc Roussillon. Esta Carta, onde se definiram normas precisas para o ordenamento das paisagens

mediterrâneas, é o resultado de uma forte identidade das populações em torno das suas paisagens. Mais tarde a Carta Mediterrânea da Paisagem viria a dar origem à Convenção Europeia da Paisagem, em 2004.

Biodiversidade, agricultura, energia, cultura, turismo e ordenamento do território são algumas, entre muitas, formas de produção de riqueza que resultam de um conjunto de processos e dinâmicas culturais e naturais, que se traduzem em paisagens que nomeamos das mais diversas formas.

*The theme of this number - Productive Landscapes - addresses the landscape as a source of wealth production. "Productive Landscapes" includes some forms, among many others, of wealth production: biodiversity, agriculture, energy, culture, tourism and recreation. The picturesque tourism of Tuscany (Italy); the terraced vineyards in the Douro river (Portugal); the warm olive groves of the mountains of Andalusia (Spain); the wetlands of Pantanal (Brazil); the rice fields in the mountains of Longsheng (China); tea on the moist and high slopes of Cochin (India); the cereal fields of the "Corn Belt" (United States); the marine wind park of Thanet, off the coast of Kent (United Kingdom); the forests of the "land of a thousand lakes" in Mazury (Poland). These are Landscapes which we immediately associate to the production of wealth. We mean productive Landscape at a large scale - some more transformed and inhabited, others less. Now let's take a look exclusively focused*

*on national territory. The Portuguese scenario gathers agricultural and forestry landscapes, long exploited and transformed in favour of its endogenous form: the cereal fields of Beja; the Alentejo plains; the cornfields of Alentejo; the rice fields of the Lower Mondego river; the orange groves of Silves; the marble quarries of the Estremoz anticline; the natural park of Ria Formosa in Aveiro; the olive groves of Moura; and many other landscapes that produce wealth. Some of these landscapes produce wealth directly. Others are less fertile and more difficult in the direct production of land: they benefit from some isolation, as the Vicentian coast or the Ria Formosa natural park that, for different reasons, pushed away land from the sea and population settled far from the shoreline, creating landscapes rich in biodiversity and very attractive to "nature" tourism. Another example is the park of Monsanto which began as a forest protecting a desolate mountain and the city began transforming it in a place of recreation and sport. The recognition of landscape as cultural (collective) production and as a public good is closely linked to the territorial identity of the people. A good example of this way of thinking is the "Mediterranean Landscape Charter" (1993) signed by the civil society in the regions of Andalusia, Tuscany and Languedoc Roussillon. This Charter, which set out precise rules for the planning of Mediterranean landscapes, is the result of a strong identity of the people around their landscapes. Later, the Mediterranean Landscape Charter would give rise to the European Landscape Convention in 2004. Biodiversity, agriculture, forestry, energy, recreation, tourism and many other forms of wealth creation that results from a set of processes and natural and cultural dynamics translated into landscapes that we refer to in the most different ways.*





# QUO QUÉ É UMA PAISAGEM?

WHAT IS A LANDSCAPE?

Cláudia Taborda\*

Paisagem enquanto tal não existe. É uma invenção cultural imagética. A cultura codifica e valoriza o meio, a partir do que num determinado momento paisagem é ou significa para a sociedade. Assim, a ideia de paisagem, profundamente enraizada no contexto histórico-cultural europeu, altera-se invariavelmente.

O Renascimento inaugurou a fruição da materialidade territorial como objecto para deleite visual puro, interpretou-a como metáfora cultural abstraída da sua própria realidade, representou-a, recriou-a e inventou-a através de linguagens artísticas de representação. A cultura renascentista cunhou a paisagem como uma causalidade externa. O Iluminismo seleccionou um conteúdo específico da materialidade física e visual vivenciada e vinculou-o a critérios de beleza e moral e difundiu-o como referente de identidade cultural e simbolismo. Culturalmente, paisagem e natureza tornaram-se ontologicamente equivalentes, apesar da ideia de paisagem fundada na dicotomia cultura-natureza. A cultura oitocentista, paradoxalmente, inaugurou a exaltação de *natureza* como meio de resistência à artificialidade da sua própria cultura. A impossibilidade de aceitar a naturalidade daquela artificialidade ou a artificialidade em si mesmo como natural teve e, subsequentemente, ainda tem uma importância relevante no alheamento da humanidade em relação à transformação e produção do seu espaço existencial. Aquela cultura criou e sedimentou um lúcido e consciente *programa-paisagem*; uma inscrição cultural que tem desafiado ou instituído actuações internas à sociedade para uma única formulação e interpretação colectiva do que é paisagem. O poder potencial do que um território transformado por um projecto sócio-político e económico pode manifestar culturalmente tinha sido objectivamente identificado e inscrito na sociedade. Este território cultivado de paisagem foi seleccionado como *medium* para figurar, significar e confirmar uma imagem estetizada efectiva proclamada como natural para satisfazer e completar a cultura em relação a beleza e ao bem moral: paisagem tornou-se um instrumento ideológico. Esta ideia de paisagem integrou arquétipos de natureza e alicerçou-se numa distância crítica que exteriorizou o sujeito do meio. Nostalgia de uma natureza perdida, retorno sócio-cultural a uma existência natural[izada] e redenção parcial dos medos da sociedade, transformadora e em transformação, foram temas que consubstanciaram a fundação e descrição de uma ideia romantizada de paisagem ao longo dos séculos XVIII e XIX.

Durante o século passado, o capitalismo e a sua ideologia foram o melhor dos aliados para conservar, robustecer e eternizar estas visões românticas de paisagem. O capitalismo introduziu mudanças bruscas na sociedade decorrentes da reorganização dos modos de produção. A nova ordem económica e sócio-cultural alterou significativamente o processo e a velocidade de transformação da materialidade territorial. Ao longo do século XX a lógica de acumulação de capital e a sua correspondente reprodução social conduziu à inexorável modernização de territórios globais através de sequências lucrativas de industrialização, desindustrialização e re-localização global de indústrias. A intensidade manifestada dessa transformação introduziu níveis de artificialidade sem precedente no meio e indexou-o com camadas de diversidade material desconhecidas. Enquanto indecifráveis culturalmente foram percebidas e absorvidas como expressão fracturante ou disjunção entre a sociedade e o chão comum sobre o qual a existência tinha sido produzida e vivida. A transformação acelerada do meio abundante; uma supra-estrutura territorial e cultural, acompanhou e é contingente do ritmo da invenção tecnológica.

A nova materialidade visual, de uma superfície territorial até à data reconhecida como paisagem, impossibilitava manter uma imagem coerente capaz de sustentar os ideais anacrónicos românticos e naturalistas.

*Landscape as such, is a cultural and eidetic construct.*

*Culture assigns meaning to the milieu and adjudicates value from which landscape is or signifies to society in a certain moment. Therefore the idea of landscape, deeply rooted in European historical and cultural context, is perpetually shifting.*

*The Renaissance inaugurated the experience of territorial materiality as visual pleasure, to interpret it as cultural metaphor alienated from its own reality and to represent, recreate or invent it through a language of representation. Renaissance culture registered landscape as an external causality. The Enlightenment selected the specific content of visual and physically experienced materiality and imprinted it as both moral beauty and referent of cultural identity and symbolism. Despite the idea of landscape anchored on a culture-nature dichotomy, culturally, landscape and nature became ontologically equivalent. Thus paradoxically it was from within culture that nature was claimed and celebrated as the means of resistance to the artificiality of culture. The impossibility to accept either this naturalness of the criticized artificiality or this same artificiality as absolutely natural in itself, has had a significant role in disengaging mankind from the transformation and production of the existential ground.*

*This culture therefore originated and layered a conscious and lucid landscape agenda, a cultural inscription which has either challenged or instituted societal actions for a single formulation and collective interpretation of what is landscape. The potential power of what a territory shaped by a particular socio-political and economic project can culturally manifest had been identified, integrated and assimilated. This cultivated territory of landscape was selected as the medium to portray, accomplish and convey an effective aestheticized image expressed as natural to please and fulfil culture in relation to moral good and beauty. Landscape was conceptualized as an ideological apparatus. This idea of landscape was created from a critical distance and integrated archetypes of nature. The longing for a lost nature and the call for society to return to a natural[ized] existence and the partial redemption society of its moral fears were the underlying themes for the foundation and description of a romanticized idea of landscape throughout XVIII and XIX centuries. It would be capitalism and its ideology during the last century that would best preserve, strengthen and perpetuate these romanticized views of landscape. Capitalism generated a strong societal shift through the reorganization of the modes of production. This new economic and socio-cultural order significantly altered the process and speed of the transformation of material territoriality. Through the last century, the logic of capital accumulation and its corresponding social reproduction drove the relentless modernization of global territories via lucrative sequences of industrialization, deindustrialization and the global relocation of industries. The manifested intensity of that transformation introduced unprecedented levels of artificiality and*

O volume cénico da imagem anteriormente apropriada e vivida como *continuum culturale* era interpretado como disfuncional ou de descontinuidade, e a sua existência e permanência no quotidiano conflituava com a imagem cultural do seu próprio manifesto ideológico. A sociedade necessitava novamente de instrumentalizar o conteúdo visual de paisagem como significado e o confronto entre um programa material objectivo e uma visão do mundo idealista e ainda romantizada. O binómio ideologia-tecnologia e técnica têm sempre formulado e instituído a ideia do que deve ser culturalmente entendido e referenciado como paisagem, e expandido o âmbito do seu significado através da proliferação de múltiplas imagens simbólicas.

A materialidade territorial tem sido escrutinada por critérios económicos, morais e estéticos dominantes numa cultura. Estes têm demonstrado ser um atributo útil e poderoso para corroborar o valor moral intrínseco do que é uma paisagem. A ideia de paisagem é difundida e propagandeada investida de moral e escudada sob uma ideia prevalecente de natureza como categoria estética consensual e que na qual se instituem movimentos contemporâneos eco-conservadores.

Paisagem tornou-se culturalmente um instrumento de exclusão legitimado, gerando um sistema de categorias redundantes: natural, produtiva, cultural, industrial e outras para [co]responder às expectativas da sociedade e apaziguar uma ansiedade sócio-cultural colectiva provocada por um estigma cultural abstracto e profundamente enraizado: o antagonismo e ruptura entre cultura e natureza. Esta dicotomia tem sido a fonte de disseminação de juízos e preconceitos relacionais e ainda prevalece sobre uma responsabilidade colectiva consciente e crítica na participação da continuidade e produção de paisagem. Nesta era neo-romântica ou post-iluminista

este confronto nostálgico continua a subscrever uma das mais impactantes objectivações da paisagem e que impede a sua emancipação da condição onde há séculos se fixou como objecto de deleite estético e consciência.

A crítica de paisagem necessita de se transferir das relações pré-estabelecidas entre o homem e a natureza para relações ideológicas causais de produção de paisagem. A ideia de paisagem produzida pela autoridade moral de um sujeito externo: o espectador de paisagem, necessita de ser criticamente questionada pela liberdade de um sujeito auto-consciente de ser força de produção activa na cultura dominante: o fazedor de paisagem. A subjectividade individual tem de ser desafiada a vivenciar o mundo-objecto como mundo-sujeito para que culturalmente paisagem deixe de ser assimilada como mero referente visual e estético, uma categoria de juízo. Paisagem enquanto significado necessita de indexar completa a intensidade manifestada do *continuum* do meio porque é um significante constantemente actualizado.

Paisagem não é um objecto para contemplação nem matéria exclusiva da arquitectura paisagista. É uma construção cultural e espacio-temporal específica, um bem e uma mercadoria. O projecto de paisagem coincide com uma agenda económica, política e social específica e paisagem é o resultado espacial desta operação ideológica.

A evolução tecnológica e técnica dos meios e processos de [re]produção gráfica e de representação tem sido um veículo poderoso na distribuição de imagens para normalizar o valor da paisagem. A sociedade contemporânea, por esta razão, passivamente herdou a ideia de paisagem como imagem, um modelo imbuído com uma beleza que expressa as relações entre cultura e natureza; uma ilustração extraída do meio para puro regozijo visual. O uso da imagem tem sido sempre um influente mecanismo para controlar e actuar dentro das



10

*indexed unknown layers of material diversity. While unknown they were culturally perceived and received as forms of fracture or disjunction between society and the common ground upon which life had been produced and experienced. The accelerated transformation of its resourceful milieu, a territorial and cultural suprastructure, corresponded to the pace of technological invention. The new visual materiality of a territory which had been until then recognized as landscape was no longer capable of sustaining a coherent picture of these anachronistic, romantic and naturalistic ideals. The visual volume of the image experienced before as continuum culturale was perceived as dysfunctional or disrupted and its everyday experience conflicted with the cultural image of its own ideological manifesto. Society was again in need to instrumentalize the visual content of landscape as signified and the collision between an objective material agenda and a subjective idealistic and still romanticized world view. Ideology paired with technology and technique has always shaped the idea of what one should be able to recognize as a landscape and expanded the scope of the signified with multiple symbolic images. Throughout the XX Century and still today, the territorial materiality has culturally been scrutinized by dominant economic, moral and aesthetic criteria. These have demonstrated to be powerful and useful tools to corroborate the intrinsic moral value of*

*what is a landscape. The idea of landscape is propagated, invested with moral guilt and sheltered under a prevailing idea of nature as a consensual aesthetic category and consequentially gives rise to contemporary eco-conservatism movements. Landscape as such has become a culturally legitimized device of exclusion, generating a system of redundant categories: natural, productive, cultural, industrial, and others to respond and appease a collective socio-cultural anxiety provoked by an abstract and assimilated cultural stigma: the antagonism and clash between culture and nature. This dichotomy has been the source of disseminated relational and judgemental assumptions and it still prevails over a collective critical and consciously engaged responsibility in continuing and participating in the production of landscape. This nostalgic struggle inserts into the post-Enlightenment era one of the most impactful objectification of landscape, preventing its emancipation from where it was fixed centuries ago as an object of aesthetic pleasure and awareness. The critique of landscape as such needs to shift from the constructed relations between humankind and nature to the causal ideological relations of landscape production. The idea of landscape produced by the moral authority of a detached individual subject: the landscape spectator, needs to be questioned by the freedom of an individual subject who*

*is self aware of being an active production of dominant culture: the landscape maker. The individual subjectivity needs to be provoked to experience the world-object as world-subject. Landscape as such should no longer continue to be culturally assimilated as mere visual and aesthetic referent, a category of judgement. As signified, landscape needs to index the manifested intensity of the milieu continuum plane, a constantly actualized signifier. Landscape is neither an object for contemplation nor an exclusive subject of landscape architecture. It is a time-specific cultural construct, a resource and a commodity. The landscape project coincides with specific economic, political and social agendas and landscape is the spatial result of this ideological operation. The technological and technical evolution of the modes of [re]production of pictures and of representation has been a powerful means to disseminate images to normalize the value of landscape. Contemporary society therefore passively inherited the idea of landscape as image, a model imbued with a beauty that interprets the relations between culture and nature; an illustration extracted from the milieu for pure visual content. The use of image has always been a powerful instrument to control and operate within the logics of socio-spatial production and to construct visual and allegoric entities. 1969 was paramount to the landscape project too.*

*Mankind was finally able to achieve a complete disengagement from earth. The image of this absolute physical detachment was massively distributed, received and reproduced in society. The world had become a pure external object available for abundant interpretations. Technology paired with nostalgia consubstantiated the [re]production of iconographic and symbolic landarchetypes as emblematic desire. This intertwined with speed, image [re]production process, and economies of scale has generated multiple symbolic neo-landarchetypes to celebrate a contemporary eco-romanticized idea of landscape as a global entity. The idea of landscape is thus extracted from its societal locus of origin and consciously imposed on global society as signified, already constituted as a universal topos. The project of landscape renders visible its ideological matrix while society erases the legibility of its own landscape production and [re]naturalizes it. Landscape as such is still perceived as an external spectacular event. The architecture of landscape from within the discipline has produced plenty of ideological and symbolic forms and iconic spaces over time. Landscape is both the subject and the prime matter of landscape architecture and its production is simultaneously spatial and temporal. This latter attribute conjugated with the natural essence of the constructive matter delays a comprehensive reception and*

*engagement from society. The naturalness of the work's prime matter and the fact that time is an agent of construction and erosion sets the peak of completion of most landscape architecture coincident to its decay. Historically, society inherited and kept landscape architecture works those which evoke a memory that represents a strong and dominant ideologically naturalized culture. The landscape architecture work is received as a meaningful given and the subject can only engage its theatricality. Landscape architecture has conceptualized, produced archetypes and celebrated spatial forms to represent visions of a naturalized culture or architected nature. Since mid-XX century the development of economic, social and political paradigms would acknowledge landscape in unprecedented terms. Landscape is abstracted and reduced to an effective apparatus that allows power to [re]create and validate its naturalized ideology in order to recycle a culture-nature dichotomy within society. Of note, at the end of the last century landscape had acquired a status as an active ideological agency, as first recognized by James Corner. Contemporary landscape architecture works are not all infrastructural and strategic solutions to resolve the problems that effect the milieu, but because of their scale and scope they are always consequential. Globalization enhances the politics of landscape architecture operation,*

*introduces speed to the landscape production process and acknowledges landscape as both the means and medium invested with power to represent but not mirror its ideology. Neo-liberalism does not celebrate landscape as such but selectively demands it to be [re]produced as an event or theme, from parody to ecology. Contemporary landscape architecture when operating within a collective social sphere is complicit with the neo-liberal spectacle of landscape; its production a critical reaction to the most demanding task launched by the neoliberal agenda which requires the production of landscape to operate simultaneously as process, phenomenon and event. Art production first brought to attention the existence of the landscape-other in 1968 with the publication of Robert Smithson's essay A Sedimentation of the Mind: Earth Projects. Two decades later, emerging from a critical position in landscape architecture the landscape-other started to operate as an essential transformative prime matter to renew the spatial and societal spectrum of landscape groundwork and to continue its contemporary program. The critique of the fête theme mapped the milieu and found sites for landscape architecture experimentation, from brownfields to infrastructures and residual spaces. A new locus had been created from the by-constructs of capitalism. In this regard, Candlestick Park (1985-93) in San*



lógicas de produção sócio-espacial e para construção de entidades visuais e alegóricas. 1969 foi um momento também marcante para o projecto de paisagem. A humanidade tinha finalmente alcançado uma completa separação da Terra. A imagem deste absoluto apartar físico foi massivamente distribuída, recepcionada e reproduzida para e na sociedade. O mundo tinha-se tornado um puro objecto externo disponível para inúmeras interpretações.

Tecnologia aliada a nostalgia consubstanciou a [re] produção de arquétipos paisagísticos iconográficos e simbólicos como desejo emblemático. Tal, interligado com velocidade, processos de [re]produção de imagem e economias de escala tem gerado múltiplos neo-arquétipos simbólicos para celebrar uma ideia de paisagem eco-romantizada como entidade contemporânea global. A ideia de paisagem extraída do seu locus social de origem, e já constituída como topos universal, é conscientemente imposta como significado a uma sociedade global. O projecto de paisagem torna visível a sua matriz ideológica enquanto a sociedade apaga a legibilidade da produção da sua própria paisagem e a [re]naturaliza. A paisagem continua a ser apreendida como um evento espetacular externo.

A arquitectura da paisagem, a partir da sua disciplina, tem historicamente produzido inúmeras formas simbólicas e ideológicas e espaços icónicos. Paisagem é simultaneamente o sujeito e a matéria prima da arquitectura paisagista. A especificidade da paisagem conjugada com a essencialidade construtiva da sua matéria atrasa a sua completa recepção e apropriação pela sociedade. A naturalidade da matéria e a acção erosiva do tempo alinham o expoente da sua completude com o do seu declínio impondo-lhe uma aparentemente irresolúvel ambiguidade: o significado anacrónico impõe-se à actualização do significante e desvirtua-lhe a expressão completa.

A sociedade herda e perpetua apenas as obras capazes de evocar uma memória representativa de uma cultura

dominante e ideologicamente naturalizada. A obra é assimilada como referente e o sujeito apenas adere à sua teatralidade.

A arquitectura paisagista tem inventado e produzido arquétipos e notabilizado formas espaciais para representar visões de uma cultura naturalizada ou de uma natureza arquitectada. Desde meados do século XX que o desenvolvimento de paradigmas económicos, sociais e políticos tem reconhecido e atribuído à paisagem uma significação sem antecedente. Paisagem é abstraída e reduzida a um eficaz instrumento que possibilita ao poder [re]criar e validar a sua ideologia naturalizada e reciclar a dicotomia cultura-natureza. No final do século a paisagem adquiriu o estatuto de entidade ideológica activa, tal como primeiramente referido por James Corner.

A obra de arquitectura paisagista nem sempre é infra-estrutural ou uma solução estratégica para resolução dos problemas que afectam o meio. Contudo, é sempre consequente pela sua escala e âmbito. A globalização enfatiza as políticas das operações de arquitectura paisagista, introduz velocidade nos processos de produção de paisagem e caracteriza a paisagem como meio e *medium* investidos de poder para representar mas não espelhar a sua ideologia. O neo-liberalismo selectivamente exige que a paisagem seja [re]produzida como um evento ou tema, da paródia à ecologia. A arquitectura paisagista é cúmplice com o espectáculo de paisagem neo-liberal quando actua dentro da esfera social colectiva, e a sua produção resulta de uma reacção crítica a um dos mais difíceis desafios lançados pelo programa neo-liberal: paisagem é simultaneamente processo, fenómeno e evento.

Francisco, CA, a cross-disciplinary work designed by George Hargreaves Associates, produced an unexpected but coherent provocation to society. Earlier in France, Jacques Simon initiated the participatory landscape architecture project and landscape happenings, where landscape was critically acknowledged and used as a political performative matter to call attention to the status of landscape. The past two decades were fundamental to the curation of landscape architecture production as propositions that critically address the legibility of landscape. Magdeburg Open Air Library, Normand Park, Bicycle Path, A Track Printed On The Memory and Seljord and The Legends are recent landscape architecture works built in Europe which clearly underline a contemporary agenda for landscape. Regardless of the specifics of their cultural locality, these works attempt to trace and inscribe a manifestation of collective social engagement within the space of everyday life. They result from recovering landscape from a there to a here status. The construct produced is an open referent that circumscribes multiple narratives as subjective individual experience. It is a non-normative attractor that manifests a spatio-temporality. The landscape work was designed as resilience, to openly receive

the unpredictability of social and participated experience. Their spatiality is not assigned by material formalism, instead it is defined through the activation of inclusive socio-cultural, experimental processes of construction and constant experiential dwelling. Through social participation and landscape indexation these projects built both openness and engagement. Participatory and community projects such as Magdeburg Open Air Library or Normand Park position the subject-maker and the subject-receptor at the same importance and layer self awareness and social responsibility over the dwelling experience. The collective individual subjectivity is internal to this creation process and thus the work is a mirror of the self as well. Bicycle Path, A Track Printed On The Memory and Seljord and The Legends are works that through processes of unveiling used cultural and geological time as a medium to shape collective jouissance as a production internal to society. Memory is a place, not a reference and the narrative is internal to the subject's individuality while dwelling. These works register experience rather than only representing an ideological form, and internalize the individual subjectivity as an active feature to the landscape architecture project. The continuing actualization of the idea of landscape still depends on how the

landscape project is taken as a possibility to disclose cultural attentiveness and social response\*ability. These works are an outcome of what two decades ago landscape architecture had critically started, experimented and pursued, and so no longer to [re]produce natural beauty or aestheticized ecologies.

#### BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

ADORNO, Theodore, BENJAMIN, Walter, BLOCH, Ernst, BRECHT, Bertolt, LUKÁCS, Georg. *Aesthetics and Politics*. London: New York: Verso, 2007  
 AGAMBEN, Giorgio. *Che cos'è un dispositivo?*. Oxford: Blackwell, 1991  
 APPADURAI, Arjun ed., *Globalization*. Durham & London: Duke University Press, 2001  
 ASSUNTO, Rosario. *Il Paesaggio e l'Estetica*. Palermo: Novecento, 1994  
 BADIOU, Alain, FELTHAM, Oliver. *Being and Event*. New York: Continuum, 2007  
 BARTHES, Roland. *Image, Music, Text*. New York: Hill & Wang, 2007  
 BAUDRILLARD, Jean. Jean Baudrillard: *Selected Writings*. Cambridge: Polity Press: Blackwell, 2004

BENJAMIN, Walter. *The Work of Art in the Age of Mechanical Reproduction, and Other writings on Media*. Cambridge MA.: Belknap Press of Harvard University Press, 2008  
 BHABHA, Homi K., *The Location of Culture*. London & New York, Routledge, 2004  
 BIRKSTED, Jan ed., *Landscapes of Memory and Experience*. London: Spon Press, 2000  
 BOYM, Svetlana, *The future of Nostalgia*. New York: Basic Books, 2002  
 CERTEAU, Michel de. *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press, 1984  
 COSGROVE, Denis. *Social Formation and Symbolic Landscape*. Madison-Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1998  
 COSGROVE, Denis, DANIELS, Stephen. *The Iconography of Landscape*. Madison-Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1997  
 CORNER, James ed. *Recovering Landscape*. New York: Princeton Architectural Press, 1999  
 DELEUZE, Gilles. *Desert Islands and Other Texts - 1953-1974*. Los Angeles-California: Semiotext(e), 2004  
 DELEUZE, Gilles. *Two Regimes of Madness - 1975-1995*. Los Angeles-California: Semiotext(e), 2007  
 FRISBY, David, FEATHERSTONE, Mike ed., *Simmel on Culture*. London: Sage Publications, 2006  
 HUNT, John Dixon. *Gardens and the Picturesque: Studies in the History of Landscape Architecture*. Cambridge, MA. MIT Press, 1994

HUNT, John Dixon. *The Afterlife of Gardens*. London: Reaktion Books, Ltd., 2004  
 JAMESON, Frederic, FISH, Stanley. *Postmodernism, or, The Cultural Logic of Late Capitalism*. Durham-North Carolina: Duke University Press, 2001  
 KANT, Immanuel. *Critique of Judgement*. Oxford: Oxford University Press, 2007  
 LEFEBVRE, Henri. *The Production of Space*. Oxford: Blackwell, 1991  
 LEFEBVRE, Henri. *State Space World*. Minneapolis-London: University of Minnesota Press, 2009  
 LEVINSON, Jerrold. *Aesthetics and Ethics: Essays at the Intersection*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001  
 LIPOVSESKY, Gilles. *L'Empire de l'éphémère*. Paris: Gallimard, 1991  
 LYOTARD, Jean-François. *The Postmodern Condition: A report on Knowledge*. Minneapolis: The University of Minnesota Press, 1984  
 MARX, Karl. Grundrisse. *Foundations of the Critique of the Political Economy*. London: Pinguin Classics, 1993  
 MITCHELL, W.J.T. *Landscape and Power*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1994  
 MOUFFE, Chantal. *The Return of the Political*. London-New York: Verso, 2006  
 MOUFFE, Chantal. *On the Political*. London-New York: Routledge, 2005  
 RANCIÈRE, Jacques. *The Politics of Aesthetics*. London: Continuum, 2006

RANCIÈRE, Jacques. *Dissensus: On Politics and Aesthetics*. London: Continuum, 2010  
 RICOEUR, Paul. *Memory History Forgetting*. Chicago: University of Chicago Press, 2006  
 RITTER, Joachim. *Paysage, fonction de l'esthétique dans la société moderne*. Besançon: Les éditions de l'imprimeur, 1997  
 SCHELLEKENS, Elizabeth. *Aesthetics and Morality*. London. New York: Continuum, 2007  
 WALDHEIM, Charles ed., *The Landscape Urbanism Reader*. New York: Princeton Architectural Press, 2000  
 WEISS, Allen S. *Unnatural Horizons: Paradox and Contradiction in Landscape Architecture*. New York: Princeton Architectural Press, 1998  
 ZIZÉK, Slavoj. *Ecology as the new opium for the masses*.  
 BARRAGÁN, Pablo ed., *Sustainabilities*, Milano: Edizioni Charta, 2008, p. 43-47  
 ZIZÉK, Slavoj. *Ecology*. TAYLOR, Astra ed., *Examined Life*, New York: The New Press, 2009, p. 155-183

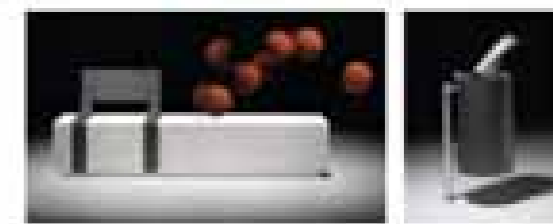
\* CLÁUDIA TABORDA É ARQUITECTA PAISAGISTA [1993 UNIVERSIDADE DE ÉVORA / 1999 HARVARD GRADUATE SCHOOL OF DESIGN].

Landscape Architect from University of Évora and Harvard Design School



A Intadesign é uma empresa editora de mobiliário urbano. Procura corresponder à novas ideias, perspectivando o design como denominador comum da identidade cultural na apropriação do espaço.

design@intadesign.pt | www.intadesign.pt





# AS PAISAGENS PRODUTIVAS NO MUNDO RURAL PERPLEXIDADES E DESAFIOS

PRODUCTIVE LANDSCAPES IN THE  
COUNTRYSIDE - PERPLEXITIES AND CHALLENGES

**Maria da Graça Amaral Neto Saraiva\***

Retomando um velho dilema que há muito questiona a organização territorial, o 'antagonismo cidade-campo', algo redutor num mundo onde cada vez há mais fronteiras e menos limites, propusemo-nos reflectir sobre dificuldades e desafios das paisagens 'ditas rurais' no contexto de uma função produtiva que está actualmente a ser reequacionada.

De facto, o 'rural' é cada vez mais difícil de definir, num mundo urbano em profunda mutação, podendo exprimir-se como territórios de baixa densidade (OCDE, 2004), ou através da tipologia desenvolvida pelo Programa ESPON (2006) pela conjugação de indicadores como os baixos graus de influência urbana e de pegada humana, entre diversos estudos e trabalhos sobre o tema. Em Portugal continental, o Programa Estratégico Nacional de Desenvolvimento Rural (2007-2013), com base em critérios da OCDE, considera como território predominantemente rural cerca de 71% da superfície continental, enquanto 3% terá um padrão predominantemente urbano (GPPAA, 2006).

Contudo, quem percorre esse território usando a densa rede de autoestradas e delas contempla a paisagem envolvente, apercebe-se de traços de uma ocupação urbana que, muitas vezes de uma forma mais ou menos fragmentada, atesta a alteração das actividades humanas e dos modos de vida, que se têm vindo a desligar da agricultura como actividade produtiva.

A tendência tem sido, de modo geral, de acentuado despovoamento das zonas periféricas e concentração nos núcleos urbanos e abandono das terras e da actividade agrícola, confirmada pelos dados estatísticos nas últimas décadas. Em regiões específicas, com bons recursos edafoclimáticos e/ou disponibilidades hídricas, como por exemplo a lezíria do Tejo, a faixa costeira alentejana, entre outras, a produção agrícola intensificou-se, com recurso a grandes *inputs* energéticos e tecnológicos, com os inerentes riscos de degradação ambiental dos recursos e de artificialização da paisagem.

As políticas agrícolas, europeia e nacional, embora inscrevendo nos seus programas objectivos de desenvolvimento rural e de protecção ambiental (e da paisagem), têm-se revelado, no nosso país, nas últimas décadas, desadequadas, contraditórias e distantes das realidades sócio-ecológicas do território e da paisagem das zonas rurais. Um dos efeitos foi a drástica redução da população activa no sector agrícola, inicialmente considerada como um objectivo de 'modernização', associada ao despovoamento das zonas rurais, e que actualmente atinge, nalgumas regiões, limiares impeditivos da reanimação da actividade sócio-económica, do tecido social e da manutenção dos serviços ambientais e culturais actualmente 'solicitados' ao mundo rural. O 'desligamento', conceito presente na política recente de ajudas à produção é, paradigmaticamente, um termo que se pode também aplicar ao desfasamento que se tem vindo a verificar entre o conhecimento, empírico ou científico, das condicionantes e aptidões agro-ecológicas das regiões rurais e dos sistemas agro-silvo-pastoris que lhe estavam adaptados, desenvolvido ao longo de gerações por agricultores e técnicos de ordenamento rural, face ao desenho de medidas de política sectoriais e uniformizadoras,

controladas burocraticamente. No entanto, o valor da paisagem rural tem vindo a ser crescentemente reconhecido pelos seus múltiplos valores, cultural, identitário, simbólico, nostálgico, repositório de aspirações e representações, tanto por entidades responsáveis pelo ordenamento territorial, como pelo público em geral, nomeadamente pelos 'urbanos' assoberbados pelo *stress* que domina as suas vidas quotidianas.

De facto, ao mundo rural e suas paisagens são 'pedidos' actualmente várias funções e serviços, no que actualmente se entende por multifuncionalidade, nomeadamente: a produção de alimentos e matérias primas; o desempenho de serviços ambientais e ecossistémicos; o proporcionar serviços complementares como o turismo rural e de natureza, caça e pesca, visitaçao, lazer e recreio; o assegurar dos rendimentos dos produtores agrícolas e da competitividade das explorações, bem como do desenvolvimento das regiões onde se inserem; o facultar benefícios culturais e estéticos, como a qualidade paisagística, os valores identitários e tradicionais, a preservação do património cultural e imaterial. A multifuncionalidade das paisagens rurais surge simultaneamente como um novo paradigma, podendo ser entendida como 'produtiva', no conceito mais vasto desse termo, isto é, abrangendo o conjunto desses 'produtos'. Por outro lado, surge por vezes como conceito 'politicamente correcto', não tendo totalmente em conta a realidade e dificuldades dos problemas do mundo rural e dos seus múltiplos actores, bem como de possíveis contradições entre as várias funções consideradas.

As paisagens rurais raramente são planeadas ou projectadas, no sentido pericial do termo, sendo no entanto construídas e geridas por actores muito diversos e com distintos interesses e motivações, muitas vezes contraditórios, reflectindo intervenções passadas e presentes e influenciando o seu futuro, sendo o factor tempo muito relevante na apreciação e percepção que delas temos na actualidade. Reflectem não só a aplicação de políticas públicas e de interesses económicos privados, como também de decisões individuais dos agricultores ao nível da gestão da sua exploração, resultando num mosaico complexo, que pode ser percebido segundo diferentes perspectivas de coerência, resultando em paisagens mais ou menos 'ordenadas' ou 'desordenadas'. Neste contexto, a prossecução de medidas de ordenamento territorial é geralmente sujeita a constrangimentos, tendo em conta a multiplicidade dos actores envolvidos, mas pode constituir um interessante processo de aprendizagem através do seu envolvimento.

As intervenções na paisagem rural, sua valorização e ordenamento não podem assim deixar de ter em conta as dimensões sociais e culturais das populações rurais, nomeadamente agricultores e produtores agro-florestais, entre outros, cujas motivações têm um forte cariz económico, como é óbvio, mas reflectem também visões, percepções e representações das paisagens e dos territórios rurais, suas histórias, potencialidades, práticas, saberes, estratégias e devires.

Por outro lado, a ausência de uma visão estratégica de planeamento da paisagem global, face à multitudine de



IGTs, (PROT, PMOTs, PROF, etc.) de cariz excessivamente regulamentar, muitas vezes desarticulados entre si, que não são facilmente entendidos pelas populações e pelos actores envolvidos, dificulta o debate e a formulação de visões estratégicas para o futuro das comunidades rurais e do território em que se enquadram.

São, assim, muitas as dificuldades que se colocam a uma gestão sustentável da paisagem rural, actividade forçosamente integradora das capacidades e aptidões biofísicas e culturais do território e do solo rural, face à sectorização das medidas e instrumentos que, no contexto actual, a enquadram e regulamentam.

Da abordagem conceptual à prática - experiências na gestão de uma paisagem rural produtiva na Charneca Ribatejana Estas questões gerais aqui analisadas devem ser equacionadas e confrontadas ao nível local, das experiências concretas 'no terreno', na gestão do dia a dia; razão pela qual se apresentam seguidamente algumas reflexões sobre a experiência pessoal sentida pela autora, enquanto arquitecta paisagista que, tendo desenvolvido a prática profissional no domínio do ordenamento do território, passou a ter responsabilidades directas de gestão de uma exploração agro-florestal num território rural 'periférico', a Charneca Ribatejana.

Esta unidade de paisagem é descrita por Cancela d'Abreu et al., 2004, como sendo "uma paisagem tranquila, por vezes monótona, com um relevo ondulado suave, a que está associado o montado de sobre, cortada por vales que tradicionalmente tinham uma utilização agrícola. Apresenta uma baixa densidade populacional e povoamento concentrado. Domina a grande propriedade, com uma exploração de solo extensiva, tanto ligada ao montado como a plantações estremes (de pinheiro e de eucaliptos), ou ainda, a povoamentos mistos destas espécies." (inserir imagens) A experiência desenvolvida desde há alguns anos na gestão dessa exploração levou à percepção que as visões periciais sobre a paisagem podem ser muito distintas das que se desenvolvem 'no terreno'. Enquanto que, de um ponto de vista pericial, a paisagem é geralmente considerada como um todo e de modo global e contínuo, na perspectiva da exploração, é vista como uma unidade específica e de limites precisos, uma 'ilha' de território que concentra todas as preocupações e onde a 'envolvente' deixa de ter grande significado. Nesta 'ilha' incidem regulamentações oriundas de várias políticas públicas, a diversos níveis, não concertadas, e relativamente às quais o agricultor/gestor tem que encontrar o 'fio condutor' entre orientações ziguezagueantes e disposições que denotam incongruências e desarticulações entre instrumentos regulamentares dos processos de gestão. São múltiplas e

confusas as 'siglas' e regulamentações com que se torna necessário lidar (RPU, MAA, PRODER, condicionalidade, etc), tornando a actividade de gestão um esforço administrativo e burocrático.

No contexto da gestão da exploração, tem sido privilegiado o sistema tradicional agro-silvo-pastoril, com a criação de ovinos em regime extensivo e em Modo de Produção Biológico, associado à pastagem sob coberto de montado e ao estabelecimento de pastagens permanentes biodiversas, recorrendo, tanto quanto possível, aos instrumentos vigentes de apoio da política agrícola. Constatou-se no entanto a dificuldade de ajustamento de um sistema multifuncional, como é o agro-silvo-pastoril, ao leque de medidas existentes que incidem, geralmente, ou sobre áreas agrícolas ou florestais, considerando-as mutuamente exclusivas, o que não se adequa à realidade e complementaridade deste tipo de sistemas tradicionais, adaptados à região em causa.

#### Nota Final

As experiências de valorização de paisagens rurais deverão integrar projectos técnicos e periciais de intervenção, ordenamento, valorização e gestão, associados à compreensão das dimensões sociais, culturais, tradicionais e identitárias dos lugares e envolvendo as comunidades locais. A integração destas várias dimensões assume uma importância fulcral para a viabilidade dos sistemas agro-silvo-pastoris produtivos e para a sustentabilidade da paisagem e das comunidades presentes no território.

Esta preocupação de integração das populações e actores na gestão e construção da paisagem insere-se na linha defendida pela Convenção Europeia da Paisagem (CEP), nas suas dimensões democrática, participativa e prospectiva. O processo de construção dos 'objectivos de qualidade paisagística', previstos pela CEP, de integração das aspirações das populações, relativamente às características paisagísticas do seu quadro de vida, na formulação das políticas a desenvolver pelas autoridades públicas, pode constituir um interessante desafio para a construção das futuras paisagens produtivas rurais.

Nesse domínio, a intervenção da arquitectura paisagista pode ser uma contribuição importante, dadas as capacidades para a interpretação, representação, planeamento e desenho da paisagem. Reflectindo sobre paisagens do presente, entendendo as histórias que nelas estão inscritas, interpretando os padrões, as transformações e as potencialidades, poderá apoiar um processo de discussão de possíveis paisagens sustentáveis, imaginando-as e contribuindo para projectar o futuro.



realities and landscape planning of rural areas. One effect was the drastic reduction of active population in agriculture, initially seen as a target of "modernization" associated with the depopulation of rural areas. Currently this phenomenon reaches, in some areas, the limits of socio-economic activity, the social fabric and the environmental and cultural services currently "requested" to rural areas. The "shutdown" – a recent political concept regarding the help to production needs – is paradigmatically a term that may also apply to the lag that has been observed between empirical or scientific knowledge of the conditions and agro-ecological aptitudes of the most rural regions. Agro-forestry-livestock aptitudes were also adapted, developed over generations by farmers and rural planning technicians due to the design of sectoral and uniformed policy measures, bureaucratically controlled. However, the value of the countryside has been increasingly recognized for its multiple values, cultural, identity, symbolic, nostalgic, repository of aspirations and representations - both by entities responsible for spatial planning as well as the general "urban" public overwhelmed by the stress that dominates their daily lives. In fact, several functions and services are now "requests" to the rural world and its landscapes, currently defined by multi-functionality, including:

- The production of food and raw materials;
- The performance of environmental and ecosystem services;
- To provide additional services such as rural and nature tourism, hunting and fishing, leisure and recreation;
- Ensure the income of farmers and competitiveness, as well as the development of the regions where they are;
- Provide the cultural and aesthetic benefits such as landscape quality, identity and traditional values, the preservation of the cultural and intangible heritage.

The multi-functionality of rural landscapes appear simultaneously as a new paradigm and can be understood as "productive" in the wider concept of the term, ie, covering all of these "products". On the other hand, it appears sometimes as a "politically correct" concept, not taking into full account the realities and difficulties of the problems of the countryside and its many players, as well as possible contradictions between the various considered functions. Rural landscapes are rarely planned or contemplated. However these landscapes are built and run by very different actors with different interests and motivations - often contradictory - reflecting past and present interventions and influencing its future. Time is very relevant in the assessment and perception that we have of them today. Landscapes

reflect not only the implementation of public policies and private economic interests but also individual decisions of farmers in the management of their operations, resulting in a complex mosaic which can be perceived by different perspectives of consistency, resulting in more or less "ordered" or "disordered" landscapes. In this context, the pursuit of measures regarding spatial planning is usually subject to constraints, taking into account the multiplicity of actors involved. But it may provide an interesting learning process through their involvement. Interventions in the countryside, their appreciation and spatial planning cannot therefore fail to take into account the social and cultural dimensions of rural people - especially farmers - whose motives have a strong economic nature but also reflect views, perceptions, representations of landscapes and rural areas, its histories, capabilities, practices, knowledge and strategies. On the other hand, the absence of a strategic vision of the global landscape planning, given the multitude of territorial management instruments of excessively regulatory nature, often disjointed from each other. These instruments are not easily understood by people and the actors involved, complicating the debate and the formulation of strategic visions for the future of rural communities and the territory in which they fall into.

Returning to an old dilemma that has long questioned the territorial organization - the "antagonism between city and countryside" - something of a misnomer in a world where there are each day more boundaries and fewer limits, we decided to reflect on the difficulties and challenges of the "so-called rural" landscape in the context of a productive function that is currently being reformulated. In fact, "rural" is increasingly difficult to define in an urban world undergoing a profound change. The "rural" characteristics may be translated in a low-density area (OECD, 2004), or through the typology developed by the ESPON Programme (2006) by combining indicators such as low degrees of urban influence and human footprint across several

studies and papers on the subject. In mainland Portugal, the National Strategic Programme for Rural Development (2007-2013), based on OECD criteria, considers the predominantly rural area about 71% of the land surface, while 3% will be predominantly urban (GPPAA, 2006). However, anyone who travels around the Portuguese territory using the dense network of highways and admiring the landscape surrounding it, perceives traces of an urban settlement that often in a more or less fragmented way confirms the changing of human activities and ways of life, which have been disconnecting from agriculture as a productive activity. The trend has been of depopulation of

peripheral areas and concentration in urban areas and abandonment of agricultural activity, confirmed by the statistics in recent decades. In specific regions with good soil conditions and climatic resources and water availability such as the flatlands of Tagus river, the Alentejo coast, among others, the agricultural production was intensified, using large energy inputs and technology, with inherent risks of environmental degradation of resources and artificiality of the landscape. Portuguese and European agricultural policies, although mentioning objectives of rural development and environmental (and landscape) protection, have proved in our country in recent decades to be inadequate, contradictory and far from the socio-ecological

Therefore there are many difficulties facing the sustainable management of the countryside. This is an integrated capability regarding the biophysical and cultural territory and rural countryside, given the instruments - in the current context - that regulate it. From conceptual approach to practice experiments in managing a productive rural landscape in the Ribatejo Heath. These issues should be analyzed at a local level and with concrete experiences "on the ground" in the everyday management; that is the reason why it is going to be presented some reflections on the experience felt by this author. This is the result of being a landscape architect that having developed professional practice in the field of spatial planning, began to have direct management responsibility for an agro-forestry complex in a rural "peripheral" area: the Heath of Ribatejo.

This landscape is described by Cancela d'Abreu et al. (2004), as "a tranquil landscape, although sometimes monotonous, with a gently undulating topography which is associated with cork oak forests, cut by valleys that traditionally have had agricultural applications. It has a low population density and concentration. Large estate is dominant with an extensive exploration of the soil in pine and eucalyptus plantations or even with mixed stands of these species".

The experience developed for several years in the management of that agro-forestry exploration led to the perception that the expert views of the landscape can be very different from those developed "on the ground". While from a forensic point of view landscape is generally considered as a whole and on a comprehensive and continuous view, in the perspective of a single exploration as a holding unit it is seen with specific and precise limits - an "island" of territory which concentrates all concerns and where the "surrounding area" ceases to be of great significance. This "island" faces regulatory focus from several public uncoordinated policies at different levels and for which the farmer / manager has to find the "right track" between zigzag guidelines and provisions that show inconsistencies between dislocations and regulatory instruments of the processes of management. The "acronyms" and regulations are multiple and confusing to deal with (RPU, MAA, PRODER, compliance, etc.), turning management into an administrative and bureaucratic effort.

In a management context the traditional agro-forestry system has been privileged with sheep production in extensive regime and in Organic Production Mode associated with structure-covered grazing and to the establishment of permanent grassland biodiversity using, whenever as possible, the existing supporting instruments of agricultural policy.

There is however the difficulty of fitting a multifunctional system, such as agriculture and forestry, to the range of existing measures that focus generally on agricultural or on forest areas, considering them mutually exclusive - which is not appropriate and complementary to the reality of this type of traditional systems, adapted to the region concerned.

#### Concluding Note

The experiences of valorisation of rural landscapes should integrate technical projects and expert intervention, planning, valuation and management, coupled with the understanding of social, cultural, traditional and identity of places and involving local communities. The integration of these various dimensions is of central importance to the viability of agro-forestry production and to the sustainability of the landscape and communities in the area.

This need for integration of population and managers of landscape is part of the line advocated by the European Landscape Convention (ELC) in terms of its democratic, participatory and forward-looking dimensions. The process of constructing "landscape quality objectives" - predicted by the ELC - of integration of people's aspirations in relation to landscape features of their living environment and the formulation of policies to be developed by public authorities may be an interesting challenge for construction of future productive rural landscapes. In this domain, the intervention of landscape architecture can be an important contribution, given the capacity for interpretation, representation, spatial planning and landscape design. Reflecting on the current landscape, understanding the stories that are inscribed on it, interpreting patterns, transformations and potentialities, landscape architecture will be able to support a process of discussion of possible sustainable landscapes, imagining them and helping to plan the future.

\* ARQUITECTA PAISAGISTA, PROFESSORA ASSOCIADA DA FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA  
Landscape Architect, Associate Professor at the Faculty of Architecture of the Technical University of Lisbon



#### Referências bibliográficas References

- Cancela d'Abreu, A.; Pinto Correia, T. e Oliveira, R. 2004 — **Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental**. Universidade de Évora, Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano, Lisboa.
- ESPON, 2006 – *Territory matters for competitiveness and cohesion. Facets of regional diversity and potentials in Europe*. ESPON Synthesis Report III, European Spatial Planning Observation Network.
- GPPAA, 2006 – **Plano Estratégico Nacional de Desenvolvimento Rural (2007-2013) Portugal (versão de 27.1.2006)**. Gabinete de Planeamento e Políticas Agro-Alimentares Ministério da Agricultura, Desenvolvimento Rural e Pescas, Lisboa.
- OCDE, 2004 – OECD Agricultural Policies 2004, at a Glance. *Organisation for Economic Co-operation and Development, Paris*.
- Cancela d'Abreu, A., Pinto Correia, T. and Oliveira, R. 2004 - Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental. University of Évora, Directorate General of Spatial Planning and Urban Development, Lisbon.
- ESPON, 2006 - Territory matters for competitiveness and Cohesion. Facets of regional diversity and potentials in Europe. ESPON Synthesis Report III, European Spatial Planning Observation Network.
- GPPAA, 2006-National Strategic Plan for Rural Development (2007-2013) Portugal (27.1.2006 version). Agriculture Planning, Rural Development and Fishing Industry Department, Lisbon.
- OECD, 2004 - OECD Agricultural Policies 2004, at a Glance. Organisation for Economic Co-operation and Development, Paris.



/20

***O homem desempenha na modelação da paisagem um papel muito importante; pode ser considerado, neste aspeto, como um autêntico criador de beleza.***

GONÇALO RIBEIRO TELLES,  
revista Cidade Nova, 1956, IV série, 4.

Para compreender a paisagem como produtora de cultura temos de entender que o património cultural tem de ser hoje considerado em termos amplos, pondo no centro as pessoas e a sua relação com a sociedade e a natureza. Todos têm o direito de participar na valorização do património cultural e ambiental, segundo as suas escolhas, como modo de assegurar o direito a tomar parte livremente na vida cultural. Daí a importância de promover e aprofundar a participação dos cidadãos na gestão e preservação do património cultural. Daí a necessidade de colocar a pessoa humana e os seus valores no centro de conceito novo, alargado e transversal, de património cultural. Por isso, destacamos o valor e o potencial do património cultural bem gerido como recurso do desenvolvimento durável e da qualidade de vida. E, no fundo, a paisagem é, por excelência, o ponto de encontro entre o património material e imaterial, a humanidade e a natureza, a pessoa e o meio.

O pluralismo, a liberdade, a abertura, a compreensão do outro e do diferente são peças fundamentais numa "sociedade de cultura", onde a dignidade humana seja colocada no centro da organização humana. De facto, as grandes crises da História superaram-se pela lenta e segura tomada de consciência dos cidadãos e da sociedade e pelo reconhecimento do valor universal da dignidade humana. E não podemos esquecer que a coesão social, económica, cultural e territorial exige trocas e projetos comuns, justiça e equidade. Essa troca,

esse enriquecimento mútuo, permitem que os naturais choques de gerações produzam efeito positivo, num primeiro momento pelo choque e pela rutura e, num segundo tempo, pela incorporação do novo no património comum, aceite como fazendo parte do acervo histórico.

Daí a adoção de uma nova Convenção-Quadro do Conselho da Europa sobre o Valor do Património Cultural na Sociedade Contemporânea, assinada na cidade de Faro, em Portugal, a 27 de Outubro de 2005, que entrou em vigor em 1 de Junho de 2011. Temos de atribuir, nesta linha, um valor especial ao património cultural e à memória, como realidades que se projetam no presente e contribuem para um mundo melhor. Afinal, o património cultural está, cada vez mais, na convergência dinâmica entre a herança material e imaterial, representada pelos monumentos e pelas tradições, pelos costumes e pelas mentalidades, de um lado, e a criação cultural contemporânea, a inovação e a modernidade, de outro.

Trata-se de tentar entender a importância fundamental do valor acrescentado que as novas gerações somam e incorporam na realidade cultural dinâmica de que somos protagonistas, não como realidade autónoma ou de geração espontânea, mas como algo que se insere na afirmação histórica de uma humanidade que evolui através da sua ilimitada capacidade de contrariar os determinismos de um destino cego. Assim, uma paisagem, um monumento histórico, um lugar, uma tradição têm de ser defendidos e preservados não só porque representam um sinal de presença humana e de vida, mas também porque contribuem decisivamente para enriquecer a nossa existência. Não estamos sós, em cada momento. A História faz-se com os contemporâneos e com aqueles que tornaram possível a nossa existência e constituíram as gerações que nos antecederam.

É fundamental o reconhecimento do "valor" para a sociedade do património histórico e da cultura, considerados como resultado de uma dialética entre a natureza e a humanidade e entre o que recebemos e o que legamos relativamente à criação humana. Os valores não são objetos ideais. E os

***Man plays a very important role in shaping landscape; in this aspect he can be considered an authentic creator of beauty.***

GONÇALO RIBEIRO TELLES,  
Cidade Nova Journal, 1956, Series IV, 4.

To understand landscape as a producer of culture we have to understand that cultural heritage must now be considered in broad terms, putting people and its relationship with society and nature at the centre point. According to their choices, everyone has the right to participate in the appreciation of cultural and environmental heritage as a way of ensuring the right to participate freely in cultural life. Therefore we refer to the importance of promoting and strengthening the participation of citizens in the management and preservation of cultural heritage. As a result, there is the need to place the individual and its values in the centre of a new concept of extended and cross-cultural heritage. Consequently, we highlight the value and potential of a well managed cultural heritage as a feature of sustainable development and quality of life. And in the end, landscape is, par excellence, the meeting point between the tangible and intangible heritage, humanity and nature, the individual and the environment. Pluralism, freedom, openness, understanding each other's equalities and differences are fundamental in a "society of culture" where human dignity is at the centre of human organization. In fact, the biggest crises in history were overcome by the slow and safe awareness of citizens and society and by the recognition of the universal value of human dignity. And do not forget that social, economic, cultural and territorial cohesion demands exchanges, common projects, justice and equity. This exchange, this mutual enrichment, allows natural shocks of generations to produce positive effects - at first by shock and rupture, and then by the incorporation of new assets in common heritage, accepted as part of the historical collection.

For this reason there was the adoption of a new Framework Convention of the European Council on the Value of Cultural Heritage in

Contemporary Society, signed in the city of Faro in Portugal, October 27, 2005, which entered into force on June 1, 2011. We have to stress a special value to the cultural heritage and memory as realities that exist in the present and contribute to a better world. After all, cultural heritage is in the dynamic convergence between the material and immaterial heritage, represented on one hand by monuments and traditions, habits and mentality and on the other hand by contemporary cultural creation, innovation and modernity.

The objective is to try to understand the fundamental importance of added value that new generations add and incorporate in the dynamic cultural reality in which we are actors. Not as an autonomous reality or a spontaneous generation, but as something that falls within an historic affirmation of humanity that evolves through its unlimited ability to thwart the determinism of fate. Thus, a landscape, a historic monument, a place and a tradition must be defended and preserved not only because they represent a sign of human presence and life, but also because they contribute decisively to enrich our existence. We are not alone, at all times. History is created in the contemporaneity and with the participation of those who made our existence possible: the generations that preceded us.

It is important to recognize "value" for the historical and cultural heritage to society. This is considered as the result of a dialectics between nature and humanity and between what we receive and bequeath respecting human creation. Values are not ideals. And cultural phenomena are part of that quality: they don't fit in "static models", they make part of the "historical experience" horizon.

Cultural diversity and pluralism must be preserved with special care against the undifferentiated homogenization or harmonization. And when we speak of a "common heritage" the truth is that this is the original construction, based on the extension of the rule of law in the diversity of cultures, the original sovereignty of nation states, the dual legitimacy (of states and citizens), the adequacy of common objectives to the new circumstance of economic and social heterogeneity, with an emphasis on creating a space of peace and security and a greater sharing of responsibilities in the economic and sustainable development. This is why it became important, in the name of human dignity and the





fenómenos culturais participam dessa qualidade, não cabendo em “modelos estáticos”, devendo, sim, inserir-se no horizonte da “experiência histórica”.

A diversidade cultural e o pluralismo têm de ser preservados, com especiais cuidados, contra a homogeneização ou a harmonização indiferenciada. E quando falamos de um “património comum”, a verdade é que estamos perante a construção original, baseada na extensão do Estado de direito, na diversidade das culturas, na soberania originária dos Estados-nações, na dupla legitimidade (dos Estados e dos cidadãos), na adequação de objetivos comuns à nova circunstância da heterogeneidade económica e social, pondo a tônica na criação de um espaço de segurança e de paz e numa maior partilha de responsabilidades nos domínios económico e do desenvolvimento durável. Eis por que se tornou importante, em nome da dignidade humana e da procura de um “património ou herança comum”, considerar os valores que o homem intui na sua experiência individual e social e que, depois, reelabora racionalmente, com ideias de proporção e de ordem, com vista à realização do bem comum, segundo uma proporção exigida pelos valores da pessoa e pela conservação e desenvolvimento da cultura.

Impõe-se, deste modo, procurar os caminhos adequados para garantir a um tempo o reconhecimento das diferenças culturais contra todas as tentações de homogeneização e de centralização uniformizadora, bem como da importância da preservação e do desenvolvimento da proteção dos valores comuns da cultura. Enquanto criação humana, a cultura exige a compreensão do tempo, da história, da natureza e da sociedade. Assim, a obra de arte, a proposição filosófica ou a norma jurídica, uma vez criadas ou formuladas, adquirem vida própria, tornam-se independentes do seu autor e do seu criador, tornam-se portadoras de uma plenitude de ser e de um sentido próprio, aberto ao conhecimento e à interpretação. Por um lado, devemos ter presente uma visão marcada pela História, que reforça a circunstância existencial e social e que projeta a vida humana para além de uma visão fechada e redutora. E a saída está na consideração de uma tripla dimensão da vida humana, como realidade individual, social e histórica.

Definido ao longo do tempo pela ação humana, o património cultural, longe de se submeter a uma visão imutável, passa a ter de ser considerado como um “conjunto de recursos herdados do passado”, testemunha a expressão de valores, crenças, saberes e tradições em contínua evolução e mudança. O tempo, a história, a natureza e a sociedade estão em contacto permanente. Nada pode ser compreendido e valorizado sem esse diálogo extremamente rico. Usando a

expressão de Rabelais, estamos sempre perante “pedras vivas”, já que as “pedras mortas” dão testemunho das primeiras.

O património surge, nesta lógica, como primeiro recurso de compromisso democrático em prol da dignidade da pessoa humana, da diversidade cultural e do desenvolvimento durável. E constitui um capital cultural resultante do engenho e do trabalho de mulheres e homens, tornando-se fator de desenvolvimento e incentivo à criatividade. Quando falamos de respeito mútuo entre culturas e as diversas expressões da criatividade e da tradição estamos, assim, a considerar o valor que a sociedade atribui ao seu património cultural e histórico ou à sua memória como fator fundamental para evitar e prevenir o “choque de civilizações”, mas, mais do que isso, para criar bases sólidas de entreaajuda e de entendimento.

Quantas vezes um mesmo bem patrimonial pode estar ligado a tradições diferentes? Um templo pode ter na sua existência referências muito diferentes – pode ter sido sinagoga, igreja e mesquita. As mudanças fizeram-se violentamente, e haverá a tendência para valorizar apenas a conceção dominante atual. Ou bem que há tensão conflitual ou não. Mas caberá à sociedade encontrar o denominador comum, que permita evitar ser aquele monumento fonte de conflito.

Impõe-se o reconhecimento mútuo do património inerente às diversas tradições culturais que coexistem no continente e uma responsabilidade moral partilhada na transmissão do património às futuras gerações. E não esqueçamos “o contributo do património cultural para a sociedade e o desenvolvimento humano”, no sentido de incentivar o diálogo intercultural, o respeito mútuo e a paz, a melhoria da qualidade de vida e a adoção de critérios de uso durável dos recursos culturais do território. Daí a importância da “cooperação responsável” na sociedade contemporânea, através da ação conjugada dos poderes públicos, do mundo da economia e do voluntariado.

Perante a exigência do reconhecimento mútuo do património inerente às diversas tradições culturais que coexistem e de uma responsabilidade moral partilhada na transmissão do património às futuras gerações, realizamos um exercício prático, onde, a propósito da herança cultural e da salvaguarda de marcos de memória, descobrimos a importância do diálogo entre valores e factos, entre ideais e interesses, entre autonomia e heteronomia. O certo é que os valores quando reconhecidos socialmente adquirem um carácter de permanência, tornam-se expressão da memória e do movimento, da tradição e da criação e aliam-se às constantes e invariáveis axiológicas numa relação complexa em que

*demand for a “common heritage”, to consider values that man possess in his individual and social experience. Then he reworks rationally with ideas of proportion and order trying to achieve the common good, according to a proportion required by the values of the individual and the preservation and development of culture.*

*We must, therefore, look for ways to ensure the recognition of cultural differences against all temptations of centralization and homogenization as well as the importance of preserving and developing the protection of common cultural values. As human creation, culture requires an understanding of time, history, nature and society. Thus, the work of art, the philosophical proposition or the rule of law - once created - take on a life of its own becoming independent of its author and its creator. They become carriers of an own sense of knowledge and are open to interpretation. On one hand we must have a conscience marked by History, reinforcing the social and existential circumstance considering human life beyond a simplistic and close view. And the solution is in the consideration of three*

*dimensions of human life as individual, social and historical reality.*

*Defined over time by human activities, cultural heritage - far from submitting to an unchanging vision - must now be regarded as a “set of features inherited from the past”, witness and expression of values, beliefs, knowledge and traditions in continuous evolution and change. Time, history, nature and society are in constant contact. Nothing can be understood and appreciated without this extremely rich dialogue. Using an expression by Rabelais, we are always before “living stones”, as the “dead stones” witness the first.*

*Heritage appears on this logic, as the first feature of democratic commitment in favour of human dignity, cultural diversity and sustainable development. It is a cultural capital resulting from the skill and work of women and men, becoming a factor of development and encouragement to creativity. When we speak of mutual respect between cultures and diverse expressions of creativity and tradition we are, therefore, considering the value that society attaches to its cultural*

*and historical heritage or to its memory as a key factor to avoid and prevent the “clash of civilizations”. But, more than that, it is intended to create a solid foundation of mutual help and understanding.*

*How many times heritage can be linked to different traditions? A temple can have very different references – it may have been a synagogue, a church and mosque. Changes were made violently and will tend to value only the current dominant conception. Either there is or there is not a conflict. But it is up to society to find the common denominator that would prevent it to be a source of conflict. It must exist a mutual recognition of heritage inherent to the various cultural traditions that coexist on the continent and also a shared moral responsibility in the transference of heritage to future generations. And do not forget “the contribution of cultural heritage for society and human development” in order to encourage intercultural dialogue, mutual respect and peace, improving the quality of life and the adoption of criteria for sustainable use of cultural resources of the territory. Therefore it must be stressed the importance*



o património e a herança culturais tornam-se fatores de liberdade, de responsabilidade, de emancipação, de afirmação da dignidade humana e de respeito mútuo. Uma paisagem, uma obra de arte, uma catedral ou uma choupana tradicional, um conto popular, as danças e os cantares, a língua e os dialetos, as obras dos artesãos, a culinária ancestral – eis-nos perante expressões de valores que põem em contacto a História e a existência individual, a razão e a emoção, que constituem a matéria-prima de uma cultura de conhecimento, de respeito e de paz. Assim poderemos compreender que, de facto, «o homem desempenha na modelação da paisagem um papel muito importante; pode ser considerado, neste aspeto, como um autêntico criador de beleza». E acrescentamos: como um fator decisivo de criação de cultura!

*of “responsible cooperation” in contemporary society, through the joint action of the government, economy and volunteering. Given the requirement of mutual recognition of heritage inherent to diverse and coexisting cultural traditions and a shared moral responsibility in the transference of heritage to future generations, we conducted a practical exercise where – related to cultural heritage - we founded the importance of dialogue between values and facts, between ideals and interests, between autonomy and heteronomy. What is certain is that the socially recognized values receive a continuing basis becoming the expression of memory and movement. The creation of tradition and combination with the constant and axiological invariable turn into a complex relationship in which heritage and culture become factors of freedom, responsibility, empowerment, affirmation of human dignity and mutual respect. A landscape, a work of art, a cathedral or a traditional hut, a folk tale, dances and songs, the language and dialects, the work of craftsmen, the ancestral cuisine - here we have expressions*

*of values that put join History and individual existence, reason and emotion, constituting the raw material of a culture of knowledge, respect and peace. Subsequently we can understand that, in fact, “Man plays a very important role in shaping landscape; in this aspect he can be considered an authentic creator of beauty.” And we can add: as a decisive factor for the creation of culture!*

*\* (1952) -> LICENCIADO E MESTRE EM DIREITO. FOI SECRETÁRIO DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO EDUCATIVA (1995-99), MINISTRO DA EDUCAÇÃO (1999-2000), MINISTRO DA PRESIDÊNCIA (2000-2002) E MINISTRO DAS FINANÇAS (2001-2002). FOI PRESIDENTE DA SEDES (1985-1995). É PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE CONTAS E PRESIDENTE DO CENTRO NACIONAL DE CULTURA. PROFESSOR UNIVERSITÁRIO. SÓCIO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA. PRESIDENTE DO CONSELHO DE PREVENÇÃO DA CORRUPÇÃO. PRESIDENTE DA EUROSAI AUTOR DE DIVERSAS OBRAS, ENTRE AS QUAIS: OLIVEIRA MARTINS, UMA BIOGRAFIA (1986); MINISTÉRIO DAS FINANÇAS. SUBSÍDIOS PARA A SUA HISTÓRIA NO BICENTENÁRIO DA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA FAZENDA (1988); ESCOLA DE CIDADÃOS (1992); O ENIGMA EUROPEU (1994); EDUCAÇÃO OU BARBÁRIE? (1999); O NOVO TRATADO CONSTITUCIONAL EUROPEU (2004); EUROPA, PORTUGAL E A CONSTITUIÇÃO EUROPEIA (COORDENAÇÃO CIENTÍFICA), 2006; PORTUGAL, IDENTIDADE E DIFERENÇA – AVENTURAS DA MEMÓRIA, 2007; O NOVO TRATADO REFORMADOR EUROPEU. TRATADO DE LISBOA – O ESSENCIAL, 2008; PATRIMÓNIO, HERANÇA E MEMÓRIA – A CULTURA COMO CRIAÇÃO, 2009, 2ª ED. 2011; OS GRANDES MESTRES DA ESTRATÉGIA. ESTUDOS SOBRE O PODER, A GUERRA E A PAZ (EDITOR CIENTÍFICO COM ANA PAULA GARCÉS), 2009; 200 ANOS DO NASCIMENTO DE ALEXANDRE HERCULANO. MESTRE-CIDADÃO, 2010.*

*Guilherme d’Oliveira Martins (1952) has a degree and a Master’s degree in Law Studies. He was Secretary of State for Educational Administration (1995-99), Minister of Education (1999-2000), Minister of the Presidency (2000-2002) and Minister of Finance (2001-2002). He was President of the Association for the Social and Economical Development – SEDES (1985-1995). He is President of the Court of Auditors and Chairman of the National Cultural Centre. He is also University teacher and correspondent of the Academy of Social Sciences in Lisbon. He is Chairman of the Prevention of Corruption and President of the European Organisation of Supreme Audit Institutions – EUROSAI. He is also the author of several academic works and papers.*



# /BIODIVERSIDADE, DIMENSÕES, SERVIÇOS E PAISAGEM

BIODIVERSITY, DIMENSIONS,  
SERVICES AND LANDSCAPE

**João Manuel Bernardo\***

A vida é o que de mais extraordinário existe na Terra e a biodiversidade, ou diversidade biológica, é um dos mais extraordinários e fascinantes aspectos da vida. Na sequência de uma longa história evolutiva, desde que a vida surgiu na terra há cerca de 3,8 mil milhões de anos (Dauphas et al. 2004), coexistimos hoje com uma miríade de seres numa imensa variedade de morfologias, ciclos de vida e soluções adaptativas. A capacidade de invenção da natureza nunca deixará de nos espantar e compreende-se que para muitos a sua existência só seja concebível como obra de uma inteligência exterior (e de alguma maneira a justifique).

A biodiversidade significa a variabilidade de organismos vivos de todas as origens incluindo, entre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos e os complexos ecológicos de que fazem parte; isto inclui a diversidade dentro das espécies, entre espécies e dos ecossistemas (CBD 1992). Este conceito, vasto e unificador, engloba portanto todas as formas de vida nas suas múltiplas manifestações, níveis e combinações de variação natural em todos os níveis de organização biológica, da diversidade genética dentro das populações à diversidade de ecossistemas nas paisagens, todos contribuindo para a biodiversidade global. Nesta perspectiva plural da diversidade, os diversos níveis dentro de cada componente podem ser hierarquizados como: A diversidade biológica é pois muito mais do que a diversidade específica, correntemente avaliada ao nível dos ecossistemas. E, tendo a diversidade ecológica um carácter estrutural, poder-se-ia juntar ainda a diversidade funcional, valorizando o grau de complexidade da rede de

*Life is the most extraordinary thing on earth. Biodiversity - or biological diversity - is one of the most extraordinary and fascinating aspects of life.*

*Following a long evolutionary history - since life emerged on earth some 3.8 billion years ago (Dauphas et al. 2004) - we coexist today with a myriad of beings in a wide variety of morphologies, life cycles and adaptive solutions. The capacity of invention that characterizes nature will never cease to amaze us and for many its existence is only conceivable as a work of external intelligence. Biodiversity means the variability among living organisms from all sources including, inter alia, terrestrial, marine and other aquatic ecosystems and the ecological complexes of which they make part; this criterion includes diversity within species, between species and related to ecosystems (CBD 1992). Therefore, this broad and unifying concept includes all forms of life in its many shapes, levels and natural variation combinations. This fact also relates to all levels of biological organization of genetic diversity within populations and to the diversity of ecosystems in landscapes - all contributing to the global biodiversity.*



|   |  |   |
|---|--|---|
| <b>Diversidade Genética</b><br><i>Genetic Diversity</i> | <b>Diversidade taxonómica</b><br><i>Taxonomic diversity</i>  | <b>Diversidade Ecológica</b><br><i>Ecological Diversity</i> |
| Populações <i>Populations</i>                           | Reinos <i>Kingdoms</i>   | Províncias <i>Provinces</i>                                 |
| Organismos <i>Organisms</i>                             | Filos <i>Phyla</i>   | Biomias <i>Biomes</i>                                       |
| Cromossomas <i>Chromosomes</i>                          | Classes <i>Classes</i>   | Ecoregiões <i>Eco-regions</i>                               |
| Genes <i>Genes</i>                                      | Ordens <i>Orders</i>   | Paisagens <i>Landscapes</i>                                 |
| Nucleótidos <i>Nucleotides</i>                          | Famílias <i>Families</i>   | Ecossistemas <i>Ecosystems</i>                              |
|   | Géneros <i>Genders</i>   | <i>Habitats</i> Habitats                                    |
|   | Espécies <i>Species</i>  | Populações <i>Populations</i>                               |
|   | Subespécies, Variedades,<br>Raças geográficas <i>Subspecies,<br/>Varieties, Geographical races</i> |   |

FIGURA 1 / IMAGE 1

Diversidade genética

ligações de natureza diversa que se estabelece entre os organismos que interagem em cada sistema ecológico.

O número de espécies existentes, sendo em si uma questão de relevância discutível, permite dar uma expressão concreta à dimensão mais usual da diversidade biológica. Os procariotas (os organismos mais simples e primitivos, integrando Bacteria e Archaea) representam milhões de espécies e foi sugerido que o número poderá ser superior a esse em várias ordens de grandeza (Dykhuizen 1998,; Torsvik et al. 2002). A dificuldade da questão prende-se, desde logo, com o próprio critério de espécie em bactérias. Relativamente aos eucariotas, estimativas apontam para um número compreendido entre 8 e 9 milhões de espécies, das quais 86% das terrestres e 91% das marinhas não foram ainda descritas (Mora et al. 2011). Os números estimados para os diversos grupos dos eucariotas são, em milhares de espécies (Hawksworth e Kalin-Arroyo 1995, May 2000): Protozoários 100, Fungos

|   |  |   |
|---|--|---|
| <b>Diversidade genética</b><br><i>Genetic Diversity</i> | <b>Diversidade taxonómica</b><br><i>Taxonomic diversity</i>  | <b>Diversidade Ecológica</b><br><i>Ecological Diversity</i> |
| Populações <i>Populations</i>                           | Reinos <i>Kingdoms</i>   | Províncias <i>Provinces</i>                                 |
| Organismos <i>Organisms</i>                             | Filos <i>Phyla</i>   | Biomias <i>Biomes</i>                                       |
| Cromossomas <i>Chromosomes</i>                          | Classes <i>Classes</i>   | Ecoregiões <i>Eco-regions</i>                               |
| Genes <i>Genes</i>                                      | Ordens <i>Orders</i>   | Paisagens <i>Landscapes</i>                                 |
| Nucleótidos <i>Nucleotides</i>                          | Famílias <i>Families</i>   | Ecossistemas <i>Ecosystems</i>                              |
|   | Géneros <i>Genders</i>   | <i>Habitats</i> Habitats                                    |
|   | Espécies <i>Species</i>  | Populações <i>Populations</i>                               |
|   | Subespécies, Variedades,<br>Raças geográficas <i>Subspecies,<br/>Varieties, Geographical races</i> |   |

In this plural perspective of diversity, the different levels within each component can be ranked as: (see image 1)

Biological diversity is therefore much more than the specific diversity, currently assessed at the level of the ecosystems. And – apart from the fact that the ecological diversity has natural characteristics - we could add the functional diversity, valuing the complexity of the network of links of different nature that is established between the organisms that interact in each ecosystem. The number of existing species – as it is a relevant debatable question - allows conferring serious expression to the more

1500, Algas 300, Plantas 320, Nemátodes 500, Artrópodes 4650, Moluscos 120, Cordados (que incluem os vertebrados) 50, e outros 250. O conhecimento de alguns sistemas, como solos, oceano profundo ou florestas tropicais, é ainda muito deficiente e alguns grupos taxonómicos são de discriminação particularmente difícil (por ex. nemátodes) o que afecta fortemente a nossa capacidade de avaliar a diversidade específica global.

A diversidade específica é muito variável de ecossistema para ecossistema, o que tem suscitado desde há várias décadas um contínuo interesse. De entre os factores da diversidade à escala local, há a referir as pressões ambientais (o carácter mais ou menos extremo das condições ambientais e a respectiva variabilidade temporal), a heterogeneidade espacial e a consequente abundância e diversidade de recursos disponíveis que possibilitam a existência de nichos ecológicos diferenciados, a produtividade, e as interações específicas (predação e competição) que contribuem para o controlo populacional das populações em geral e que limitam a capacidade das mais bem adaptadas e agressivas dominarem e eliminarem as restantes. Nas situações em que se verifica uma certa integridade ecológica, a diversidade específica é um factor essencial no funcionamento, estabilidade e persistência dos ecossistemas.

A extinção de espécies é um processo natural. Apenas sobrevive hoje 2 a 4% da totalidade das espécies que alguma vez existiram, tendo-se extinguido a grande maioria das restantes muito antes do aparecimento da espécie humana. Mas a perda de biodiversidade em curso de que hoje tanto se fala é a atribuível às actividades humanas. Esta não é, no entanto, recente e unicamente devida à industrialização e desenvolvimento urbano ocorridos nas últimas décadas, ou mesmo nos últimos 100 anos. A caça terá extinto a megafauna na América do Norte e a generalização da agricultura na Europa levou à destruição de vastíssimas áreas de floresta, com grandes repercussões nas paisagens e, presume-se, na redução da biodiversidade. A taxa actual de redução de espécies é confirmadamente elevada (1000 a 10000 vezes a extinção natural, segundo estimativas conservativas) mas não deixa de ser relevante a transformação ocorrida no passado, particularmente quando pensamos na então reduzida dimensão da população humana e na tecnologia de que dispunha. Qualquer ser humano é um importante consumidor de recursos (alimento e água, matérias-primas, energia, espaço) o que tende a repercutir-se na degradação ambiental, particularmente nos países das economias em desenvolvimento. Enquanto a população humana não parar de crescer, e anualmente milhões de novos consumidores engrossarem a chamada classe média, não é de prever que a tendência actual se altere significativamente. E poderemos sempre culpar a ganância, o desleixo, a incultura e a falta de ética da economia.

As principais causas da perda de biodiversidade são:

- Desaparecimento e fragmentação de *habitats*: redução da dimensão das populações e perda de viabilidade devido a cruzamentos consanguíneos e à maior susceptibilidade a contingências ambientais;
- Degradação ambiental: leva a sistemas desequilibrados, cria condições não toleráveis por muitas espécies que desaparecem;
- Introdução de espécies: pode ser extremamente destrutiva alterando as relações de predação/consumo e competição e o funcionamento do ecossistema;
- Sobreexploração de recursos: a forte pressão de captura sobre espécies de valor comercial causa a deplecção dos *stocks*;
- Alterações climáticas: repercussões nos organismos sem capacidade de tolerar as alterações e deslocar a área de distribuição para fazer face às alterações do meio, entrada e propagação de novas espécies. Relativamente às consequências das alterações climáticas, nem todos os ecossistemas enfrentam riscos semelhantes; os das regiões de clima mediterrânico e as pradarias irão previsivelmente sofrer as maiores alterações na biodiversidade (Sala, 2000).

Os discursos técnicos, políticos e dos "cidadãos comuns" dão hoje uma grande ênfase à necessidade de lutar contra a perda da biodiversidade. A questão essencial subjacente, à margem das perspectivas mais ou menos ingénuas e sentimentais sobre a conservação em geral e de alguma espécie simpática em particular, é em que medida a redução da biodiversidade afecta o funcionamento, a estabilidade e a produtividade dos ecossistemas, sejam eles naturais ou não, e, logo, afecte a nossa espécie. São múltiplas as consequências ecológicas da perda de diversidade, designadamente alterações aos seguintes níveis: disponibilidade de água, micro-clima, frequência de fogos, ciclos biogeoquímicos, produtividade, estrutura da comunidade, eliminação de outras espécies por competição, equilíbrio nas interações predador-presa quebra-se com consequências em cascata por toda a estrutura trófica, controlo pelos predadores das interações competitivas entre

usual dimension of biological diversity. Prokaryotes (the simplest and most primitive organisms, integrating Bacteria and Archaea) represent millions of species and suggested that the number can be higher than those by several orders of magnitude (Dykhuizen 1998, Torsvik et al. 2002). The difficulty of the issue is, therefore, with the sole discretion of species in the bacteria. For eukaryotes, several percentages point to a number between 8 and 9 million species - of which 86% are terrestrial and 91% aquatic – that have not yet been described (Mora et al. 2011). Estimated figures for the various groups of eukaryotes are (Hawksworth and Kalin-Arroyo 1995, May 2000): 100 thousand protozoa; 1500 thousand fungi; 300 thousand algae; 320 thousand plants; 500 thousand nematodes; 4650 thousand arthropods; 120 thousand molluscs, 50 thousand chordates (including vertebrates) and 250 thousand others. Knowledge of some systems such as soils, deep ocean or tropical forests, is still very poor and some taxonomic groups are particularly difficult to discriminate (eg. nematodes) which strongly affects our ability to assess the overall specific diversity. Specific diversity varies greatly from ecosystem to ecosystem, which has caused a continuing interest for several decades. Among the factors of diversity at local level it is important to mention the environmental pressures (the more or less extreme character of environmental conditions and their temporal variability); the spatial heterogeneity and the consequent abundance and diversity of available resources allowing the existence of differentiated ecological niches; productivity; and specific interactions (predation and competition) that contribute to population control in general populations and limiting the ability of the most aggressive and better adapted populations to dominate and eliminate the others. In situations where there is a certain ecological integrity, specific diversity is a key factor in the functioning, stability and persistence of ecosystems.

Species extinction is a natural process. Today only 2 to 4% of all species that ever existed survives, having been extinguished most of the other long before the appearance of the human species. But the loss of biodiversity in the course of which much is said today is attributable to human activities. However, this loss is not recent and caused by industrialization and urban development in the past decades, or even in the last 100 years. Hinting caused the extinction of the North American fauna and the spread of agriculture in Europe led to the destruction of very large areas of forest - with large effects on the landscape and, presumably, reducing biodiversity. The current rate of reduction of species is reportedly high (1000 to 10,000 times the natural extinction, according to conservative estimates) but the transformation in the past is still relevant, particularly when we think of the small size of human population and the technology at that time. Every human being is a major consumer of resources (food and water, raw materials, energy, space) which tends to impact on the environmental degradation, particularly in countries with developing economies. As long as human population does not stop growing - and every year millions of new consumers join the middle class – it is not expected that the current trend will change significantly. And we can always blame greed, carelessness, lack of education and the lack of ethics of the economy. The main causes of biodiversity loss are: — Disappearance and fragmentation of habitats: reducing the size of populations and loss of viability due to inter-related crossings and increased susceptibility to environmental contingencies; — Environmental degradation: it leads to unbalanced systems and creates conditions that are not tolerable regarding the amount of species that disappear; — Introduction of species: it can be extremely



as presas, frequência de pragas, estrutura da paisagem e alteração de valor estético.

A conservação das espécies, ecossistemas, paisagens e ecoregiões deveria decorrer de uma posição ética. "Uma coisa está certa quando leva à preservação da integridade, estabilidade e beleza da comunidade biótica. Está errada quando leva ao oposto" disse Leopold (1949). Mas os argumentos utilitaristas encontram sempre maior adesão, designadamente os relativos aos serviços prestados pelos ecossistemas, os serviços ecológicos.

Os serviços ecológicos constituem os processos e condições dos ecossistemas naturais que suportam e sustentam a vida humana e podem ser divididos em:

- Serviços/produtos fornecidos - alimentos, água doce, madeira, fibras, combustível, químicos, drogas, recursos genéticos;
- Serviços de suporte - ciclos de nutrientes, formação de solo, produção primária, dispersão de sementes;
- Serviços de regulação - regulação climática, regulação de cheias, depuração de água, sequestro de carbono, regulação atmosférica, diminuição da erosão, regulação de pragas e doenças;
- Serviços culturais - estéticos, espirituais, intelectuais, educacionais, recreacionais.

Não é concebível a ecosfera na complexidade dos seus mecanismos de regulação e a vida humana na riqueza das suas múltiplas dimensões sem os serviços ecológicos.

Está hoje generalizado o conceito de multifuncionalidade da paisagem (valorizando as práticas que sustentam um conjunto de serviços económicos, sociais e ambientais) e muita dessa multifuncionalidade decorre precisamente dos serviços ecológicos. Dado o reconhecimento que a relevância destes tem vindo a ganhar, espera-se que daí decorra um novo

paradigma na articulação das questões ambientais, da gestão de recursos naturais, e do ordenamento do território.

O Plano Estratégico da Convenção da Diversidade Biológica (CBD, 2010) refere que, até 2020, pelo menos 17% das áreas terrestres e de águas interiores, e 10% das costeiras e marinhas, especialmente as áreas de particular importância para a biodiversidade e serviços ecológicos, são conservadas através de redes ecologicamente representativas e bem conectadas de áreas protegidas geridas eficaz e imparcialmente e de outras medidas de conservação efectivas para a zona, e integradas no conjunto das paisagens terrestres e marinhas. Acentua-se assim a necessidade da conservação ser desenvolvida à escala dos ecossistemas e paisagens, concepção que tem sido consagrada nas estratégias de conservação de países europeus. A Inglaterra reconhece que é essencial uma mudança que coloque a ênfase numa abordagem mais integrada, à escala da paisagem já que só uma rede ecológica coerente e resiliente será capaz de responder às alterações climáticas e outras pressões e conservar a biodiversidade e os serviços ecológicos (DEFRA 2011). Também a estratégia nacional da biodiversidade da França ilustra bem a necessidade de se intervir à escala das grandes unidades espaciais, à criação de redes verde e azul que evitem a fragmentação e dêem coerência ao território, privilegiando a continuidade, mesmo em meios urbanos onde as infraestruturas verde e azul podem ser criadas ou reforçadas (MEDDTL 2010).

Não há paisagens sem biodiversidade e não há conservação efectiva desta sem ser à escala vasta e integradora das paisagens.

/28

*destructive, causing the change of predation / consumption relation and competition, as well as the ecosystem functioning;*

— *Overexploitation of resources: the strong pressure of harvesting on species of commercial value causes the depletion of stocks;*

— *Climate change: impacts on organisms unable to tolerate the changes and move the range to cope with changes of the medium, entry and spread of new species.*

*Regarding the consequences of climate change, not all ecosystems face similar risks; the Mediterranean climate regions and the prairies will predictably suffer the greatest changes in biodiversity (Sala, 2000).*

*Technical, political and "ordinary people" speeches give now a great emphasis on the need to fight the loss of biodiversity. The essential question - aside the naive and sentimental perspectives about general species and some kind of particular ones - is to what extent the reduction of biodiversity affects the functioning, stability and productivity of ecosystems, whether natural or not, and thus affect our species.*

*The consequences of the loss of ecological diversity are multiple, including amendments to the following levels: water availability, micro-climate, fires, biogeochemical cycles, productivity, community structure, elimination of other species through competition, balance in predator-prey interactions breaks with effects throughout the entire structure, control of predators by competitive interactions between prey, pests, landscape structure and change of its aesthetic value.*

*The conservation of species, ecosystems, landscapes and eco-regions should result from an ethical position. Leopold (1949) referred:*

*"A thing is right when it takes to preserve the integrity, stability and beauty of the biotic community. It is wrong when it takes to the opposite". But the utilitarian arguments are always better accepted, including those related to ecosystem services: the ecological services.*

*The ecological services are the conditions and processes of natural ecosystems that support and sustain human life and can be divided into:*

— *Services / products provided - food, fresh water, timber, fibre, fuel, chemicals, drugs, genetic resources;*

— *Supporting services - nutrient cycling, soil formation, primary production, seed dispersal;*

— *Regulation services - climate regulation, flood regulation, water purification, carbon impounding, atmospheric regulation, reduction of erosion, regulation of pests and diseases;*

— *Cultural services - aesthetic, spiritual, intellectual, educational, recreational.*

*The ecosphere complexity in the regulatory mechanisms and the richness of human life in its multiple dimensions is not conceivable without ecological services. The concept of multi-functionality of the landscape is today generalized (valuing the practices that support a range of economic, social and environmental services) and much of that multi-functionality arises precisely from the ecological services. Given the recognition that the relevance of ecological services has gained, it is expected to ensue a new paradigm of environmental issues, natural resource management and planning. The Strategic Plan of the Convention on Biological Diversity (CBD, 2010) states that by 2020 at least 17% of land area and inland waters and 10% of coastal and marine areas - especially areas of particular importance for biodiversity and*

*ecosystem services - are maintained through ecological networks. Apart from this, they are also maintained through well-connected and ecologically representative protected areas managed effectively and impartially and by other conservation measures for the effective area, and integrated with the terrestrial and marine landscapes. Emphasis is placed on the need for conservation to be developed at the scale of ecosystems and landscapes, a concept that has been enshrined in the conservation strategies of European countries. England recognizes that change is essential to place the emphasis on a more integrated approach at the landscape scale since only a coherent and resilient ecological network will be able to respond to climate change and other pressures and conserve biodiversity and ecological services (DEFRA 2011). Also the national biodiversity strategy in France illustrates the need for action at large spatial units, the creation of green and blue networks to avoid fragmentation and give coherence to the territory, focusing on continuity, even in urban areas where green and blue infrastructure can be created or strengthened (MEDDTL 2010).*

*There are no landscapes without biodiversity. And there is no effectively conservation of biodiversity without the vast range and inclusiveness of landscape.*



#### Referências References

CBD 1992. *Convention on Biological Diversity*. UN.

CBD 2010. *Strategic Plan for Biodiversity 2011–2020 and the Aichi Targets*. "Living in Harmony with Nature". CBD, UN, UNEP.

DEFRA 2011. *Biodiversity 2020: A strategy for England's wildlife and ecosystem services*. DEFRA, L.

DAUPHAS, N. ET AL. 2004. *Clues from Fe isotope variations on the origin of early archaen BIFs from Greenland*. Science 306, 2077–2080.

DYKHUIZEN, D. E. (1998). *Santa Rosalia revisited: Why are there so many species of bacteria?* Antonie van Leeuwenhoek 73, 25–33.

HAWKSWORTH, D. L. E KALIN-ARROYO, M. T. 1995. *Magnitude and distribution of biodiversity*. In V. H. Heywood, ed. Global biodiversity assessment, 107–199. Cambridge University Press, Cambridge, UK.

LEOPOLD, A. 1949. *A Sand County*

*Almanac*. Oxford University Press, N.Y.

MAY, R. M. 2000. *The dimensions of life on earth*. In P. H. Raven e T. Williams, eds. *Nature and Human Society*, 30–45. National Academy Press, Washington.

MORA C. ET AL. 2011. *How Many Species Are There on Earth and in the Ocean?* PLoS Biol 9(8), e1001127. doi:10.1371/journal.pbio.1001127

SALA O. E. ET AL. 2000. *Global Biodiversity Scenarios for the Year 2100*. Science 287, 1770–1774.

MEDDTL 2010. *National Biodiversity Strategy 2011–2020*. Ministère de l'Écologie, du Développement durable, des Transports et du Logement, Paris.

TORSVIK, V. ET AL. 2002. *Prokaryotic diversity-magnitude, dynamics, and controlling factors*. Science 296, 1064–1066.

\* ECÓLOGO, PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA, DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO

Ecologist, Teaches at the University of Évora - Department of Landscape, Environment and Spatial Planning

# /PAISAGEM:

## INSTRUMENTOS OPERACIONAIS E FINANCEIROS EM PORTUGAL QUE PODEM INTERVIR NA MATERIALIZAÇÃO DA POLÍTICA PARA A PAISAGEM.

LANDSCAPE: OPERATIONAL AND FINANCIAL INSTRUMENTS IN PORTUGAL THAT COULD INTERVENE IN THE MATERIALIZATION OF THE LANDSCAPE POLICY.

Luis Durão\*

A materialização dos objectivos de uma Política para a Paisagem em Portugal encontra-se intimamente associada à concretização de intervenções/projectos do domínio público e privado no território o que, nomeadamente na actual situação financeira nacional, exige a disponibilização de estímulos e incentivos financeiros públicos que viabilizem o respectivo potencial de investimento.

Naquele contexto destacam-se os quatro principais instrumentos financeiros públicos aplicados a Portugal, de apoio ao investimento podendo abranger operações que intervêm na paisagem: o Quadro de Referência Estratégico Nacional – QREN 2007-2013, o Programa de Desenvolvimento Rural – PRODER, o Programa Comunitário LIFE + e o Mecanismo Financeiro de Espaço Económico Europeu - MFEEE.

### QREN

O QREN constitui actualmente em Portugal o principal quadro de apoios financeiros (dotação de cerca de 2,1 milhões de euros de fundos comunitários para o período 2007-2013) à realização de investimentos públicos e privados, através dos Fundos Comunitários: FEDER (desenvolvimento regional), Fundo de Coesão e FSE (social). Relativamente à paisagem destacam-se em particular as intervenções do FEDER.

O QREN estabelece a qualificação do território e das cidades e o ambiente como das principais prioridades estratégicas para concretização dos objectivos de desenvolvimento regional.

Numa óptica de intervenções que podem abranger mais directamente o contexto da paisagem, salientam-se os programas operacionais do QREN: o POTVT (Valorização do território) e os Programas Operacionais Regionais para as regiões Norte, Centro, Lisboa, Alentejo e Algarve.

Relativamente ao POTVT destaca-se o domínio de intervenção “Combate à Erosão e Defesa Costeira” (Fundo de Coesão) que apresenta os seguintes objectivos:

- Melhorar o conhecimento e a identificação das ameaças e potencialidades decorrentes do funcionamento da zona costeira, de forma a melhor definir as zonas sujeitas a riscos de erosão e/ou de cheias;
- Controlar e reduzir a ocorrência de ocupações em zonas de risco;
- Efectuar intervenções que assegurem a manutenção equilibrada da orla costeira como suporte a importantes funções do território (económicas, sociais e ambientais), numa óptica sustentável de valorização e de prevenção de riscos;
- Preparação para os desafios originados pelas alterações climáticas;
- Proteger e recuperar o património natural e cultural na zona costeira;
- Prevenir os diversos riscos associados às zonas costeiras, numa perspectiva de garantir a sua sustentabilidade ecológica, ambiental e social.

O referido domínio de intervenção tem uma incidência particular nas zonas marítimas costeiras, sistemas dunares, lagunares e zonas balneares.

No âmbito dos Programas Operacionais

*Building objectives of a Landscape Policy in Portugal is closely associated with the implementation of interventions/projects of both public and private domain. In the currently financial situation, this requires public monetary incentives to turn achievable their potential investment.*

*In that context we highlight four main public financial instruments applied to Portugal, supporting investment operations: the National Strategic Reference Framework – QREN 2007-2013; the Rural Development Programme – PRODER; the Community Programme LIFE +; and the Financial Mechanism of the European Economic Area - MFEEE.*

### QREN

*In Portugal, QREN is currently the main financial supporter (budget of around 2.1 million Euros of EU funds for the period 2007-2013) carrying out public and private investment through Community Funds: FEDER (regional development), Cohesion Fund and FSE (social). Regarding landscape, FEDER interventions stand out.*

*QREN establishes the qualification of the territory and the cities and the environment as the main strategic priorities for achieving the objectives of regional development. Regarding a closer look on landscape intervention, we highlight the QREN's operational programmes: the POTVT (territorial valorisation) and the Regional Operational Programmes for the North, Centre, Lisbon, Alentejo and Algarve regions. Regarding POTVT, the policy “Combate à Erosão e Defesa Costeira” - “Fighting Coastal Erosion and Defence” proposes the following objectives:*

- *To improve knowledge and identification of risks and threats of the shore in order to better define the areas subject to erosion risks and / or flooding;*
- *To control and reduce the incidence of density in areas of risk;*
- *To carry out interventions to ensure the right maintenance of the coastline as a support of important economic, social and environmental functions, respecting a sustainable recovery and*



*Regionais* deverão ser considerados um conjunto de domínios de intervenção para financiamento que têm aplicação transversal às cinco regiões continentais. Salientam-se, entre outros, os seguintes:

- *Acções de valorização do Litoral*, visa o co-financiamento de projectos de valorização do litoral, na perspectiva do conhecimento, preservação e conservação, ordenamento e requalificação da orla costeira;
- *Acções de Valorização e Qualificação Ambiental*, visa o financiamento de operações de preservação, valorização e salvaguarda dos recursos naturais e qualificação ambiental.
- *Gestão Activa de Espaços Protegidos e Classificados*, que se destina a promover a conservação e valorização do património natural.
- *Reabilitação Urbana*, domínio que se integra na Política de Cidades Polis XXI com os seguintes objectivos:
- Qualificar e integrar os distintos espaços de cada cidade;
- Fortalecer e diferenciar o capital humano, institucional, cultural e económico de cada cidade;

— Qualificar e intensificar a integração da cidade na região envolvente.

— Inovar nas soluções para a qualificação urbana.

Neste domínio destacam-se as tipologias de operações relativas à qualificação dos espaços públicos e do ambiente urbano. O co-financiamento do FEDER pode atingir 80% do montante dos investimentos elegíveis.

### PRODER

O PRODER, Programa de Desenvolvimento Rural, é financiado pelo Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural – FEADER (dotação de cerca de 3,5 mil milhões de euros para o período 2007-2013). O Fundo contribui para melhorar:

- A competitividade dos sectores agrícola e florestal;
- O ambiente e a paisagem;
- A qualidade de vida nas zonas rurais e a promoção da diversificação da economia rural.

O Programa é composto por 4 subprogramas:

- **1** Promoção da Competitividade

*risk prevention;*

- *To prepare for challenges arising from climate change;*
- *To protect and restore the natural and cultural heritage in the coastal zone;*
- *To prevent the various risks associated with coastal areas in order to ensure the ecological, environmental and social sustainability. This policy area has a particular focus on marine coastal areas, sand dunes and bathing areas. Under the Programas Operacionais Regionais - Regional Operational Programmes, it should be considered a set of policy areas for funding applying to five cross-continental regions. Among others, we underline the following:*
- *Actions for recovery of the Coast: it aims to co-finance projects regarding the coastal area from the perspective of knowledge, preservation, conservation, planning and redevelopment of the shoreline;*
- *Valuation Actions and Environmental Qualification: it is intended to finance operations for the preservation, enhancement and protection of natural resources and environmental qualification.*
- *Active Management of Protected Areas: this policy aims to promote the conservation and enhancement of natural heritage.*
- *Urban Renewal, an area that falls within the Polis XXI policy with the following objectives:*
- *To qualify and integrate each cities' different areas;*
- *To strengthen and differentiate human,*



- **2** Gestão Sustentável do Espaço Rural
- **3** Dinamização das Zonas Rurais
- **4** Promoção do conhecimento e Desenvolvimento de Competências

No âmbito daqueles subprogramas referem-se, entre outras, as seguintes medidas ou acções: *Manutenção da Actividade Agrícola em Zonas Desfavorecidas*, que contribui para a utilização continuada das terras agrícolas, a manutenção da paisagem rural e a conservação e a promoção de sistemas de exploração agrícola sustentáveis. *Valorização de Modos de Produção*, que nomeadamente incentiva práticas de gestão das explorações agrícolas num quadro de protecção e melhoria do ambiente, da paisagem, dos recursos naturais e do solo.

*Gestão do Espaço Florestal e Agro-Florestal*, medida que contribui para consolidar e melhorar a multifuncionalidade da floresta portuguesa garantindo e aumentando a sua valorização económica, ambiental e social; é também um dos objectivos melhorar o valor ambiental e o valor social dos espaços florestais, maximizando as suas funções ambientais, protectoras e de enquadramento paisagístico. *Intervenções Territoriais Integradas (ITI)*, para promover uma gestão dos sistemas agrícolas e florestais adequada à conservação de valores de biodiversidade e de manutenção da paisagem.

São consideradas as seguintes ITI:

- Douro Vinhateiro
- Peneda-Gerês
- Montesinho-Nogueira
- Douro Internacional
- Serra da Estrela
- Tejo Internacional
- Serra de Aire e Candeeiros
- Castro Verde
- Costa Sudoeste

*Diversificação de Actividades na Exploração Agrícola*, visando o apoio à criação ou desenvolvimento na exploração agrícola, de actividades económicas de natureza não agrícola, nomeadamente agro-turismo e Turismo de Natureza. *Desenvolvimento de Actividades Turísticas e de Lazer*, pretende potenciar a valorização dos recursos endógenos dos territórios rurais nomeadamente através da criação ou desenvolvimento de actividades de turismo no meio rural e de natureza.

A contribuição financeira do FEADER para as operações aprovadas no PRODER pode representar cerca de 50% a 80% das despesas elegíveis, consoante as intervenções.

#### LIFE+

O LIFE + é o instrumento financeiro da União Europeia específico para o sector do ambiente. O objectivo geral do LIFE+ é contribuir para a execução, a actualização e o desenvolvimento da política e da legislação ambientais

da União Europeia, incluindo a integração do ambiente noutras políticas, contribuindo assim para o desenvolvimento sustentável.

O LIFE+ compreende três componentes:

- «LIFE+ Natureza e Biodiversidade»,
- «LIFE+ Política e Governação Ambiental»,
- «LIFE+ Informação e Comunicação».

**2.** Os objectivos específicos do «LIFE+ Natureza e Biodiversidade» são:

- a) Contribuir para a execução da política e da legislação comunitárias em matéria de natureza e biodiversidade, em especial das Directivas comunitárias “aves” e “habitats”.
- Contribuir para a consolidação da base de conhecimentos para a elaboração, a apreciação, a monitorização e a avaliação da política e da legislação comunitárias em matéria de natureza e biodiversidade;
- Apoiar a concepção e a aplicação das abordagens políticas e dos instrumentos de monitorização e de apreciação da natureza e da biodiversidade.
- Dar apoio a uma melhor governação ambiental, alargando a participação das entidades interessadas.

**3.** Os objectivos específicos do «LIFE+ Política e Governação Ambiental», incidem designadamente para as áreas prioritárias das alterações climáticas, ambiente, saúde e qualidade de vida, e recursos naturais e resíduos; destacam-se os seguintes:

- Contribuir para a elaboração e a demonstração de abordagens políticas, de tecnologias, de métodos e de instrumentos inovadores;
- Contribuir para a consolidação da base de conhecimentos para a elaboração, a apreciação, a monitorização e a avaliação da política e da legislação ambientais;
- Apoiar a concepção e a aplicação das abordagens de monitorização e de apreciação do estado do ambiente e dos factores, pressões e respostas com impacto no ambiente;
- Facilitar a execução da política ambiental da Comunidade, especialmente aos níveis local e regional;
- Dar apoio a uma melhor governação ambiental, alargando a participação das partes interessadas, incluindo a das ONG.

Os objectivos específicos do «LIFE+ Informação e Comunicação» são:

- Divulgar a informação e promover a sensibilização no que se refere às questões ambientais;
  - Dar apoio a medidas de acompanhamento, como informação, acções e campanhas de comunicação, conferências e formação.
- Para acções e projectos candidatos ao Life + o co-financiamento da União Europeia pode atingir 50% dos investimentos elegíveis e 75% no caso dos projectos sobre *habitats* ou espécies prioritários.

*institutional, cultural and economic capital of each city;*  
 — *To qualify and intensify the city integration in the its surrounding region*  
 — *To innovate on the solutions for urban rehabilitation.*  
*In this area there are types of transactions relating to the qualification of public spaces and the urban environment. The QREN co-financing may reach 80% of the amount of eligible investment.*

#### PRODER

*The Rural Development Programme - PRODER — is funded by the European Agricultural Fund for Rural Development – FEADER (budget of around 3.5 billion Euros for the 2007-2013 period). This Fund contributes to improve:*  
 — *The competitiveness of agriculture and forestry;*  
 — *The environment and landscape;*  
 — *The quality of life in rural areas and the encouragement of diversification of rural economy.*  
*This programme consists of four subprograms:*  
 — **1** *Promotion of Competitiveness*  
 — **2** *Sustainable Management of Rural Areas*  
 — **3** *Stimulating Rural Areas*  
 — **4** *Promoting knowledge and Skills Development*

*Under those subprograms we refer to the following measures or actions:*  
*Maintenance of agricultural activity in disadvantaged areas, contributing to the continued use of agricultural land, to the maintenance of the countryside and to the conservation and promotion of sustainable farming systems. Enhancement of Ways of Production, encouraging such practices in a framework of environment protection and improvement. Management of forestry and agro-forestry, a measure enhancing the multi-functionality of the Portuguese forest as well as its economic, social and environmental value; another goal is also to improve the environmental and social value of forest areas, maximizing its protective and landscaping functions.*

*Integrated Territorial Interventions (ITI), promoting the management of agricultural and forestry systems suitable for the conservation of biodiversity values and landscape maintenance.*

*The following ITI are considered:*

- Douro Wine Region
- Peneda-Gerês
- Montesinho-Nogueira
- International Douro
- Serra da Estrela
- International Tagus
- Aire and Candeeiros
- Castro Verde
- West Coast

*Diversification of agricultural activities in order to support the creation or development on the agriculture, economic activities of non-agricultural nature, including agro-tourism and nature tourism. Development of Tourism and Leisure Activities, aiming to enhance the approval of local resources for rural areas in particular through the creation or the development of tourism activities in the countryside and nature. The financial contribution from the FEADER for the operations approved in PRODER may represent about 50% to 80% of eligible costs, depending on the interventions.*

#### LIFE +

*LIFE + is the EU's financial instrument specially designed for the environment. The general objective of LIFE + is to contribute to the implementation, updating and development of environmental policy and legislation of the European Union, including the integration of environment into other policies, thereby contributing to sustainable development. LIFE + comprises three*



#### MFEEE – Mecanismo Financeiro de Espaço Económico Europeu

Os objectivos do MFEEE são:  
 — Reduzir as disparidades económicas e sociais no Espaço Económico Europeu (os 27 Estados-Membros da União Europeia e Islândia, Liechtenstein e Noruega);  
 — Permitir a todos os países do EEE participar plenamente no mercado interno. Neste mecanismo financeiro foram definidos sectores prioritários por país, tendo sido atribuídas a Portugal várias áreas de intervenção e financiamento destacando-se particularmente a área da conservação e gestão do ambiente que visa nomeadamente reforçar a gestão integrada das águas interiores e marinhas e a intervenção nos ecossistemas e na biodiversidade com o objectivo de contrariar a perda de biodiversidade constatada no espaço europeu. O co-financiamento do MFEEE varia entre 60% e 85% consoante se tratem de projectos privados ou públicos.

*components:*  
 — “LIFE + Nature and Biodiversity”  
 — “LIFE + Environment Policy and Governance”  
 — “LIFE + Information and Communication”

**2.** *The specific objectives of ‘LIFE + Nature and Biodiversity’ are:*  
 a) *To contribute to the implementation of policy and legislation on nature and biodiversity, particularly the EU directives “birds” and “habitat.”*  
 — *to contribute to the knowledge base for the development, assessment, monitoring and evaluation of policy and legislation on nature and biodiversity;*  
 — *to support the design and implementation of policy approaches and instruments for the monitoring and assessment of nature and biodiversity.*  
 — *to provide support for better environmental governance by broadening the participation of stakeholders.*

**3.** *The specific objectives of “LIFE + Environment Policy and Governance” focus on priority areas including climate change, environment, health and quality of life, natural resources and waste; we underline the following objectives:*  
 — *to contribute to the development and demonstration of innovative policy approaches, technologies, methods and instruments;*  
 — *to contribute to the knowledge base for the development, assessment, monitoring and evaluation of environmental policy and legislation;*  
 — *to support the design and implementation of monitoring approaches and assessment of the environment and factors, pressures and responses causing an impact on the environment;*  
 — *to facilitate the implementation of Community environmental policy, especially at*

*local and regional level;*  
 — *to provide support for better environmental governance by broadening the participation of stakeholders, including NGOs.*

*The specific objectives of the “LIFE + Information and Communication” are:*  
 - *to disseminate information and promote awareness on environmental issues;*  
 - *to provide support for accompanying measures, such as information, communication actions and campaigns, conferences and training actions.*  
*For actions and projects the candidates for the LIFE + co-financing of the European Union may reach 50% of eligible investments and 75% for projects on habitats or priority species.*

#### MFEEE - Financial Mechanism of the European Economic Area

*The objectives of MFEEE are:*  
 - *to reduce the economic and social disparities through the European Economic Area (the 27 Member States of the European Union and Iceland, Liechtenstein and Norway);*  
 - *to allow all EU countries to fully participate in the internal market.*  
*In this financial mechanism were defined priority sectors by country, having been assigned to Portugal several areas of intervention and funding. The field of conservation and environmental management is particularly highlighted. This aims to strengthen the integrated management of water and marine ecosystems and the intervention on biodiversity in order to counteract the loss of biodiversity found in Europe.*  
*The co-financing MFEEE varies between 60% and 85%, depending on whether it is a private or public project.*



# / PAISAGEM E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO: CONVERGÊNCIA DE POLÍTICAS

## LANDSCAPE AND SPATIAL PLANNING: POLICY CONVERGENCE

Ana Catita\*

### Os conceitos

A relação entre os conceitos de paisagem e de território é um tema recorrente na vasta bibliografia que aborda a noção de paisagem. O exemplo mais recente será talvez a publicação DGOTDU (2011a) em que as orientações para a implementação da Convenção Europeia da Paisagem (CEP) no âmbito municipal são precedidas por uma análise dos dois conceitos, apontando para uma abordagem convergente.

A CEP define paisagem como "uma parte do território, tal como é apreendida pelas populações, cujo carácter resulta da acção e da interacção de factores naturais e ou humanos". De uma forma mais elaborada, a paisagem é definida como um "sistema dinâmico, onde os diversos factores naturais e culturais interagem e evoluem como conjunto, determinando e sendo determinados pela estrutura global, o que resulta numa configuração particular, nomeadamente de relevo, coberto vegetal, uso do solo e povoamento, que lhe confere uma certa unidade e à qual corresponde determinado carácter" (Cancela d'Abreu et al., 2004).

O território é, portanto, parte da paisagem. O conceito de território está naturalmente incluído no de paisagem, uma vez que não existem paisagens sem território.

Esta aparente necessidade de distinguir conceptualmente paisagem e território resulta da intrínseca relação das duas realidades que, no entanto, são objecto de diferentes quadros instrumentais de gestão. Efectivamente, o debate torna-se mais operativo quando se desloca do conceito amplo de território para o de ordenamento do território, para o qual existe um sistema de gestão mais desenvolvido.

O carácter operativo da relação entre paisagem e ordenamento do território está bem explicitado em Cancela d'Abreu (2007), que atribui ao ordenamento do território o objectivo de "organizar a distribuição de usos e funções no espaço e no tempo, como contributo para o desenvolvimento integrado e sustentado das comunidades humanas...que vivem ou que dependem de um determinado território e das suas paisagens". Esta abordagem considera o ordenamento do território como um meio para alcançar objectivos mais amplos, colocando-o no âmbito das políticas públicas.

Gaspar (1995) define ordenamento do território como "a arte de adequar as gentes e a produção de riqueza ao território numa perspectiva de desenvolvimento". Quer se entenda como o resultado das acções institucionais e individuais de organizar o território ou como uma política pública, com o respectivo quadro de objectivos e instrumentos enquadrado pelas

condições políticas, institucionais e sociais prevalentes ao longo dos tempos em que se desenvolveram (Ferrão, 2011), o ordenamento do território tem um carácter eminentemente voluntarista e prospectivo.

A paisagem, como conceito, não tem estes atributos. Pode ser entendida simplesmente como o resultado das acções do Homem sobre o território (de todas as acções e não apenas das que são dirigidas por objectivos políticos).

No entanto, a CEP veio inovar nesta matéria, afirmando a paisagem como um bem público e, como tal, colocando-a também no âmbito das políticas públicas. Ao introduzir as noções de política de paisagem - "a formulação pelas autoridades públicas competentes de princípios gerais, estratégias e linhas orientadoras que permitam a adopção de medidas específicas tendo em vista a protecção, a gestão e o ordenamento da paisagem" - e, sobretudo, de ordenamento da paisagem - "acções com forte carácter prospectivo visando a valorização, a recuperação ou a criação de paisagens" - a CEP tornou o conceito de paisagem mais operativo e aproximou-o metodologicamente do ordenamento do território.

Mais ainda, a CEP introduz no conceito de paisagem a mesma perspectiva voluntarista e prospectiva que faz parte do ordenamento do território.

Coloca-se então a questão de perceber o que separa o ordenamento da paisagem e o ordenamento do território.

Embora os objectivos que visam tenham natureza distinta, e ao ordenamento do território esteja associado um sistema de gestão mais amadurecido, parece existir uma forte correlação na forma de intervir no território. Nos dois casos a intervenção requer abordagens integradas, interdisciplinares e baseadas nos usos e funções do território. Esta coincidência, pelo menos metodológica, necessita de clarificação no sentido de perceber como as duas políticas se podem articular e influenciar mutuamente de forma benéfica.

### Funções do território ou da paisagem?

Quando se analisam as várias definições de paisagem que se encontram na literatura actual, verifica-se que todas convergem na sua consideração como o resultado de um processo complexo, multifactorial e dinâmico de transformação contínua do território. Neste sentido, a paisagem, ou a sua interpretação, é sintomática: é o indicador mais abrangente do modo como estão a funcionar os processos que incidem sobre o território. Esta ideia de paisagem como um indicador do estado do território é extremamente útil do ponto de vista operativo. A adequação dos usos às características biofísicas do território,



### Concepts

The relationship between the concepts of landscape and territory is a recurring theme in the vast literature that addresses the notion of landscape. The most recent example is perhaps the DGOTDU publication (2011a) in which the guidelines for implementing the European Landscape Convention (ELC) at the municipal level are preceded by an analysis of both concepts, pointing to a convergent approach.

The ELC defines landscape as "a part of the territory, as perceived by people, whose characteristics result from the action and interaction of natural or human factors". In a more elaborate form, the landscape is defined as a "dynamic system where the various natural and cultural factors interact and evolve as a whole, determining and being determined by the overall structure resulting in a particular setting, vegetation, land use and settlement, which gives it a certain unity and which corresponds to the particular characteristics." (Cancela d'Abreu et al., 2004).

Therefore, territory is part of the landscape. The concept of territory is naturally included in the landscape, since there are no landscapes without territory.

This apparent need to distinguish conceptually landscape and territory is the result of the intrinsic relationship between both realities. However, they are subject to different sets of management tools. Indeed, the debate becomes more operative when moving from the broad concept of territory to spatial planning, for which there is a more developed management system.

The operating characteristics of the relationship between landscape and spatial

planning is well expressed in Cancela d'Abreu (2007), which gives spatial planning the function to "organize the distribution of uses and functions in space and time, as a contribution to integrated and sustainable development of human communities that live or depend on a given territory and its landscapes.". This approach considers the spatial planning as a means to achieve broader goals, placing it in the realm of public policy. Gaspar (1995) defines spatial planning as "the art of fitting people and the production of wellness to the territory from a development perspective". Whether understood as the result of institutional and individual actions to organize the territory or as a public policy - with its set of objectives and instruments framed by the political, institutional and societal conditions prevalent throughout the ages in which they developed (Ferrão, 2011), spatial planning has proactive and forward-looking characteristics.

Landscape as a concept does not have these attributes. It can be simply understood as the result of human activities on the territory (concerning all actions and not just those that are driven by political objectives). However, ELC has come to innovate in this area, referring landscape as a public good and, as such, placing it also in the realm of public policy. By introducing notions of policy landscape, such as "the formulation by the competent public authorities of general principles, strategies and guidelines for adoption of specific measures aimed at the protection, management and planning of the landscape" - and, above all, landscape planning - "with strong forward-looking actions aimed at landscape recovery and design" - the

ELC has turned the concept of landscape more operative and methodologically approached it to spatial planning.

Moreover, ELC introduces into the concept of landscape the same proactive and forward-looking perspective that is part of the spatial planning.

The question now is to understand what separates spatial planning and landscape planning. Although their objectives possess different nature - and being spatial planning associated with a more mature management system - a strong correlation seems to exist in the way we intervene in the territory. In both cases the intervention requires integrated and interdisciplinary approaches based on the uses and functions of the territory. This methodological coincidence needs clarification in order to understand how both policies can be mutually influenced.

### Territory or landscape?

When examining the various definitions of landscape found in current literature, it appears that all converge as the result of a complex, multi-factorial and dynamic process of continuous transformation of the territory. In this sense, landscape - or its interpretation - is symptomatic: it is the most comprehensive indicator of how processes which affect the territory are functioning.

This idea of landscape as an indicator of the territory is extremely useful from the standpoint of operating. The appropriateness of usability to the biophysical characteristics of the territory and the inter-relationship between that usability reflects a state of balance and ecological functioning of the territory. A disorderly and dysfunctional

bem como a inter-relação entre os usos, reflectem o estado de equilíbrio funcional e ecológico do território. Um território desordenado e disfuncional traduz-se em paisagens de baixa qualidade ou degradadas. Um território em que os processos ecológicos se desenvolvem de forma harmoniosa e sustentada, produz paisagens de maior qualidade. A qualidade da paisagem está, assim, muito associada ao funcionamento do território, à forma como se organizam espacialmente e temporalmente os usos as funções e ao seu grau de sustentabilidade. Embora haja outros factores que intervêm na qualificação da paisagem - como a identidade, a diversidade e a raridade - a coerência de usos é o mais relevante na articulação com ordenamento do território, não só porque é comum às duas políticas, mas sobretudo porque é indicativo da capacidade multifuncional do território. As múltiplas funções que o território desempenha reflectem-se em paisagens específicas, com uma configuração particular e um determinado carácter. Isto conduz à ideia de “funções da paisagem”, quando, em rigor, as funções são do território e o estudo da paisagem é uma forma de entender essas funções. São as funções do território que lhe conferem valor, seja este traduzido em riqueza material (produção de bens e serviços) ou imaterial (contribuição para o bem estar das populações). A paisagem reflecte esta riqueza e acrescenta-lhe outros valores mais ou menos tangíveis, mais ou menos subjectivos. Por outro lado, a dinâmica inerente à paisagem resulta das alterações que ocorrem nas funções do território, quer sejam devidas à evolução natural dos processos quer resultem de acções intencionais de ordenamento do território. Efectivamente, as funções do território são o objecto principal do ordenamento do território e estão no centro do sistema de gestão territorial. A classificação e a qualificação do solo (cf. Decreto Regulamentar nº 11/2007, de 29 de Maio), finalidades primordiais dos planos municipais de ordenamento do território,

são processos de distribuição espacial destas funções, os quais devem atender, fundamentalmente, a critérios de compatibilidade de usos e de adequação às características do território. A multifuncionalidade dos territórios, que por sua vez se traduz na multifuncionalidade das paisagens, constitui uma preocupação fundamental da gestão territorial, presente hoje em todos os níveis de intervenção, desde o planeamento estratégico à gestão urbanística. Neste sentido apontam orientações contidas nos principais instrumentos de gestão territorial de referência estratégica: o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT) e os Planos Regionais de Ordenamento do Território (PROT). O respeito pela multifuncionalidade do território, ou a sua concretização através dos instrumentos de gestão territorial de âmbito municipal, coloca um particular desafio à prática do ordenamento do território, nomeadamente no que respeita à sua capacidade de garantir a (já referida) coerência de usos.

### Articulação de políticas

O sistema de gestão territorial tem por obrigação conjugar as diversas políticas sectoriais que incidem no território, conciliando interesses públicos e privados e concertando actuações. Esta é a missão principal do sistema de gestão territorial, consagrada na teoria e no seu quadro legal. A prática, no entanto, revela ainda algumas fragilidades. Uma recente avaliação das alterações introduzidas no regime jurídico dos instrumentos de gestão territorial em 2007 (DGOTDU, 2011b) evidencia a dificuldade de fazer funcionar eficazmente modelos de concertação intersectorial, como a Conferência de Serviços. A dificuldade dos principais intervenientes em ponderar as suas posições em função dos diversos interesses em presença dificulta o normal e saudável processo de concertação e negociação que deveria presidir às

intervensões territoriais. A perspectiva holística e integrada que caracteriza a abordagem à paisagem pode contribuir para ultrapassar esta dificuldade. Por esta razão, a paisagem pode fornecer “o enquadramento apropriado para o ordenamento e a gestão do território visando a sustentabilidade, uma vez que exprime o resultado da interacção espacial e temporal do Homem com o ambiente em toda a sua diversidade e criatividade” (DGOTDU, 2011a). Se a paisagem é um resultado, “proteger, gerir e ordenar a paisagem”, como determina a CEP, significa actuar voluntariamente sobre os múltiplos factores e interacções que a determinam. Significa, portanto, actuar sobre a organização dos usos e as funções do território, ou seja, intervir no território. Neste sentido, o ordenamento do território apresenta uma forte capacidade para actuar sobre a paisagem. Esta capacidade assenta, do ponto de vista conceptual, na composição formal e funcional que caracteriza o ordenamento do território. Do ponto de vista operativo, tem a vantagem de poder recorrer a um vasto quadro de instrumentos de gestão territorial. Se bem que evidente e mutuamente benéfica, esta articulação das duas políticas está longe de se consolidar. Há que trabalhar ao nível das práticas, dos conteúdos dos instrumentos de gestão territorial e dos modelos de execução das intervenções

A paisagem urbana de Lisboa, com o rio Tejo a ser o eixo estruturante, é o resultado de um longo processo de construção e transformação.

A paisagem urbana de Lisboa, com o rio Tejo a ser o eixo estruturante, é o resultado de um longo processo de construção e transformação.

A paisagem urbana de Lisboa, com o rio Tejo a ser o eixo estruturante, é o resultado de um longo processo de construção e transformação.

A paisagem urbana de Lisboa, com o rio Tejo a ser o eixo estruturante, é o resultado de um longo processo de construção e transformação.

A paisagem urbana de Lisboa, com o rio Tejo a ser o eixo estruturante, é o resultado de um longo processo de construção e transformação.

A paisagem urbana de Lisboa, com o rio Tejo a ser o eixo estruturante, é o resultado de um longo processo de construção e transformação.

#### Referências References

CANCELA D'ABREU ET AL. (2004), *Contributos para a Identificação da Paisagem*, Volume I, DGOTDU, Colecção Estudos 10, Junho 2004
CANCELA D'ABREU ET AL. (2007), *Paisagem e Ordenamento do Território*, revista INFORCEO, Julho 2007, pg. 73-77
DGOTDU (2011a), *A Paisagem na Revisão dos PDM*, Documentos de Orientação 02/2011, Setembro 2011
DGOTDU (2011b), *Relatório Final da Avaliação das alterações ao RJIGT*, Documento Técnico 10/2011, Outubro 2011
FERRÃO, JOÃO (2011), *O Ordenamento do Território como Política Pública*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
GASPAR, JORGE (1995), *O Novo Ordenamento do Território – Geografia e Valores*, Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, Março 1995

DECRETO N.º 4/2005, DE 14 DE FEVEREIRO, DR N.º 31, I SÉRIE-A: APROVA A CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM

CANCELA D'ABREU ET AL. (2004), *Contributos para a Identificação da Paisagem*, Volume I, DGOTDU, Collection Studies 10, June 2004
CANCELA D'ABREU ET AL. (2007), *Paisagem e Ordenamento do Território*, INFORCEO magazine, July 2007, pg. 73-77
DGOTDU (2011A), *A Paisagem na Revisão dos PDM, 02/2011* Guidance Documents, September 2011
DGOTDU (2011B), *Relatório Final da Avaliação das alterações ao RJIGT*, Working Paper 10/2011, October 2011
FERRÃO, JOÃO (2011), *Ordenamento do Território como Política Pública*, London: Calouste Gulbenkian Foundation
GASPAR, JORGE (1995), ), *O Novo Ordenamento do Território – Geografia e Valores*, Centre for Geographical Studies, University of Lisbon, March 1995

DECREE NO. 4 / 2005 OF FEBRUARY 14, DR # 31, I SERIES A: APPROVES THE EUROPEAN LANDSCAPE CONVENTION

territoriais para que cada política possa alcançar os seus objectivos próprios através de um quadro operativo comum. Esta convergência é uma responsabilidade conjunta dos especialistas na paisagem e no ordenamento o território.

LISBOA, NOVEMBRO 2011

\* ENTRE ABRIL DE 2005 E OUTUBRO 2009 DESEMPENHOU FUNÇÕES COMO ACESSORA DO SECRETÁRIO DE ESTADO DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DAS CIDADES (XVII GOVERNO CONSTITUCIONAL), COMO CONSULTORA DE PLANEAMENTO E ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO ENTRE 1976 E 2005, FOI DIRECTORA DE PROJECTOS NA TECNINVEST E NA DHV – CONSULTORES E COLABOROU COM OUTRAS EMPRESAS PRIVADAS DE CONSULTORIA EM REGIME DE ACTIVIDADE LIBERAL, TENDO COORDENADO VÁRIOS ESTUDOS E PLANOS DE ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO. ENTRE 1978 E 1983 EXERCEU ACTIVIDADE DOCENTE, NOMEADAMENTE COMO ASSISTENTE CONVIDADA NO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA, COMO GRADUATE ASSISTANT NO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DE MARYLAND, EUA E COMO ASSISTENTE NO DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA E PLANEAMENTO DA ESCOLA SUPERIOR DE BELAS ARTES DE LISBOA. É MEMBRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE GEÓGRAFOS (APG) E DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL (APDR).

She has a degree in Geography from the University of Lisbon (1976) and obtained an M.A. in Geography from the University of Maryland, USA (1982). Since March 2010 she holds the position of Deputy Director in the Directorate General of Spatial Planning and Urban Development. Between April 2005 and October 2009 she worked as advisor to the Secretary of State for Spatial Planning (17th Constitutional Government). As a consultant for spatial planning between 1976 and 2005, she was director of several projects in TECNINVEST and DHV - Consultants and collaborated with other private consulting businesses. She has coordinated several studies and plans for spatial planning. Between 1978 and 1983 she worked as teacher in the Department of Geography - University of Lisbon and as Graduate Assistant in the Department of Geography - University of Maryland, USA. She also worked as teacher in the Department of Architecture and Spatial Planning – Faculty of Fine Arts of Lisbon. She is member of the Portuguese Association of Geographers and the Portuguese Association for Regional Development (APDR).

*to consider their positions according to the different interests involved hinders the normal and healthy process of consultation and negotiation that should preside over the territorial interventions. A holistic and integrated approach that characterizes the landscape can help overcome this difficulty. For this reason, landscape can provide “the appropriate framework for the planning and management for the sustainability of the territory, as it expresses the result of spatial and temporal interaction of man with the environment in all its diversity and creativity” (DGOTDU, 2011a). If landscape is a result, “to protect, manage and organize landscape” means to act voluntarily on the multiple factors and interactions that determine it - as determined by ELC. It means, therefore, to act on the organization of the uses and functions of the territory, ie, operate in the territory. In this sense, spatial planning has a strong capacity to act on the landscape. This capability is based, in conceptual terms, on the formal and functional composition that characterizes spatial planning. From the operational point of view, it has the advantage of resorting to a broad framework of territorial management tools. Although clear and mutually beneficial, this articulation of both policies is far from being strong. We must work our practices, the content of the instruments of territorial management and the execution models of the territorial interventions for it is possible to each policy to achieve its own objectives through a common scenario. This convergence is a joint responsibility of specialists in landscape and in spatial planning.*
LISBON, NOVEMBER 2011



# / PAISAGEM RURAL E TURISMO

RURAL LANDSCAPE AND TOURISM

No âmbito da temática – Paisagens Produtivas – o turismo e o recreio constituem, cada vez mais, um significativo suporte económico do mundo rural. Este desafio tem vindo a gerar uma reflexão profunda sobre a articulação das atividades tradicionais do mundo rural (agricultura, pecuária, silvicultura, etc.) com o turismo. Paralelamente, novas formas de habitar o território, no contexto de uma economia global, permitem e estimulam o retorno ao “campo”. Estas e outras questões, ligadas ao mundo rural, foram o tema de uma conversa entre **João Gomes da Silva\***, Rosário Salema e Luís Cabral (Revista AP).



**1 Algumas paisagens agrícolas e florestais de grande produção, mais ou menos industrializadas, começam a ser valorizadas com a introdução de actividades de recreio e turismo. Em que medida este processo pode transformar essas paisagens e as dinâmicas a elas associadas?**

Se pensarmos bem, a coexistência do Recreio no espaço Agrícola ou na Floresta corresponde a uma experiência tão longa que está metamorfoseada em palavras que sabemos nomear na língua portuguesa: Tapadas, Quintas de Recreio ou simplesmente Quintas. Os termos referidos sugerem o prazer da caça ou do passeio na floresta, o habitar com requinte o espaço produtivo, ou simplesmente organizar o prazer do passeio e do desfrute entre pomares ou campos de cultura, ou os banhos nos grandes tanques de rega no tempo quente. Essa tradição ou hábito tem agora outro significado, num contexto de economia globalizada, em que a produção agrícola e florestal está a passar de um modelo empírico e fortemente subsidiado, para um modelo empresarial e competitivo, em que o valor acrescentado à produção se manifesta na qualidade intrínseca dos produtos, da sua comercialização e do factor Origem, como factor de confiança. Determinadas 'marcas' de produtos agrícolas apostam fortemente na referência ao Lugar de Origem como factor de confiança. Outras ainda apostam na qualificação (através da certificação ambiental, ou da capacidade transformadora da Arquitectura-Paisagista das suas Paisagens ou da Arquitectura das suas instalações) do espaço da Paisagem como factor de afirmação de uma cultura empresarial enraizada no Lugar. A indústria Agrícola tornou-se 'site specific' como condição de diferenciação e qualidade. O Enoturismo afirma-se como uma experiência que os Produtores cada vez mais investem, pela criação de imagem e de experiência, que estarão associadas à comercialização de produtos vínicos e gastronómicos. O Turismo define-se como a deslocação no Espaço da experiência quotidiana relacionada com o Trabalho, e que se transforma em alternância temporária resultante da tradicional divisão do Tempo de Trabalho e de Férias. Neste sentido a busca da experiência alternativa à rotina, faz-nos viajar para paisagens distintas e usufruir de experiências diferenciadas. Na cultura portuguesa, a procura das Paisagens Naturais no litoral é vertiginosa e massificada. No entanto, a procura de experiências relacionadas com a natureza em ambiente de montanha, ou de permanência em contexto Rural, é crescente e tem levado à transformação de Aldeias inteiras em alojamentos temporários. Este fenómeno de alteração de uso e de escala de transformação tem necessariamente aspectos positivos de reactivação económica das regiões, mas também corresponde a uma alteração de identidade. A segregação destes fenómenos em relação ao espaço produtivo Agrícola e Florestal poderá sim, ser perturbadora e geradora de fenómenos ou experiências equívocas e degradantes.

**2 No contexto actual o turismo pode constituir um recurso para reabilitar o mundo rural?**

Infelizmente a Política Comunitária e em modo geral a cultura dominante apresentam esta questão da forma mais conservadora, na qual apenas a conservação de Paisagens Rurais, muitas vezes fossilizadas e abandonadas, representam a experiência que o visitante deverá procurar. O fascínio que as Ruínas exercem na nossa cultura é imenso, sobretudo ao longo do século XX, quando se instituiu e normalizou a valorização do Património. No entanto a experiência das paisagens arcaicas e fossilizadas não é mais do que uma parte da realidade do mundo rural (e urbano), que complementa as Paisagens reactivadas pelo retorno da agricultura já hoje visível e em expansão. A noção de autenticidade é equívoca e perigosa se dela excluirmos a realidade em transformação. O turismo como experiência 'parasita' das Paisagens, delas necessita com autenticidade e portanto com realidade. As Paisagens Rurais não são Parques Temáticos. O mundo Rural é um fenómeno complexo de carácter cultural, económico e social. Tem hoje uma conotação negativa e degradante. Na verdade corresponde

a um fenómeno degradado nas suas várias dimensões. A sua reabilitação passa em primeiro lugar por se demonstrar que viver em contexto de produção a partir dos recursos naturais, é viável economicamente, é socialmente reestruturável e valorizável, e culturalmente renovado. A reinvenção do espaço Agrícola e Florestal Produtivo tem de demonstrar-se forte e atractivo para que em primeiro lugar atraia os seus habitantes, e posteriormente os seus visitantes. Então poderemos falar do turismo enquanto factor concorrente ao desenvolvimento das paisagens rurais.

**3 Como é que esta forma de habitar as zonas rurais se articula com as formas tradicionais de produção nomeadamente a agricultura, a floresta, a pecuária, bem como a biodiversidade ?**

Tendencialmente a instalação de população activa na indústria Agrícola e Florestal vai mover-se para os pequenos aglomerados urbanos que conservarem serviços públicos de Saúde, Educação e Segurança, libertando ou abandonando a rede de aldeias ou de povoamento disperso. Estas formas de povoamento inseridas no espaço rural, tenderão a ser ocupadas por habitação para o segmento da população activa que está e estará mais ligada às TIC e consequentemente a um Habitar temporário. Igualmente o Habitar temporário ligado ao Turismo ou ao Turismo Residencial (2ª habitação) tende a ocupar estas estruturas pelo lado 'pitoresco' que muitas possuem, ou pela renovação arquitectónica e paisagística que irá recriar novas qualidades espaciais. Os movimentos operados na paisagem durante a Renascença ou o séc. XIX, quando se construíram algumas das mais notáveis Quintas de Recreio em Portugal poderão renascer como expressão desta mudança económica, social e cultural.

**4 O turismo rural está subjacente a uma experiência telúrica da paisagem produtiva. Esta paisagem produtiva corre o risco de ser meramente cenográfica?**

Na acepção original do termo Turismo Rural, este pressupõe a experiência da vida rural durante o tempo de férias. Na verdade este mecanismo veio permitir a uma quantidade reduzida de promotores/ agricultores o aproveitamento ou transformação de instalações obsoletas em actividades complementares à actividade agrícola, com expressão económica, sobretudo no Minho e Alentejo durante as últimas duas décadas. Mais recentemente, com a explosão do mercado imobiliário da última década, o chamado Turismo Residencial surgiu como complemento à Hotelaria em meio rural, pelo encaixe económico imediato que a hotelaria não consegue fazer na amortização do investimento inicial. Com grande expansão no Alentejo interior (Albufeira de Alqueva) e litoral, o desenvolvimento desta forma de Turismo de 2ª Habitação, não chegou ainda a passar 'do papel' na maioria dos casos, devido à crise económica. Os modelos em desenvolvimento basearam-se na integração no espaço rural como carácter ou oferta de experiência. Nalguns casos de maior sofisticação este modelo inclui a própria actividade produtiva na reorganização espacial, mantendo-se o potencial produtivo, que teoricamente será ampliado pelo reinvestimento em ampliação ou melhoramento que o turismo permitirá. Diria que um 'realismo' na integração das actividades agrícola e florestal com o turismo, faria permanecer estas paisagens em produção renovando o carácter cultural e o valor económico e social. Noutros podemos assistir à utilização da expressão do 'Rural' como estilo superficial a imprimir no *marketing* da promoção turística. Corresponde este exemplo a uma 'Tematização' da paisagem, em que a Agricultura joga um papel de cenário pitoresco sem qualquer suporte ou valor económico directo. Este é a grande ilusão, que a introdução do turismo no espaço rural pode vir a criar, retomando o erro protagonizado no litoral Algarvio, em que o abandono da produção para os serviços, remeteu a realidade das paisagens para uma decadência lamentável. Mas, com a dissolução dos Serviços do Estado ou da capacidade das



Universidades enquanto reguladores ou conceptualizadores destas transformações, como poderemos evitar este risco de transformação superficial e comprometedora da qualidade dos espaços Rurais, e de desintegração da nova realidade produtiva baseada na reinvenção das Paisagens Rurais?

## 5 Que novas formas de habitar pode actualmente oferecer o mundo Rural?

Num texto que escrevi há alguns anos no âmbito da Bienal de Arquitectura de Veneza (2007) intitulado 'Habitar de Múltiplas Formas' referi o efeito de transformação no Território que a expansão da Mobilidade e da capacidade de comunicação consequentes da Economia Global, no surgimento de Paisagens Globais em que a capacidade de Habitar se desloca e se multiplica no espaço: Habitar (no sentido lato) significa movermo-nos temporariamente de uma cidade para outra, ou para o espaço rural, sem interromper o trabalho. A noção de organização do Trabalho está em alteração, sobretudo no segmento das actividades criativas ligadas aos serviços em que a organização rígida empresarial está a transformar-se em formas de trabalho mais flexíveis, autónomas e independentes da noção fragmentada de trabalho-férias. Esta flexibilidade no tempo e no espaço proporcionam a possibilidade de deslocação e a multiplicação do lugar em que habitamos: a escolha do habitar na cidade ou no campo ou na praia é progressivamente independente do lugar aonde existe o trabalho, pela capacidade que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), hoje banalizadas, nos conferem. Posso estar aqui e trabalhar ali: um novo nomadismo está a surgir, possibilitado pelas TIC, com efeitos de transformação no território. A noção de Habitar num lugar apenas ou de habitar próximo do local de trabalho, está a transformar-se, transformando o território e as suas paisagens. Neste sentido, tendemos de forma minoritária, a Habitar de múltiplas formas, 'des-territorializando' a noção de trabalho, e ocupando lugares no espaço rural ou natural, que apenas estavam

reservados aos que aí têm o seu local de trabalho ou aí têm o seu habitar no tempo de férias. A tradicional divisão de tempo de trabalho e de férias está ela própria a transformar-se.

A crise económica, social e cultural em que estamos emersos está a reduzir inevitavelmente o tempo de trabalho (por falta deste) e irá provavelmente criar formas de trabalho mais flexíveis, autónomas e menos dependentes das relações de trabalho empresário/trabalhador tornando-nos mais autónomos, deslocando eventualmente a nossa posição de habitar para contextos urbanos ou rurais menos caros e com melhor qualidade de vida. Por outro lado a emergência da agricultura como actividade económica estratégica numa nova economia que valorize a produção e não os serviços financeiros ou de logística massificada (supermercados, grandes superfícies comerciais), vai inevitavelmente deslocar populações para as paisagens rurais (sobretudo no norte minhoto). Os tradicionais modelos territoriais de povoamento nas paisagens rurais (concentrado em aldeias e vilas ou disperso num minifúndio peri-urbano ou linear) irão alterar-se na sua essência. A política recente de dissolução ou redução dos serviços públicos (saúde, educação e justiça) está a concentrá-los na rede urbana principal e secundária, abandonando a rede de povoamento mais próxima do espaço rural. As populações que se deslocaram para as actividades de produção primária, secundária ou terciária que tendem a estar encadeadas, irão tender a deslocar-se para a rede urbana secundária de pequenas e médias cidades do interior (aonde os custos são inferiores e a qualidade de vida é superior) sendo a rede de aldeias em abandono inserida em contexto rural transformada progressivamente em habitação temporária ou permanente daqueles que estão menos dependentes da localização do trabalho, gerando movimentos inter-regionais, internacionais e inter-continentais quer no habitar destes segmentos de população global, quer no habitar temporário que significa o turismo.

*sense the search for alternative experiences to the routine makes us travel to different landscapes and enjoy different experiences. In the Portuguese culture the affluence of people on the coast is enormous. However, the demand for experiences related to nature in the countryside is increasing and has led to the transformation of entire villages into temporary accommodation. This phenomenon of change in the usability of rural spaces is necessarily positive in aspects of economic reactivation of the inland regions, but also corresponds to a change of identity. The segregation of these phenomena in relation to Agriculture and Forestry may indeed be disturbing and may generate degrading or misleading phenomena or experiences.*

## 2 Can tourism become resource to rehabilitate rural economy?

*Unfortunately the EU policy and the dominant culture in general consider this issue in the more conservative way in which only the conservation of rural landscapes, often fossilized and abandoned, represent the experience that the visitor should seek. The fascination that Ruins exert in our culture is immense, especially during the twentieth century when the valuation of heritage was instituted and normalized. However, the experience of archaic and fossilized landscapes is not more than one part of the rural (and urban) reality, which complements the Landscape reactivated by the return of Agriculture. The notion of authenticity is misleading and dangerous if we exclude from it the changing reality. Tourism as a "parasite" experience of Landscapes has to be connected with authenticity and therefore with reality. Rural landscapes are not amusement parks. The rural world is a complex phenomenon of cultural, economic and social development. It has now a negative and degrading connotation. In fact it corresponds to a degraded phenomenon in its various dimensions. Rehabilitating the rural space means that living in a context of production based on natural resources is economically viable and that it is socially and culturally renewed. The reinvention of the Agricultural and Forestry space must demonstrate a strong and attractive appeal to attract its inhabitants and, after that, visitors. Then we can talk about tourism as a key competitor to the development of rural landscapes.*

## 3 How does this way of inhabiting rural areas links to traditional forms of production such as agriculture, forestry, livestock and biodiversity?

*The tendency to install workforce in the industry and forestry sectors will move to those smaller urban areas that can maintain public services such as health, education and security, therefore liberating or leaving the network of villages or scattered settlements. These forms of Settlement inserted in rural areas tend to be occupied by Housing for the segment of population that is and will be more active on the ICT and consequently in a temporary dwell. In the same way, temporary Housing linked to Tourism or Residential Tourism (as 2nd home) tends to see these structures in a 'picturesque' way through the Architectural and Landscape renovation that will recreate new spatial qualities. The movements operated in the Landscape during the Renaissance or in the twentieth century, when some of the most remarkable recreation enclosures in Portugal were created, may reborn as an expression of this Economic, Social and Cultural change.*

## 4 Rural tourism is subject to a telluric experience of the productive landscape. This productive landscape is likely to be merely scenic?

*The original sense of the term Rural Tourism presupposes the experience of rural life during the vacation period. In fact this mechanism has allowed a small amount of promoters to use or convert obsolete agricultural facilities into complementary activities to agriculture with economic importance, especially in the Alentejo and Minho regions during the last two decades. More recently, with the real estate market boom of the last decade, the so-called residential tourism has emerged as a complement to the Hotel Industry in the countryside, by fitting the immediate economic profit that hotels cannot undertake in the amortization of the initial investment. With great expansion in the inner Alentejo (Alqueva) and the coast, the development of this form of tourism of 2nd home has not yet come to action in most cases due to the economic crisis. Developing models were based on the integration in rural areas as a character or range of experience. In the most sophisticated cases, this model includes the actual production activity in the spatial reorganization, maintaining the productive potential which in theory will be extended by reinvesting in expansion or enhancement - allowing the increase of tourism. I would say that a "realism" in the integration of agriculture and forestry into tourism would keep these landscapes in production renewing the cultural, economical and social value. We can also observe the use of the term "Rural" as a coin in "marketing" the promotion of Tourism. This example corresponds to a Landscape "theme" in which agriculture plays a picturesque role without any support or direct economic value. This is the great illusion that the introduction of the Rural Tourism may create - reminding us about the errors committed in the Algarve, where the implementation of Services resulted in the abandonment of production. This occurrence left Landscape in a regrettable decay. But how can we avoid the risk of superficial transformation and compromise the quality of rural areas as well as the disintegration of the new productive reality based on the reinvention of Rural Landscapes with the dissolution of the State Services or the ability of universities as regulators of these changes?*

## 5 Which new ways of inhabiting can now offer Rural areas?

*In a paper I wrote a few years in the Venice Architecture Biennale (2007) entitled Habitar de Múltiplas Formas - "Multiple Dwelling Forms" I mentioned the transforming effect in the Territory that the expansion of mobility and Communication capability of the global economy can create. This is the result of the ability to inhabit in the emergence of Global Landscapes in which it moves and multiplies in Space: Inhabit (in the broadest sense) means our Temporarily movement from one city to another, or to the countryside, without interrupting the Work activity. The notion of organization of work is changing, specifically in terms of creative activities connected to Services in which the rigid business organization is becoming, in terms of work, more flexible, more autonomous and more independent from the fragmented notion of Work-Vacation. This flexibility in time and space provides the opportunity to move from one place to another and also allows the multiplication of the places where we live: the choice of living in the city or at the beach or in the countryside is increasingly independent of the place where we work as a result of the advantages provided by Information and Communication Technologies (ICT), today at the reach of everyone. I can*

*Be here and Work there: a new nomadic form of living is emerging, enabled by ICT, affecting Territory. The Notion of Inhabiting just one area near one's place of Work is transforming the Territory and its Landscapes. In this sense we tend to inhabit in many ways, "de-territorializing" the notion of work and occupying areas in the Rural and Natural space - before reserved to those who had their place of work or their place of vacation. The traditional division of Working Time and Vacation is itself transforming. The Economic, Social and Cultural crisis we find ourselves is reducing the working time (for lack of it) and will probably create more flexible and autonomous forms of work as well as less dependent on labour relations between the manager and the worker. This will turn him more autonomous and eventually will shift our condition to inhabit urban or rural contexts less expensive and with better quality of life. On the other hand the emergence of agriculture as an economic activity in a strategic new economy that values production and not the Financial Services or big commercial areas (such as supermarkets, shopping centres) will inevitably move habitants to rural landscapes (especially in the North region of Minho). Traditional models of territorial settlement in the countryside (concentrated in small villages or dispersed in its peripheral area) will change in its essence. The recent political dissolution or reduction of public services (health, education and justice) is concentrating them on the main urban network abandoning the inhabited rural areas. Habitants concentrated on the primary, secondary and tertiary sector will tend to move to the urban network of small and medium-sized secondary cities of the interior regions (where costs are lower and quality of life is higher). The network of abandoned villages in rural context is progressively transformed into temporary or permanent housing for those who are less dependent on the location of their work, generating Interregional, International and Inter-continental movements either in these segments of the global population, either in the Temporary Inhabiting we know as Tourism.*

\* JOÃO GOMES DA SILVA, ARQUITECTO-PAISAGISTA E PROFESSOR DE ESTUDO DA PAISAGEM, UAL

Landscape Architect and Professor of Landscape studies in Universidade Autónoma de Lisboa

[...] ***a emergência da Agricultura como actividade económica estratégica numa nova Economia que valorize a Produção e não os Serviços Financeiros ou de logística massificada (supermercados, grandes superfícies comerciais), vai inevitavelmente deslocar populações para as Paisagens rurais (sobretudo no Norte Minhoto).***

[...] ***the emergence of agriculture as an economic activity in a strategic new economy that values production and not the Financial Services or big commercial areas (such as supermarkets, shopping centres) will inevitably move habitants to rural landscapes (especially in the North region of Minho).***

Under this theme - Productive Landscapes - tourism and recreation are a significant economic support in rural areas. This challenge has generated a deep reflection on the articulation of traditional rural activities (agriculture, livestock, forestry, etc.) with tourism. In the same line, new ways of occupying the territory - in the context of a global economy - allow and encourage a return to the "countryside". These and other issues related to rural areas were the subject of a conversation with **João Gomes da Silva.**

**1 Some agricultural and forestry production landscapes - more or less industrialized - begin to be valued with the introduction of recreational activities and tourism. To what extent this process can transform these landscapes and the dynamics associated with them?**

*Properly understood, the coexistence of Recreation inside the Agricultural space or Forest corresponds to a long experience as it is metamorphosed into words we name in the Portuguese landscape: Tapadas or Quintas - more specific and refined enclosures in the rural area. These terms suggest the pleasure of hunting or walking in the forest, inhabiting the productive space with a sort of refinement, or simply organize and enjoy the ride among the same productive space, or even bathing in the large irrigation tanks with the arriving of hot weather. Now this tradition or habit has another meaning in the context of a globalized economy where the agricultural*

*and forestry production is moving from an empirical and heavily subsidized model to a business and competitive one. Here the added value to production manifests itself in intrinsic quality of the products, their marketing and lieu de naissance as a confidence factor. Certain "brands" of agricultural products are strongly in reference to its place of origin as a confidence factor. Others bet on the revitalization of the landscape as a factor in the affirmation of a corporate culture rooted in its own place (through environmental certification or the transforming capacity of Landscape Architecture). The agricultural industry has become "site specific" as a condition of differentiation and quality. The Wine Tourism is emerging as an experience in which producers are investing even more and more, associated with the marketing of wine products and food. Tourism is defined as the displacement of the everyday experience in space-related work, and that becomes temporarily alternated between Working Time and Vacations. In this*

# O PODER DO CONHECIMENTO

A HERDADE DE S. LOURENÇO DO BARROCAL, MONSARAZ, ALENTEJO, PORTUGAL

THE POTENTIAL OF KNOWLEDGE  
THE ESTATE OF SÃO LOURENÇO DO BARROCAL, MONSARAZ, ALENTEJO, PORTUGAL

(Key words: The potential of knowledge; Herdade Barrocal; Monsaraz, Alentejo, Portugal; Deferred Landscapes; Nature potential and drifting centrality; Economy and space differentiation)



O abandono progressivo da paisagem agrária verificado nas últimas décadas foi gerado a partir de políticas comunitárias e nacionais que desprivilegiaram deliberadamente o desenvolvimento do sector Agro-Pecuário em Portugal (desde os anos 80); por um acomodamento dos agricultores à política de subsídio nacional e comunitário da agricultura; por uma ausência quase generalizada de espírito empreendedor e empresarial e de reconhecimento da transformação da economia de mercado na economia nacional; e por uma política deliberada de entrega dos circuitos de distribuição e comercialização a uma indústria baseada nas grandes superfícies, que sem transparência nem justiça face aos produtores, vieram a esmagar e a desmotivar uma classe de agricultores envelhecidos, herdeiros de situações ruinosas, ou em 'ressaca' das convulsões sociais, económicas e políticas originadas no processo de Reforma Agrária.

*The progressive abandonment of agricultural landscape in recent decades has been generated by EU and national policies that deliberately disadvantaged the development of livestock farming in Portugal (since the 80s); by the accommodation of farmers to the National and Community Funds for Agriculture; for a general lack of entrepreneurial and business spirit and recognition of the transformation of the Market in the National Economy; and by a deliberate policy of Delivery and Distribution transferred to an industry based on large surfaces. Without transparency or justice regarding the producers, this policy came to crush and discourage a class of aged farmers, heirs of ruinous situations, or still affected by social, economic and political upheavals originated in the process of the agrarian reform.*

/43

Poderíamos continuar a enumerar razões ou motivos, bem como a cometer a injustiça que a generalização de uma questão complexa como esta cria, e que afectou uma parcela significativa da comunidade nacional ao longo de gerações. Parece-nos mais interessante observar reacções a este estado de coisas que levaram a um abandono progressivo do espaço da paisagem agrária, bem como a um declínio social e cultural. No seu Livro *Ricos e Pobres no Alentejo*<sup>1</sup>, José Cutileiro introduz-nos às questões da identidade portuguesa do sul agrícola de Portugal, através de uma perspectiva antropológica acerca de uma comunidade alentejana em meados dos anos sessenta que nos introduz à organização social do trabalho, à estrutura social e política, e consequentemente à expressão de uma paisagem que a traduz. Coincidentemente, a comunidade descrita é a que habitava a Herdade de São Lourenço do Barrocal e as suas ramificações urbanas de Monsaraz e Reguengos de Monsaraz, que anos mais tarde vem a ser objecto de um novo motivo de reflexão e potencial transformação. São Lourenço do Barrocal é uma herdade com cerca de 750ha, localizada nas imediações de Monsaraz, e inserida na unidade de paisagem dos campos de Reguengos de Monsaraz<sup>2</sup> em pleno Alentejo Central,

*We could continue enumerating the reasons or motives, as well as committing the injustice that the generalization of a complex issue like this creates and has affected a significant portion of the national community for generations. It seems more interesting to observe reactions to this state of affairs that led to the abandonment of the Agricultural Landscape, as well as a Social and Cultural decline. In his book "A Portuguese Rural Society"<sup>1</sup>, José Cutileiro writes about issues of Portuguese identity in the Agricultural South of Portugal through an anthropological perspective about an Alentejo community in the mid-sixties. He introduces us to the social organization of work and to the social and political structure. Consequently he sets up the expression of a landscape that translates this reality. Coincidentally, the community referred in the book is the one that lived on the Estate of São Lourenço do Barrocal and its Monsaraz and Reguengos de Monsaraz urban ramifications. Years later this situation becomes a new potential cause for reflection and transformation. São Lourenço do Barrocal is an Estate composed of 750ha located near Monsaraz and inserted into the Reguengos de Monsaraz Landscape Field<sup>2</sup> unit in the Central Alentejo and near the Alqueva Reservoir. The landscape is structured by a diverse cultural mosaic, dominated by the Montado de Azinho and interspersed by geometric fields with permanent crops such as vineyards and olive grove, and leaves of temporary crops. This trilogy represents the archetypal agrarian cultural landscape*

<sup>1</sup> Na edição original *A Portuguese Rural Society*; Oxford University Press; Oxford UK, 1971, posteriormente traduzida como *Ricos e Pobres no Alentejo*; Livros Horizonte; Lisboa P, 1977. / *Oxford University Press, Oxford UK, 1971.*

<sup>2</sup> A designação de 'Campos de Reguengos de Monsaraz' insere-se na sistematização da Paisagem Portuguesa, em *Contributos para a Identificação e Caracterização da Paisagem em Portugal Continental*; A. Cancellata de Abreu et al.; Ed. DGOTDU, Lisboa 2004. / *The designation of 'Fields of Reguengos de Monsaraz' is part of the systematization of the Portuguese Landscape, in 'Contributions to Identification and characterization of landscape in Portugal'; A. Cancellata de Abreu et al.; Ed DGOTDU, Lisbon 2004.*



e na proximidade da Albufeira de Alqueva. A paisagem é estruturada por um mosaico cultural diversificado, dominado pelo Montado de Azinho, e intercalado por campos geométricos com culturas permanentes como a vinha e o olival, e por folhas de culturas temporárias. Esta trilogia corresponde ao arquétipo cultural da Paisagem agrária que se desenvolveu ao longo de milhares de anos no Mediterrâneo, e que caracteriza a Ibéria mediterrânica e a sociedade nela instalada<sup>3</sup>. À complexidade cultural, que implica um sistema de afolhamento e rotação de gado e a respectiva e discreta compartimentação por muros e vedações, junta-se a complexidade espacial decorrente da morfologia do relevo suavemente ondulado<sup>4</sup>, típico das formas de aplanamento degradado do Maciço Hercínico antigo aonde contrastam as modelações mais pronunciadas sobre o granito e as modelações mais suaves sobre o xisto. A singularidade desta herdade advém porém de se situar na transição entre duas realidades litológicas que a determinam materialmente: o granito e o xisto, bem como as corneanas originadas no contacto. A identidade desta paisagem funda-se na complexidade referida, mas é porém determinada fundamentalmente pelo diferimento temporal das suas paisagens a partir de um efeito de palimpsesto; pela deriva da sua centralidade em função da potencialidade natural; e pela economia dos processos agrários e industriais, e a diferenciação espacial decorrente. Após décadas de subaproveitamento subsequentes à convulsão produzida pelo processo da Reforma Agrária, o seu modelo técnico e económico está dependente de uma reabilitação profunda, e de um investimento não suportável pela actual capacidade produtiva. Esta, é

*that has developed over thousands of years in the Mediterranean, characterizing the Mediterranean Iberia and the corresponding society<sup>3</sup>. To the cultural complexity - which implies a system of crop rotation and rotation of cattle and the respective discrete compartmentalization through the use of walls and fences - joins the spatial complexity due to the morphology of the gently rolling topography<sup>4</sup>, typical of the degraded forms of flattening of the ancient Hercynian Massif where the more pronounced modelling contrast on the Granite and the softer modelling on the Schist. Nonetheless the uniqueness of this Estate comes from the fact that it is located in the transition between two lithological realities that determine it materially: Granite and Schist, as well as the material originated by that contact. The identity of this landscape is based on the described complexity, but is nevertheless determined primarily by the temporal deferral of its landscapes from a palimpsest effect; by the drift of its centrality as a function of natural potential; and by the economy of agrarian and industrial processes, and the resulting spatial differentiation. After decades of waste caused by the process of the agrarian reform, the technical and economic model is dependent on a thorough rehabilitation and an investment is not supportable by the current production capacity. This is based on the production of meat from the herd of cattle grazing upon rotation the existing crop; on the use of not grazed areas for hunting; and on the realization of temporary crops in the downstream area under irrigation. The Olives (about 60ha), the Vineyard (about 15ha) and the Vegetable Garden (approximately 3ha) remain in almost total abandonment, as well as the complex of the Estate which was the residence of generations of farm workers, the Company headquarters of a family of farmers that has consolidated over time, agricultural infrastructure and mechanized farming including a mill and other spaces. In a simple way, this is the state in which Barrocal is when their owners decide to rethink its destination in a sustainable and durable economic and ecologic*

baseada na produção de carne a partir da manada de gado bovino que pastoreia em rotação o afolhamento existente, no aproveitamento para caça de áreas não pastoreadas, e na realização de culturas temporárias na zona jusante em regime de regadio. O Olival (cerca de 60ha), a Vinha (cerca de 15ha), a Horta (cerca de 3ha), permanecem em abandono quase total, bem como o complexo do Monte da Herdade, que serviu de residência a gerações de trabalhadores agrícolas, de sede da Empresa agrícola familiar que se consolidou ao longo do tempo, e de infra-estrutura agrícola e pecuária incluindo um lagar mecanizado e outros espaços. Este é, de um modo simplificado, o estado em que a Herdade se encontra quando os seus proprietários decidem repensar o seu destino, numa perspectiva economicamente e ecologicamente sustentável e durável.

O propósito de inverter esta situação leva os proprietários a estudar a hipótese de alterar a estrutura económica da Herdade, através da criação de um Hotel Rural em reabilitação de parte das estruturas do Monte. A introdução de um novo factor económico levanta a hipótese de a partir do rendimento a obter do Hotel, se reinvestir na infra-estrutura da Herdade, e na reabilitação da capacidade produtiva, criando um efeito de sinergia entre agricultura, pecuária e turismo. Nesse momento, e após um período de permanência na Herdade de cerca de um ano por parte do proprietário (José António Uva) e dos arquitectos (Diogo Pato e João Botelho), e do levantamento da capacidade existente de transformação, foi produzido o licenciamento da adaptação das belíssimas estruturas de Adobe e Pedra existentes para Hotel Rural. Porém a tentativa de viabilização económica do financiamento veio demonstrar que o ciclo de retorno económico do investimento seria de cerca de 15 anos, o que inviabilizaria claramente o reinvestimento na componente agrícola e pecuária da Herdade. O novo impasse veio a ser desbloqueado com o desenvolvimento dos estudos de Ordenamento do

*perspective. The purpose of reversing this situation leads owners to study the possibility of changing the economic structure of the property, through the creation of a Rural Hotel in rehabilitating the structures of the Estate. The introduction of a new economic factor raises the possibility that the income raised by the hotel can be used in reinvesting in the infrastructure of the property and rehabilitation of productive capacity, creating a synergy between agriculture and tourism. At this point, and after a stay in the Estate of about one year by the owner (José António Uva) and the architects (Diogo Pato and João Botelho), and the raising of the existing capacity of transformation, it has been produced the licensing adaptation of the beautiful existing structures of Adobe and Rock for the Rural Hotel. But the economic viability showed that the cycle of economic return on the investment would be about 15 years. Clearly this would not allow reinvestment in the agricultural and livestock component of the Estate. The new impasse was unlocked with the development of the studies of Spatial Planning derived from the Alqueva Dam. Therefrom the ability to install touristic infrastructure in the area close to Monsaraz allowed considering the development of this and other Estates. Subsequently we came to be invited to reflect together with the owner (economist), with photographers José Manuel Rodrigues and Duarte Belo, with the archaeologist Manuel Calado and the historian and cultural agent Paula Amendoeira about the present spatial, cultural and economic phenomenon. In a seminar held in place there were very different readings of space in previous observation and a potential of creation and recreation began to emerge in our eyes: a Landscape deferred and subsequently transformed in Time and in the same Space appeared from the intersection of readings and interpretations as diverse as the present. The diachronic reading of archaeological features showed a palimpsest of different landscapes (Pastoral / Neolithic / Roman and Medieval Agricultural and Industrial Agricultural) that, when read synchronously, generate a potential for change that is beginning to reveal the enigma of images that represent and propose to our intelligence. This is the conviction that Culture installed in space, associated with Agricultural Potential and with the experience that Tourism allows, sets a triangle of development opportunities and recreation of a Global Landscape. This is a regenerated Landscape that integrates all these Times in a single economic reality in which cultural genetics, food*

<sup>3</sup> Esta problemática é discutida por Olivier Balabanian na sua obra dedicada ao Estudo da Economia da Paisagem Agrária Ibérica na transição de regime democrático, "Les exploitations et les problèmes de l'agriculture en Estrémadure espagnole et dans le Haut-Alentejo: contribution à l'étude de campagnes méditerranéennes" / This issue is discussed by Olivier Balabanian in his work devoted to the Study of Economics of Iberian Agrarian Landscape in the democratic transition, "Les exploitations et les problèmes de l'agriculture en Estrémadure espagnole et dans le Haut-Alentejo: contribution à l'étude de campagnes méditerranéennes".

<sup>4</sup> A partir de "Carte Geomorphologique du Portugal", Memória nº 6; Denise de Brum Ferreira; Centro de Estudos Geográficos, Lisboa 1981. / From "Carte Geomorphologique du Portugal", Memory 6; Denise de Brum Ferreira, Centre for Geographical Studies, Lisbon 1981.



PLANTA DE ENQUADRAMENTO



PLANTA DE ORDENAMENTO

Território decorrentes do Empreendimento da Barragem de Alqueva. Deles decorrentes, a Capacidade de instalação de infra-estruturas turísticas na zona próxima a Monsaraz, veio a permitir reflectir sobre o desenvolvimento desta e de outras Herdades. Nesta sequência viemos a ser convidados para reflectir em conjunto com o proprietário (economista), com os fotógrafos José Manuel Rodrigues e Duarte Belo, com o arqueólogo Manuel Calado e com a historiadora e agente cultural Paula Amendoeira, sobre o fenómeno espacial, cultural e económico presente. De um seminário organizado no local, revelaram-se leituras muito diversas do espaço em observação prévia, e um potencial de criação e recriação começou a emergir aos nossos olhos: uma Paisagem sucessivamente diferida e transformada no Tempo e no mesmo Espaço revelou-se a partir do cruzamento de leituras e interpretações tão diversas quanto as presentes. A leitura diacrónica dos elementos arqueológicos, demonstrou um palimpsesto de diversas Paisagens (Pastoris/ Neolítico, Agrícolas/ Romano e Medieval, e Agrícola Industrial) que lidas em sincronia geram um potencial de transformação, que começam a revelar o enigma das imagens fotográficas que a representam e propõem à nossa inteligência. A convicção de que a Cultura instalada no espaço, associada ao Potencial Agrícola e à experiência delas que o Turismo permite, configura um triangulo de oportunidades de desenvolvimento e recriação de uma Paisagem Global. Isto é, uma Paisagem regenerada que integra todos estes Tempos numa única realidade económica em que a genética cultural, a produção alimentar e a experiência de habitar e experimentar temporariamente este espaço, se tornam possíveis numa Sociedade Globalizada, em que a capacidade de deslocamento e comunicação é quase infinita, e a especificidade do Estar e Produzir Local, convoca a Região para o Mundo. Experimentar uma realidade remota, através da permanência e da relação com os produtos alimentares e artefactos locais e regionais,

*production and the experience of living and experiencing this space temporarily becomes possible in a Globalized Society where the ability to travel and to communicate is almost infinite. And the specificity of the Welfare and Local Produce calls the Region all the way to the World. To experiment a remote reality - through permanence and the relationship to food and regional and local artefacts - becomes a reason and a possibility for rehabilitation and transformation of the Landscape of the Estate of Barrocal and the region to which belongs. Consolidated experiences, as the initial development of the "Prainha" in the Algarve (Gonçalo Ribeiro Telles et al) as well as the "Sea Ranch" (Halprin L. et al) on the California coast, have been inspiring the collective creative process that followed - in which Culture, Tourism and Agriculture were factors of reflection. The development of a scenario of introduction of various typologies of tourism and distribution models began to be developed in collaboration with the architect João Pedro Falcão de Campos trying to verify the model of agglomeration that the Regional Planning predicts for new tourist centres. The detailed recognition that the owner, photographers, archaeologists, landscape architects and architects had about the space progressively consolidated the idea that the strength of emerging rocks, known locally by Barrocal, could transmit and suggest. These scattered stones along the ridge explain why, in the Neolithic, the community chose this place not as fertile but as a habitable area and settled their presence. This presence is witnessed by the 16 dolmens dedicated to the dead of their families with many utilitarian artefacts and by the fabulous Menhir, which means the central position of this community, their pastoral occupation, their cult of the moon and their integration into Neolithic routes that led these societies to establish communities in this region from the shift in the major estuaries of the Tagus and Sado <sup>5</sup>. Other remnants - a dam and a Roman villa rustica - confirmed the postponement of the Romanized Landscape in which the drift of the central space (the menhir on the ridge in alignment with other nuclei) for a gravity centre in the middle of the valley, and in the transition of Granite for Schist. The centrality conferred to the menhir is now moved to the valley where the accumulation of water in the dam determines the location of the villa as a central space and the transfiguration of the landscape based on*

torna-se razão e possibilidade para uma reabilitação e transformação da Paisagem da Herdade do Barrocal e da região em que se insere. Experiências consolidadas como o desenvolvimento inicial da 'Prainha' no Algarve (Gonçalo Ribeiro Telles et al), bem como o 'Sea Ranch' (L. Halprin et al) na costa Californiana, foram inspiradoras do processo criativo colectivo que se seguiu, em que a Cultura, a Agricultura e o Turismo foram factores de reflexão. O desenvolvimento de um cenário de introdução de diversas tipologias turísticas e de modelos de distribuição começou a ser desenvolvido com a colaboração do arquitecto João Pedro Falcão de Campos procurando verificar o modelo de aglomeração que o Ordenamento do Território prevê para novas instalações de núcleos turísticos. O reconhecimento detalhado que o proprietário, fotógrafos, arqueólogos, arquitectos-paisagistas e arquitectos obtiveram acerca do espaço, consolidou progressivamente a ideia de que a força das pedras emergentes, conhecidas localmente por Barrocal, poderia transmitir e sugerir. Estas pedras distribuídas ao longo da cumeada, explicam porque no Neolítico a comunidade instalada entre elas e em domínio das nascentes e dos prados naturais subjacentes, as escolheram como lugar não fértil mas habitável, e nela instalaram a sua presença. Presença testemunhada pelos 16 Antas dedicadas aos mortos das suas famílias, por inúmeros artefactos utilitários, e pelo fabuloso Menir gravado, que significa a posição central desta comunidade, a sua ocupação na pastorícia, o seu culto da Lua e a sua integração nas rotas neolíticas que levaram estas sociedades a estabelecer comunidades nesta região, a partir do deslocamento originário nos grandes estuários do Tejo e Sado <sup>5</sup>. Outros vestígios, de uma barragem e uma villa rustica

*the establishment of a forest located upstream as well as crops (olive groves and vineyards) and irrigated crops downstream the dam. The absence of medieval structures reveals the concentration of population in Monsaraz for security reasons. Only in the nineteenth century, with the introduction of a "modern" and mechanized Agriculture introduced by the initiative of Manuel Papança (1818-1886) turning the Estate of the Barrocal the centre of agricultural activity, the current building became the spot where a community of workers and their families settled - as well as the "modern" olive oil machine. This spot is the current centre of the Estate that is intended to rehabilitate as a new Centre holding a programme of services and restaurants in support of a group of houses belonging to the tourist complex of the Estate. However, the scale of the introduction of the tourism programme allowed by the Spatial Planning surpasses the built up area of the Estate, creating the possibility of building a significantly larger area bringing enough surplus value and capital investment for the development of rehabilitation of the Estate. The demand for the settlement pattern that does not put into question the reading of this complexity in the Landscape in relation to the "Acropolis" of Monsaraz - and the reading of the palindrome formed by the sequence of juxtaposed landscapes - leads the next step. The possibility of breaking this programme in tourist homes, like the Neolithic occupation of the "Barrocas" composed of clusters of rocks and trees, was developed from a thorough reconnaissance of the site and a cross disciplinary collaboration, especially concentrated in Archaeology, in Landscape Architecture and in Architecture. Spatial research, translated into models and drawings, came to build a Detailed Plan which, together with the CCDR and other agencies of the Regional and National Planning, has established a new Landscape. Evaluation of ridge areas as scattered areas of cultural value (Dolmens, Menhirs and many artefacts) and ecological value of the domain of the dry and hot Carvalhal <sup>6</sup> was in that place a trace of grove of Azinhal and Zambujeiro (accompanied by*



<sup>5</sup> A este propósito ver 'Standing stones and natural outcrops' (2004) de Manuel Calado, in <http://www.crookscape.org/text/jan2005/text.html>, bem como outras informações a este respeito nesta página digital do GEMA (grupo de estudos do megalitismo alentejano). / In this regard, see "Standing stones and natural outcrops" (2004) Manuel Calado, in <http://www.crookscape.org/text/jan2005/text.html>, and other information on this digital page of GEMA (Study group of megalithic Alentejo).







BARROCAL DOS ARRIFES

**[...] A convicção de que a Cultura instalada no espaço, associada ao Potencial Agrícola e à experiência delas que o Turismo permite, configura um triângulo de oportunidades de desenvolvimento e recriação de uma Paisagem Global.**

**[...] This is the conviction that Culture installed in space, associated with Agricultural Potential and with the experience that Tourism allows, sets a triangle of development opportunities and recreation of a Global Landscape.**

romana, vieram confirmar o diferimento da Paisagem Romanizada em que a deriva do espaço central (o menir sobre a cumeada em alinhamento com outros núcleos) para um centro gravítico no meio do vale, e na transição Granito para Xisto. A centralidade referida ao menir é agora deslocada para o vale, aonde a acumulação de água na barragem vem determinar a localização da villa enquanto espaço central e a transfiguração da paisagem a partir do estabelecimento de uma mata pastoreada a montante, bem como de culturas de sequeiro (olival e vinha) e de culturas regadas a jusante da barragem. A ausência de estruturas do Medieval e posterior vem revelar a concentração do povoamento em Monsaraz por razões de segurança.

Apenas no sec XIX, com a introdução de uma Agricultura ‘moderna’ e mecanizada por iniciativa da figura ímpar de Manuel Papança (1818-1886) que fez da Herdade do Barrocal o centro da sua actividade agrícola, se fez construir o actual Monte aonde se alojou uma comunidade de trabalhadores e suas famílias, bem como o ‘moderno’ lagar de azeite mecanizado. É este Monte o centro actual da Herdade que se pretende reabilitar enquanto novo Centro albergando um programa de serviços e restauração em apoio a um conjunto de casas turísticas inseridas no complexo do Monte. No entanto a escala da introdução do programa turístico permitido pelo Ordenamento do Território, ultrapassa a área edificada do Monte criando a possibilidade de construir uma área significativamente maior, criando mais-valia suficiente e capital de investimento para o desenvolvimento da reabilitação da Herdade. A procura do modelo de povoamento que não pusesse em causa a leitura desta complexidade na Paisagem em relação com a ‘acrópole’ de Monsaraz, e a leitura do palíndromo formado pela sequência de Paisagens justapostas e agora em revelação, conduz o passo seguinte.

A possibilidade de fragmentar o programa de alojamento em casas turísticas, à semelhança da ocupação neolítica das ‘Barrocas’ formadas por aglomerados de pedras e árvores, foi desenvolvida a partir de um reconhecimento minucioso do Sítio e de uma colaboração transdisciplinar, sobretudo concentrada na Arqueologia, na Arquitectura-Paisagista e na Arquitectura. A investigação espacial, traduzida em modelos e desenhos, veio a consolidar um Plano de Pormenor, que em concertação com a Ccdr e outros organismos da Administração Regional e Nacional estabeleceu um Ordenamento da Paisagem novo. A avaliação das zonas de cumeada enquanto zonas de valor cultural disperso (Antas, Menir e artefactos diversos), e de valor ecológico do domínio do Carvalhal Seco e Quente <sup>6</sup>, constituiu no lugar um vestígio de bosquete de Azinhal e Zambujeiro (acompanhado de Catapereiro, Carrasco, Aroeira e Murta) <sup>7</sup>, que evolui para Montado Misto de Azinheira e Zambujeiro na restante maioria da Herdade. É neste ambiente denso que ocupa as cumeadas suaves e aplanadas, que se avaliou a implantação de casas Turísticas em pequenas clareiras entre pedras, beneficiando da ocultação discreta, e estabelecendo relações visuais e físicas com o vale e a sua cabeceira principal. Em Plano de Pormenor (2007) fica esta área afecta a um Uso Múltiplo de Mata de Protecção e Uso Turístico com índice de implantação de 0,009

e localização definida por polígono, e integrada na Estrutura Ecológica como ‘outras áreas de protecção’ do ‘Sistema Sêco’ com acções previstas de densificação do sistema de vegetação potencial para intensificação da bio-diversidade e uso turístico <sup>8</sup>. Os resultados deste processo são diversos. No plano do Ordenamento do Território, está consolidado o uso do solo, e das acções consequentes no domínio do uso Agrícola e Pecuário, da Infra-estrutura e do Investimento, através da publicação do Plano de Pormenor. No Plano Agro-Pecuário, procedeu-se ao Projecto e Instalação da Vinha nova (total de 15ha) e à criação de Marca e início da Comercialização; a exploração em regime de agricultura ‘biológica’ foi estendida à totalidade a toda a Herdade bem como à gestão da Manada de gado Bovino, e a acções diversas de gestão e manutenção da vegetação do Montado e da Mata de Azinhal e Zambujal. O Olival (cerca de 60ha) está em reabilitação através de operações culturais correntes, estando a produção em comercialização articulada com a Cooperativa de Reguengos, e a criação de Marca para conserva de azeitona. A instalação da Horta (3ha) em Regime Biológico está agora decorrente do processo de capitalização decorrente do Investimento na componente Turística.

No Plano do desenvolvimento da Estrutura Ecológica, estão em Estudo Prévio as acções de reabilitação das linhas de água de cabeceira da Ribeira através da consolidação biofísica dos leitos, e da intensificação da Mata de Protecção em consequência do Projecto das Unidades de Alojamento. No Plano Turístico foram desenvolvidos Estudos Prévios e de Licenciamento para o conjunto Turístico e está obtido licenciamento. A Marca e a Identidade estão desenvolvidas e uma página on-line <sup>9</sup>, concebidas pela Winkreative <sup>10</sup>, insere este empreendimento numa estratégia de visibilidade global. A candidatura ao financiamento pelo QREN no Programa de apoio à Inovação está preparada constituindo alternativa à total ausência de financiamento da Banca, e irá permitir até 2014 a instalação do programa turístico no Monte (projecto do Arq. Eduardo Souto de Moura). O desenvolvimento da primeira fase de alojamentos turísticos no ‘Barrocal dos Arrifes’ está desenvolvido em Estudo Prévio por um conjunto de Arquitectos (J. P. Falcão de Campos, J. Pawson, E. Souto de Moura, Manuel Ayres Mateus e Paulo David), estando neste momento em negociação, o investimento privado neste programa. No plano Cultural, a reabilitação de algum património arqueológico iniciou-se com a escavação e estabilização do grande Menir. A iniciativa de reabilitação e estabilização dos vestígios de Antas, bem como outras estruturas Romanas, e Industriais modernas, fazem parte de um Plano de acção a desenvolver em paralelo com o desenvolvimento do projecto do Monte e dos Barrocais. O estabelecimento de um núcleo de interpretação da Paisagem do Barrocal, bem como um sistema de percursos e de valorização dos lugares, corresponderá ao desenvolvimento de conteúdos culturais a articular com a Região no desenvolvimento natural do programa de revelação Turístico. Na nossa experiência enquanto colectivo de Arquitectura-Paisagista, o Projecto Herdade do Barrocal corresponde a um processo de investigação

e desenvolvimento crítico de pensamento e espaço, de carácter transdisciplinar, e transversal aos processos produtivos próprios da nossa actividade, articulando ordenamento do território, planeamento, projecto, obra e gestão. O prolongamento no tempo permitirá inserir a ideia de obra de Arquitectura-Paisagista na dinâmica temporal própria dos processos de paisagem. A integração de uma problemática local e regional, de contornos aparentemente confinados aos temas

do Património e da Agricultura, num contexto de economia global, de forte capacidade de comunicação e envolvimento, parece configurar um caminho de produção de pensamento e espaço inserido na realidade cultural económica e política contemporânea na recriação daquilo a que se poderá chamar uma Paisagem Global.

**João Gomes da Silva**

.....

*Catapereiro, Carrasco , Aroeira and Murta)* <sup>7</sup>, *which evolves into a mix of Azinhal and Zambujeiro in the majority of the remaining Estate. It is in this dense environment which occupies the smooth and flattened ridges which evaluated the implementation of Tourist homes on small gaps between stones, benefiting from the discreet concealment and establishing physical and visual relationships with the main valley and its headwaters. In Detail Plan (2007) this area is assigned to the Multiple Use of Forest Protection and Touristic Use with an index of implementation of 0.009 and deployment of location defined by polygon. This plan is integrated in the ecological structure as “other protected areas” of the “Dry System” with planned actions of densification of the potential vegetation system in order to intensify the bio-diversity and tourist use*<sup>8</sup>. *The results of this process are diverse. In the Spatial Planning is consolidated the land use and the consequent actions in the field of Agriculture and Livestock, Infrastructure and Investment, through the publication of the Detailed Plan. In the Agricultural and Livestock Plan there is the design and installation of a new Vine (total of 15ha) and the creation of a Brand and Marketing; the system of “organic” agriculture was extended to the whole Estate as well as the management of the herd of cattle and various management actions and maintenance of the vegetation of the Azinhal and Zambujal forests. The Olives (about 60ha) is in rehabilitation through current operations and the production is in articulated commercialization with the Cooperative of Reguengos and developing brands for canned olives. The installation of the Vegetable Garden (3ha) in Biological System is now due to the process of capitalization resulting from the investment in the Tourism component. Regarding the development Plan of Ecological Structure, there is in Preliminary Study the rehabilitation of water lines of the Ribeira through biophysical consolidation of stream beds, and the intensification of Forest Protection as a result of the Accommodation Units Project. In the Tourism Plan were developed Previous Studies and Licensing is already obtained. Brand and Identity are developed and an online page <sup>9</sup>, designed by Winkreative <sup>10</sup>, enters this venture in a strategy of global visibility. The application for funding by the QREN Support*

|   |  |
|---|--|
| <b>PROJECTO PARA A HERDADE DO BARROCAL</b>  |  |
| FICHA TÉCNICA                               |  |
| <b>DATA DO PROJECTO</b>                     | 2004-2008. Plano de Pormenor<br>2009. Projecto do Barrocal dos Arrifes                                     |
| <b>PROMOTOR</b>                             | Maria do Carmo Martins Pereira   |
| <b>COORDENAÇÃO E ARQUITETURA PAISAGISTA</b> | Global, Arquitectura Paisagista Lda<br>João Gomes da Silva <sup>ARQUITETO PAISAGISTA</sup>                 |
| <b>ARQUITECTURA</b>                         |  |
| <b>PLANO DE PORMENOR</b>                    | João Pedro Falcão de Campos  |
| <b>PROJECTO DO HOTEL</b>                    | João Pedro Falcão de Campos<br>Manuel Aires Mateus   |
| <b>PROJECTO DO MONTE</b>                    | Eduardo Souto de Moura   |
| <b>ARQUEOLOGIA</b>                          | Manuel Calado  |
| <b>CASAS DO BARROCAL DOS ARRIFES</b>        | Eduardo Souto de Moura<br>João Pedro Falcão de Campos<br>John Pawson<br>Manuel Aires Mateus<br>Paulo David |

/51

<sup>[6]</sup> Ver a este propósito ‘A Árvore em Portugal’, F. Caldeira Cabral e G. Ribeiro Telles; Assírio & Alvim (1999) / See in this regard “A Árvore em Portugal” -“The Tree in Portugal”, F. Caldeira Cabral and G. Ribeiro Telles, Assírio & Alvim (1999)

<sup>[7]</sup> Ver igualmente ‘Habitats naturais e seminaturais de Portugal Continental’, ICN, Assírio & Alvim (2008) / See also “Natural and semi-natural habitats of mainland Portugal”, ICN, Assírio & Alvim (2008)

<sup>[8]</sup> Consultar P.P. da Herdade do Barrocal, C. M. de Reguengos de Monsaraz. / Consult pp Estate of the Barrocal, C. M. Reguengos Monsaraz.

<sup>[9]</sup> Ver em http://www.barrocal.pt/ / Visit http://www.barrocal.pt/

<sup>[10]</sup> Ver em http://www.winkreative.com/portfolio/branding/sao\_lourenco\_do\_barrocal.aspx / Visit http://www.winkreative.com/portfolio/branding/sao\_lourenco\_do\_barrocal.aspx



# REINVENTAR A OCUPAÇÃO SAZONAL DOS LUGARES

PROJECTO "TRE PARCHI LINEARI", SARDENHA, ITÁLIA

REINVENTING THE SEASONAL OCCUPATION OF PLACES  
PROJECT "TRE PARCHI LINEARI",  
SARDINIA, ITALY



PARATELIER

A condição produtiva de uma paisagem resulta da capacidade que a mesma tem de resistir a mudanças conjunturais. Essa capacidade é traduzida na produção de valores, susceptíveis de garantir resiliência económica e pertinência cultural.

*The productive condition of a landscape results from the capacity that it has to resist to the change of current affairs. This capacity is translated through the production of values that will ensure economic resilience and cultural appropriateness.*

A vulnerabilidade das paisagens associadas a sistemas de produção pré-industriais, decorrente das transformações impostas pelas economias globais das últimas décadas, é particularmente representativa neste contexto. Este fenómeno formula a problemática com que se depara grande parte do território europeu, e em particular o mundo mediterrânico, em que o desejo de perpetuar as suas paisagens como matriz identitária e de suporte de uma biodiversidade reconhecida como chave na conservação da natureza, surge ameaçado pela falência das economias locais, imposta pela voracidade das economias de grande escala. A economia do turismo, quando entendida para além do turismo massificado, orientado para o lucro imediato e baseado na (sobre)exploração de recursos, tem constituído uma alternativa séria nestes contextos, capaz de garantir-se como alavanca em processos de reactivação de paisagens (e economias) em abandono.

O presente artigo detém-se sobre um processo de transformação de paisagem projectado para uma área costeira na Sardenha, Itália, que tem como suporte um modelo económico mais ambicioso e profícuo que o tradicional turismo, ao reconhecer como estratégia-chave a valorização da Paisagem, entendida como um sistema abrangente e complexo de recursos, tangíveis e intangíveis.

O projecto em causa surge no âmbito de um Concurso Público de Requalificação Paisagística das Aldeias Costeiras de S. Caterina di Pittinuri, promovido pela Região Autónoma da Sardenha, eleito entre os três primeiros classificados após um processo participativo da população local.

Paralelamente ao imposto em programa de concurso, a proposta apresentada pelo Paratelier, um escritório residente em Lisboa da dupla de Arquitectos Monica Ravazzolo e Leonardo Paiella, reequaciona a potencialidade do território em causa, questionando aspectos como a sustentabilidade, a permanência ou a sazonalidade, paradigmas implícitos nos povoados costeiros movidos pela força do turismo massificado de praia.

Os desequilíbrios gerados por uma economia baseada na dinâmica oscilante do turismo sazonal e no crescente abandono das actividades que determinaram a ocupação

*The vulnerability of landscapes associated with pre-industrial production systems, due to the changes required by the global economies in decades, is particularly representative in this context. This phenomenon creates the problematic that the European territory faces today. Particularly the Mediterranean world where there is the desire to perpetuate its landscapes as an identity matrix and a recognized biodiversity support as a key in nature conservation. This situation is threatened by the failure of local economies, imposed by the voracity of large scale economies. The tourism economy - when understood apart from mass profit-oriented tourism and based on immediate (over) exploitation of resources - has constituted a serious alternative in these contexts, capable of being a support in the process of reactivation of landscapes (and savings) in abandonment. This article dwells on the process of transformation of a landscape designed for coastal area in Sardinia, Italy, which is supported by an economic model more ambitious and useful than traditional tourism, recognized as key strategy to enhance the landscape, understood as a complex and comprehensive system of both tangible and intangible resources.*

*The project in question arises in the context of a Public Contest for the Landscape Rehabilitation of Santa Caterina di Pittinuri Coastal Villages, promoted by the Autonomous Region of Sardinia, elected from among the top three winners after a participatory process of local people.*

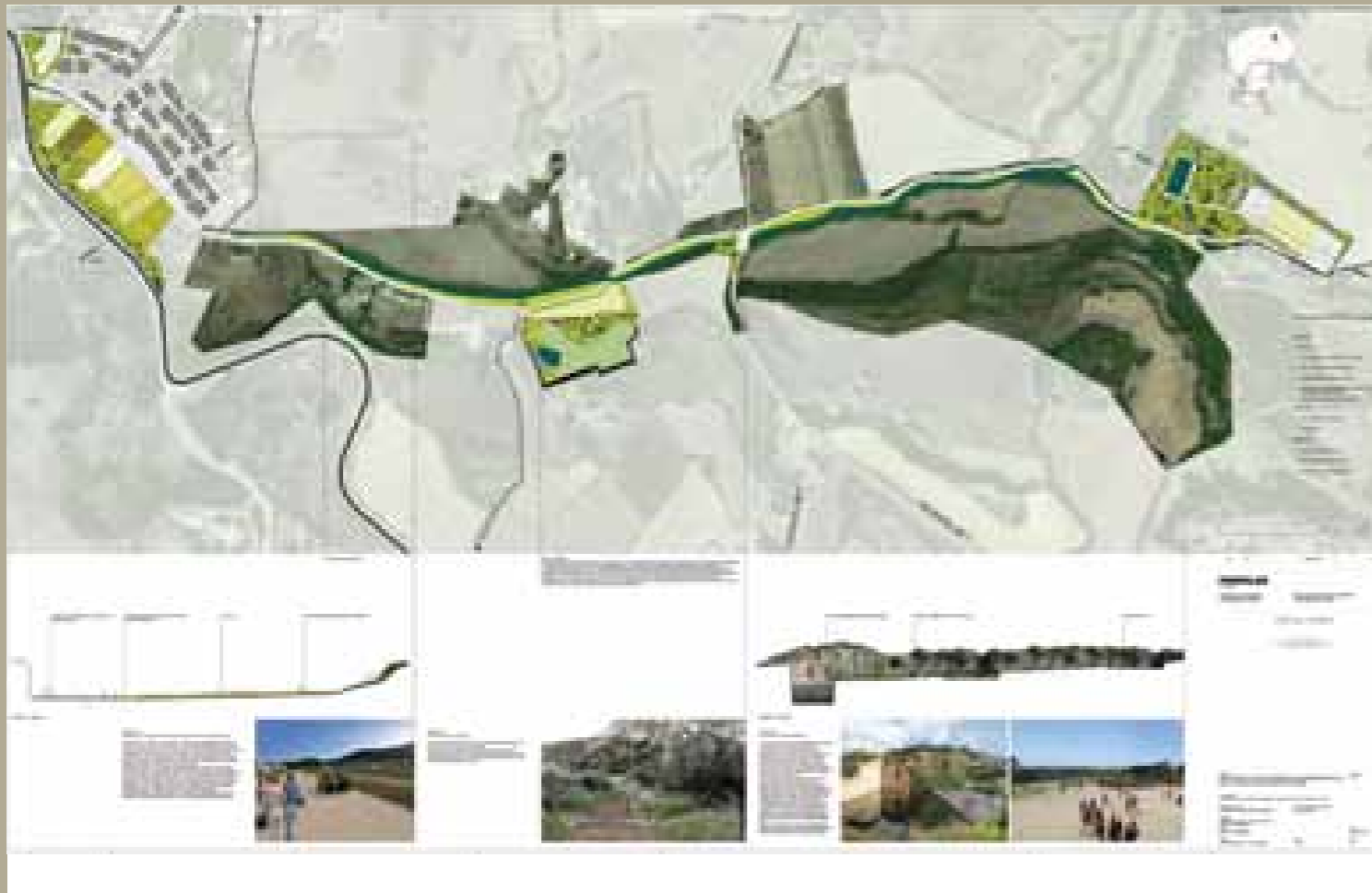
*Parallel to the requirements imposed in the contest programme, the proposal submitted by Paratelier - a firm based in Lisbon by the Architects Monica Ravazzolo and Leonardo Paiella - rethinks the potential of the concerned territory, questioning aspects such as sustainability, the permanency or seasonal aspects: paradigms implicit in the coastal villages moved by the power of mass tourism.*

*Imbalances generated by an economy based on the oscillating dynamic of seasonal tourism and the growing abandonment of activities that led to the occupation of land launched the proposed problematic guidelines.*

*The proposal envisages the creation of a system of three linear parks and points of connection between coast and hinterland supported by the development of local resources. In addition, we propose a network of paths which guarantees the discovery of the present values in a landscape of high natural beauty, history and heritage, paradoxically into disrepair.*

*The three parks system, differentiated by capabilities, consists on the Urban Park of Santa Caterina di Pittinuri, the Environmental Park of the Salamedu River and the Ecological Park of the Tower "del" Pozzo.*

*The proximity of the centre of Santa Caterina states the name of that urban park, a structured space with emphasis on the architectural heritage and landscape, recognizable along a path adjacent to the river of Santa Caterina. This is the anchor of the various actions throughout the park (sports centre, fluvial beach and island of contemplation). Water, rock and vegetation of the*



PARQUE AMBIENTAL

das terras, lançaram as problemáticas orientadoras da proposta.

A proposta contempla a criação de um sistema de três parques lineares, pontos de conexão entre a costa e o interior, apoiada na valorização dos recursos locais. Complementarmente é proposta uma rede de percursos, que garante a descoberta dos valores presentes numa paisagem de elevada riqueza natural, histórica e patrimonial, paradoxalmente em abandono. O sistema de três parques, diferenciados por valências, é constituído pelo Parque Urbano de Santa Caterina de Pittinuri, o Parque Ambiental do Rio Salamedu e o Parque Ecológico da Torre "del" Pozzo.

A proximidade do centro de Santa Caterina dita a denominação do referido Parque Urbano, espaço estruturado com ênfase no património arquitectónico e de paisagem, reconhecível ao longo de um percurso contíguo ao rio de Santa Caterina, âncora das várias acções convocadas ao longo do parque (campo de jogos, praia fluvial e ilha de contemplação). Água, pedra e vegetação surgem como matérias do sítio reconhecíveis no existente e no proposto, assumindo que a reconstrução do sítio só ganha pertinência quando assume o lugar como referente.

O Parque Ambiental do Rio Salamedu estende-se ao longo do rio, numa área articulada com a baía costeira, caracterizada por espaços em abandono: incultos e pedreiras desactivadas. A estratégia de intervenção apoia-se na reactivação destes lugares, utilizando a água como matéria de construção. Seja através da criação de um sistema de hortas na proximidade dos aglomerados,

*site appear as recognizable subjects in the landscape, assuming that the reconstruction of the site only gains relevance when it takes the "place" as a reference. The Environmental Park of the Salamedu River extends along the river, an area linked with the coastal bay, characterized by abandoned spaces: waste land and disabled mines. The intervention strategy is based on the reactivation of these places, using water as a matter of construction. Whether through the creation of a system of gardens in the vicinity of clusters, either through conversion of a quarry in eco swimming pool, in which a large platform works as a meeting place, events and belvederes over the landscape. Here, production and leisure intersect itself, encouraging the local economy through the practice of agriculture and extension of the beach tourism to the interior in the experience of water and all the activities associated with this new condition.*

*The Archaeological Park of Torre del Pozzo is developed around the archaeological site "Le Rovine di Cornus-Columbaris", extending along the river Sa Canna. The landscape is understood as an open air museum, formalized in an action of minimum infrastructure content, which is revealed by a set of rural paths that are determinants in the discovery of important points of interpretation of the local landscape. Or substantial archaeological remains, placed at the same level. Instead of a media operation in regeneration of the coastline, supported by suggestive drawings of landscape, the proposal promotes links to places on the interior as a key strategy in the reversal of the considered problematic.*

*The action of transformation assumes the protagonism of the intervention the interior valleys that drain into the sea and allowing the life support of the fishing communities that settled in this area. Looking for the spaces "between" villages - the portion of territory economically less relevant - enabled the discovery of a series of skills / values latent in this landscape, economically and culturally neglected by the dominance of coastal tourism.*

*The strategic proposal transcends the scope of the intervention explicitly pointed by the contest programme as it reorients*

seja através de conversão de uma pedreira em piscina ecológica, na qual uma extensa plataforma funciona simultaneamente como lugar de encontro, realização de eventos e mirante sobre a paisagem. Aqui, produção e lazer entrecruzam-se, fomentando-se a economia local pela prática da agricultura e extensão do turismo balnear ao interior, na vivência da água e de todas as actividades associadas a esta nova condição.

O Parque Arqueológico da Torre del Pozzo desenvolve-se em torno da estação arqueológica "Le Rovine di Cornus-Columbaris", estendendo-se ao longo do rio Sa Canna. A paisagem é aqui entendida como um museu a céu aberto, formalizado através de uma acção de infraestruturação mínima, cujo conteúdo é revelado por um conjunto de percursos ruderais, determinantes na descoberta de importantes pontos de interpretação da paisagem local, ou de substanciais vestígios arqueológicos, aqui colocados em igualdade de circunstâncias. Ao invés de uma operação mediática de requalificação da linha de costa, apoiada em sugestivos desenhos de paisagem, a proposta promove a ligação aos lugares de maior interioridade como estratégia fundamental na inversão das problemáticas observadas.

A acção de transformação toma como protagonista da intervenção os vales interiores que drenam para o mar e que permitiram o suporte de vida das comunidades piscatórias que aqui se foram instalando. O olhar para os espaços 'entre' aldeias, a porção de território menos pertinente economicamente, permitiu a descoberta de uma série de valências/valores latentes nesta paisagem, negligenciados económica e culturalmente pela hegemonia do turismo litoral. A proposta, de índole estratégica, transcende explicitamente o âmbito da intervenção sugerido pelo programa de concurso, ao reorientar o olhar, em escala, para a dimensão territorial da paisagem, aqui entendida como um todo feito de sinergias entre litoral e interior. A intervenção, ao invés de impôr ao lugar um modelo pré-estabelecido, é estruturada a partir de uma delicada interpretação do lugar, que assume a paisagem como referente fundamental para a construção de um Programa pertinente e ajustado. Tal descoberta garante um planeamento sustentável que inclui uma redefinição do valor cultural da comunidade local, a manutenção da matriz agrícola pioneira, bem como a regeneração e recuperação de *habitats* em desequilíbrio. Fomenta-se, assim, uma habitabilidade mais eficaz das aldeias ao longo do ano, pelo desencadear de mecanismos de desenvolvimento sustentável associados aos recursos locais, determinantes no crescimento económico a longo prazo, reinventando a sazonalidade deste lugar.

**Armando Neves Ferreira**  
**Catarina Raposo**

*the look to the territorial dimension of the landscape, here understood as a whole made of synergies between the coast and the interior. The intervention, rather than impose a pre-established model to the place itself, is structured on a delicate interpretation of the place that takes the landscape as a fundamental reference for the construction of an appropriate and adjusted programme. This discovery provides a sustainable plan that includes a redefinition of the cultural value of the local community, the maintenance of the pioneer agricultural matrix, as well as the regeneration and restoration of the habitats. Therefore we foster a more effective permanence of people in the villages throughout the year by triggering mechanisms for sustainable development associated with local resources, in determining the long-term economic growth, reinventing the seasonality of this place.*

**PROJECTO 'TRE PARCHI LINEARI',**  
**SARDENHA, ITÁLIA**

FICHA TÉCNICA

**DATA DO PROJECTO**  
2007. Concurso  
2011. Estudo Preliminar

**PROMOTOR**  
Comune di Cugleri

**COORDENAÇÃO E ARQUITETURA PAISAGISTA**  
PARATELIER  
Monica Ravazzolo ARQUITETA PAISAGISTA

**ARQUITETURA**  
PARATELIER  
com Ternullomelo Architects

**ARQUEOLOGIA**  
Antonio Vacca



PROJECTO SÓCIOS DA APAP

# AGRICULTURA URBANA E PERI-URBANA

PARQUE HORTÍCOLA DO VALE DE CHELAS <sup>1</sup>

PARQUE REBELVA, CASCAIS <sup>2</sup>

URBAN AND PERI-URBAN AGRICULTURE

COMISSÃO DE APRECIACÃO EM REPRESENTAÇÃO DA APAP

CATARINA RAPOSO  
MANUELA RAPOSO MAGALHÃES  
PAULA GOMES DA SILVA



Este artigo surge na sequência do convite realizado pela APAP aos sócios a apresentarem projectos desenvolvidos recentemente e que se enquadrassem no tema Paisagens Produtivas. Este texto versa sobre os projectos seleccionados.

*This article is the result of the request made by APAP to its members for the submission of projects recently developed and focusing on the theme "Productive Landscapes".*

*This paper discusses the selected projects.*

De improdutivo e dispensável, a vital e útil, as hortas urbanas como possibilidade de ocupação do espaço público, resultam numa transformação de áreas abandonadas ou com uma ocupação precária, em espaços com maior capacidade de resiliência que os habituais espaços verdes de enquadramento que abundam na paisagem urbana.

O tema não é novo nem original, mas a conjuntura económica e social reactualiza-o, justificando um olhar renovado sobre a pertinência da agricultura peri-urbana e urbana.

Há mais de duas décadas que um grupo limitado de profissionais tenta divulgar e testar um programa que, apesar de já muito difundido em vários países, em especial os de cultura anglo-saxónica e germânica, tem sido de implementação difícil em Portugal. Quase sempre associado a um sentimento de nostalgia relativamente a uma ruralidade perdida, os poucos projectos implementados com sucesso exploram fundamentalmente as suas valências lúdicas (hortas de fim-de-semana) e pedagógicas (hortas escolares). Pese embora algumas chamadas de atenção para o carácter produtivo das inúmeras hortas espontâneas que preenchem quase todos os interstícios disponíveis nos centros e periferias urbanas, a componente produtiva desta agricultura urbana tem sido desprezada e quase sempre associada a um segmento da população mais carenciada.

O que é facto é que a possibilidade de produção de bens alimentares próxima dos locais de consumo é, no contexto da actual crise económica, vantajosa. A crescente dificuldade no acesso a bens alimentares de primeira necessidade, poderá ser uma oportunidade para resgatar para a componente produtiva da agricultura urbana a atenção e importância que há muito lhe conferem numerosas organizações internacionais como a FAO ou as Nações Unidas. É precisamente em circunstâncias de escassez e de limitações à circulação de bens alimentares, quer sejam motivadas por conflitos armados, políticos ou tão só pelo aumento dos custos de transportes, como acontece actualmente com a subida do preço dos combustíveis, que se evidencia a importância da produção ao nível local. No entanto o potencial da agricultura urbana não se esgota como alternativa a situações de carência. Esta

*From an unproductive and unnecessary item to a vital and useful reality, urban vegetable gardens as a possible occupation of public space result in a transformation of derelict areas or with precarious occupation in spaces with greater resilience than the usual framework of green spaces that abound in urban landscape.*

*This theme is neither new nor original, but the economic and social panorama oblige us to rename it. We take a fresh look at the relevance of the peri-urban and urban agriculture.*

*For over two decades a limited group of professionals is trying to promote and test a programme that, although already widespread in many Anglo-Saxon and Germanic countries, it has been difficult to implement in Portugal.*

*Almost always associated with a sense of nostalgia for a lost rural life, the few projects implemented successfully exploit its skills primarily on a recreational (weekend hobby gardens) and educational (school gardens) level. Despite some attention given to the nature of spontaneous production of numerous gardens that fill almost all the available interstices in urban centres and peripheries, the productive component of urban agriculture has been neglected and almost always associated with a lower-income segment of the society.*

*The fact is that the possibility of producing food close to the local of consumption is in the current economic crisis an advantage.*

*The increasing difficulty in accessing food supply may be an opportunity for the productive component of urban agriculture to pay the right attention and offer the importance that numerous international organizations like FAO and the United Nations long confer to this issue. It is precisely in circumstances of scarcity and limitations on the exchange of food, whether motivated by an armed conflict, by political matters or merely by the increase in transport costs - now more than ever with the rise of the oil price - which highlights the importance of production at a local level. However, the potential of urban agriculture as an alternative way is not limited to situations of need. This is also a strategic way of fleshing out the issues related to food sovereignty and which concern the right to choose certain patterns of production and food consumption, today paramount and increasingly required by individuals and communities.*

*Both projects being presented here talk about the spatial issue. Both deal with the regeneration of urban spaces left uncared by formalizing a project regarding spontaneous actions corresponding to a will or a desire for the organization of everyday urban space.*

*The case of Chelas, a project undertaken by the Lisbon City Council, aims to implement a horticultural park located at the headwaters of one of the lines of water within the hydrological system east of Lisbon, an area where the quality of public space did not survive Chelas implementation plan of the 70's.*

*The second project, located in Carcavelos, written by Duarte d'Araújo Mata from the firm Identidade Paisagem, proposes the*

<sup>1</sup> CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

<sup>2</sup> IDENTIDADE PAISAGEM

é também uma forma estratégica de consubstanciar as questões relacionadas com a Soberania Alimentar e que se prendem com o direito à escolha a determinados padrões de produção e consumo alimentar, hoje absolutamente fundamentais e cada vez mais exigidos pelos indivíduos, e pelas comunidades.

Os dois projectos que aqui se apresentam falam sobre esta tipologia de espaço. Ambos versam a sobre a requalificação de espaços urbanos em abandono formalizando, através de um projecto, acções espontâneas correspondentes a uma vontade/desejo de organização do espaço urbano quotidiano. O caso de Chelas, projecto da autoria da Câmara Municipal de Lisboa, aponta para a implementação de um parque hortícola localizado nas cabeceiras de uma das linhas de água pertencentes ao sistema hidrológico oriental de Lisboa, numa área onde a qualidade do espaço público não sobreviveu à implementação do plano de Chelas da década de 70.

O segundo projecto, localizado em Carcavelos, da autoria de Duarte d´Araújo Mata do atelier Identidade Paisagem, propõe a integração de uma área hortícola no parque de Rebelva, na sequência de um Concurso lançado pela Câmara Municipal de Cascais. Ambos os projectos apontam para acções muito elementares de organização do espaço de produção, com soluções relativamente convencionais e de carácter infra-estrutural: adução de água, para controlo da qualidade da produção, sistematização de percursos de acesso e de trabalho, definição de talhões com recurso a vedações e/ou sebes arbustivas e arbóreas. O interesse destes projectos é pertinente na demonstração do papel que as hortas poderão ter em áreas urbanas e peri-urbanas e como estratégia de consolidação da Estrutura Ecológica Municipal a custos relativamente baixos, no entanto consideramos que este é apenas um pequeno passo para alcançar metas mais ambiciosas nestes contexto.

Esta ambição passa necessariamente por pensar as consequências desta estratégia programática à grande escala. Ou através da emergência de uma agricultura urbana com carácter de produção mais afirmativo e sistemático ou colocando em prática o conceito de *Continuous Productive Urban Landscapes*<sup>1</sup>, que aponta para o papel que as áreas ocupadas por agricultura urbana podem ter numa escala territorial, como componentes essências de uma infraestrutura de sustentabilidade urbana, a par das outras grandes estruturas ecológicas urbanas e metropolitanas.

**Catarina Raposo**  
**Paula Gomes da Silva**

*integration of a horticultural area in the Rebelva park, following a competition launched by the Municipality of Cascais. Both projects point out to very elementary actions of organization of spatial production with conventional solutions with an infrastructural interface: water supply for quality control of production; systematization of access and working routes; definition of plots with use of fences and shrubs and trees hedges.*

*The interest of these projects is to demonstrate the relevant role that vegetable gardens could have in urban and peri-urban areas and as a strategy to consolidate the Municipal Ecological Structure at relatively low cost. However we believe that this is just a small step to achieve more ambitious goals in this context. This ambition goes necessarily around the conception about the consequences of a large-scale programmatic strategy. Or through the emergence of an urban agriculture as a matter of more assertive and systematic production or putting into practice the concept of “Continuous Productive Urban Landscapes”<sup>1</sup>, which points out the role that areas occupied by urban agriculture can have on a territorial scale as essential components of a sustainable urban infrastructure - along with the other major urban and metropolitan environmental amenities.*

|   |
|---|
| <b>1</b>  |
| <b>PARQUE HORÍCOLA DO VALE DE CHELAS</b>  |
| <small>FICHA TÉCNICA</small>  |
| <b>COORDENAÇÃO E ARQUITECTURA PAISAGISTA</b><br>Câmara Municipal de Lisboa,<br>Direcção Municipal de Ambiente Urbano,<br>Divisão de Planeamento e Projecto<br>Maria José Fundevila <small>ARQUITECTA PAISAGISTA</small> |
| <b>2</b>  |
| <b>PARQUE REBELVA</b>   |
| <small>FICHA TÉCNICA</small>  |
| <b>COORDENAÇÃO E AUTORIA</b><br>Duarte d´Araújo Mata <small>ARQUITECTO PAISAGISTA</small><br>IDENTIDADE PAISAGEM, arquitectura paisagista e consultadoria ambiental<br>Unipessoal, lda                                  |
| <b>ARQUITECTURA PAISAGISTA</b><br>Duarte d´Araújo Mata <small>ARQUITECTO PAISAGISTA</small><br>Ana Paiva <small>ARQUITECTA PAISAGISTA</small>   |
| <b>COLABORAÇÃO</b><br>Isabel Ferro <small>ARQUITECTO PAISAGISTA</small>   |
| <b>ARQUITECTURA</b><br>Inês Lemos Ferreira e Rui Cruz <small>ARQUITECTOS</small>  |
| <b>ESPECIALIDADES</b>   |
| <b>REGA</b><br>Marta Fabião e Fernando Nunes <small>ENGENHEIROS</small>   |
| <b>ÁGUAS, ELECTRICIDADE, DRENAGEM, SEGURANÇA</b><br>Rui Lourenço <small>ENGENHEIRO</small><br>ECOSERVIÇOS, gestão de sistemas ecológicos, lda   |

<sup>[1]</sup> Conceito desenvolvido recentemente por Andre Viljoen and Katrin Bohn na publicação ‘Continuous Productive Urban Landscapes: Designing urban agriculture for sustainable cities’ (ed. Andre Viljoen, Architectural Press: 2005), na sequência de um projecto de investigação a decorrer na Universiity of Brighton. Este conceito tem tido bastante receptividade ao nível internacional, tendo já dado origem a várias conferências, projecto de investigação de natureza multidisciplinar e a projecto de diferentes escalas. / Concept recently developed by Andre Viljoen and Katrin Bohn in the publication "Continuous Productive Urban Landscapes: Designing urban agriculture for sustainable cities" (ed. Andre Viljoen, Architectural Press, 2005), following a research project undertaken in the University of Brighton. This concept has been very receptive in an international level, originating several conferences, research and multidisciplinary projects on different levels.

**> JOÃO GOMES DA SILVA**

João Gomes da Silva (Lisboa, 1962) Arquitecto Paisagista licenciado na Universidade de Évora (1979/1985) em 1987. Funda em 1997 a Global com a Arquitecta paisagista Inês Norton. Global é um atelier sediado em Lisboa trabalhando frequentemente em coordenação com outros arquitectos paisagistas, arquitectos, engenheiros, designers e artistas em projectos de ordenamento da paisagem.

**Paisagem global:** Global é o nome que reúne um grupo de arquitectos-paisagistas empenhados na produção de espaço de paisagem a partir das condições culturais e económicas contemporâneas, através da prática do projecto e planeamento. Global é uma estrutura fortemente personalizada e profissionalizada integrada numa dinâmica rede de relações transdisciplinares.

João Gomes da Silva was born in Lisbon in 1962. He graduated from the University of Évora (1979/1985) in 1987 in Landscape Architecture. In 1997, together with landscape architect Inês Norton, he founded the firm Global. Global is a firm based in Lisbon working in coordination with other landscape architects, architects, engineers, designers and artists in landscape planning projects.

Global landscape: Global is the name that brings together a group of landscape architects engaged in the production of landscape space from contemporary cultural and economic conditions, through the practice of design and planning. Global is a structure highly personalized and professionally integrated into a dynamic network of disciplinary relations.

Global landscape: Global is the name that brings together a group of landscape architects engaged in the production of landscape space from contemporary cultural and economic conditions, through the practice of design and planning. Global is a structure highly personalized and professionally integrated into a dynamic network of disciplinary relations.

Global landscape: Global is the name that brings together a group of landscape architects engaged in the production of landscape space from contemporary cultural and economic conditions, through the practice of design and planning. Global is a structure highly personalized and professionally integrated into a dynamic network of disciplinary relations.

**> ARMANDO NEVES FERREIRA** / 1975 / Arquitecto Paisagista pelo Instituto Superior de Agronomia (ISA). Desde 2000 que tem trabalhado em co-autoria ou em colaboração com diversos ateliers de arquitectura paisagista na área de projecto. Co-fundador da e-zine 'Festo' (1998-2001) e, desde 2005, do colectivo 'O verdete' (www.overdete.blogspot.com).

Landscape Architect graduated from the Institute of Agronomy (ISA). Since 2000 he works in co-authorship or in collaboration with various architectural projects in the area of landscape design. He is the co-founder of the e-zine "Festus" (1998-2001) and since 2005, the group "O verdete". (www.overdete.blogspot.com).

Landscape Architect graduated from the Institute of Agronomy (ISA). Since 2000 he works in co-authorship or in collaboration with various architectural projects in the area of landscape design. He is the co-founder of the e-zine "Festus" (1998-2001) and since 2005, the group "O verdete". (www.overdete.blogspot.com).

Landscape Architect graduated from the Institute of Agronomy (ISA). Since 2000 he works in co-authorship or in collaboration with various architectural projects in the area of landscape design. He is the co-founder of the e-zine "Festus" (1998-2001) and since 2005, the group "O verdete". (www.overdete.blogspot.com).

**> PAULA GOMES DA SILVA**

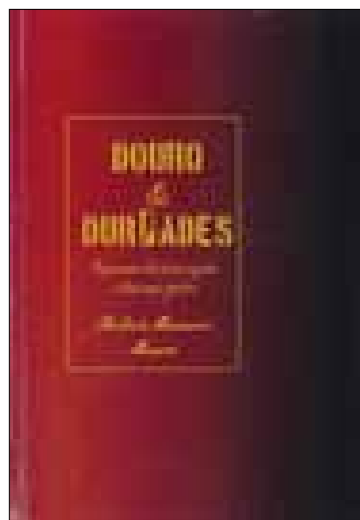
Licenciou-se em Arquitectura Paisagista pelo ISA em 2000. Iniciou a sua actividade laboral como colaboradora do grupo que viria a dar origem ao Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista Professor Caldeira Cabral do qual ainda actualmente membro. De 2002 a 2005 integrou a equipa do atelier Global. Desde 2005 assistente convidada na Universidade do Algarve.

In the year 2000 Paula Gomes da Silva graduated from the Higher Institute of Agronomy (ISA) in Landscape Architecture. She began working with the group later called Centre for Studies in Landscape Architecture Professor Caldeira Cabral where she still is a member. From 2002 to 2005 she joined the team of the firm Global. Since 2005 she teaches at the University of Algarve.

<sup>[1]</sup> Conceito desenvolvido recentemente por Andre Viljoen and Katrin Bohn na publicação ‘Continuous Productive Urban Landscapes: Designing urban agriculture for sustainable cities’ (ed. Andre Viljoen, Architectural Press: 2005), na sequência de um projecto de investigação a decorrer na Universiity of Brighton. Este conceito tem tido bastante receptividade ao nível internacional, tendo já dado origem a várias conferências, projecto de investigação de natureza multidisciplinar e a projecto de diferentes escalas. / Concept recently developed by Andre Viljoen and Katrin Bohn in the publication "Continuous Productive Urban Landscapes: Designing urban agriculture for sustainable cities" (ed. Andre Viljoen, Architectural Press, 2005), following a research project undertaken in the University of Brighton. This concept has been very receptive in an international level, originating several conferences, research and multidisciplinary projects on different levels.



## Victor Beiramar Diniz



**DOURO & DURÍADES,  
ROMANCE DE UMA REGIÃO  
E SUAS GENTES**

ROBERT MANNERS MOURA  
Bubok Publishing SL, 2011  
ISBN: 978-84-9981-658-6



**FILOSOFIA DA PAISAGEM:  
UMA ANTOLOGIA**

VV.AA. (COORD. ADRIANA VERÍSSIMO SERRÃO)  
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011  
ISBN: 978-972-8531-96-6



**ACTAS DAS CONFERÊNCIAS  
DO PARQUE DE SERRALVES,  
VOLUME I, 2002-2005**

VV.AA. (COORD. ED. TERESA ANDRESEN,  
JOÃO ALMEIDA E MARIA JOÃO AGUIAR)  
Fundação de Serralves, 2011  
ISBN: 978-972-739-245-2



**ACTAS DAS CONFERÊNCIAS  
DO PARQUE DE SERRALVES,  
VOLUME II, 2008-2009**

VV.AA. (COORD. ED. TERESA ANDRESEN,  
JOÃO ALMEIDA E MARIA JOÃO AGUIAR)  
Fundação de Serralves, 2011  
ISBN: 978-972-739-246-9

**Diz-nos Augustin Berque,** em tom semi-jocosos, que '[...] *les paysans ne savent pas ce que c'est la nature, et n'ont aucun sens du paysage, para rematar, já a sério, que 'Le sens de la nature, et plus particulièrement le sens du paysage, pour une large part, sont une élaboration culturelle; c'est-à-dire qu'on les apprend'*.<sup>1</sup> Esta aparente evidência para quem se dedique à teoria, ou à prática, da Paisagem é, no entanto, muito pouco evidente para os não-iniciados ('y compris des historiens de l'art, des ethnologues, des philosophes et d'autres connaisseurs de la chose culturelle') que, para continuar a citar Berque, '[...] *croient volontiers que tout être humain jouit de la beauté des paysages, et que la nature en elle-même ne peut qu'être belle*', e que ignoram que, para além de inventados, houve (existem ainda) tempos e geografias, i.e. culturas (a nossa incluída), desprovidas de um ou de ambos os conceitos. E é, por isso, assinalável que uma investigação, ou mais correctamente, uma linha de investigação, iniciada no Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, e depois ampliada em colaboração com o Centro de Estudos de Arquitectura Paisagista Prof. Francisco Caldeira Cabral do Instituto Superior de Agronomia, se tenha proposto reflectir

em torno do conceito de Paisagem, e, para além da divulgação da investigação em seminários e sessões abertas, tenha dado à estampa uma muito necessária selecção, tradução e interpretação de textos de diversas áreas do pensamento, agrupados num tomo intitulado «Filosofia da Paisagem, Uma Antologia». Reunindo textos seminais de autores como Georg Simmel, Joachim Ritter, Alain Roger, Rosario Assunto, Gonçalo Ribeiro Telles ou o atrás citado Augustin Berque, esta antologia centra-se nas vertentes da ontologia, da estética e da ética, reflectindo a posição defendida pelo grupo interdisciplinar de investigadores responsável pela sua selecção, sob a coordenação da Prof.<sup>2</sup> Adriana Veríssimo Serrão. Para além do valor intrínseco dos textos seleccionados, este tomo (o primeiro de vários) é tanto mais assinalável por quanto os reúne pela primeira vez, em português, numa mesma edição (na tradição dos 'readers' anglo-saxónicos), preenchendo uma lacuna<sup>2</sup> entre nós há muito sentida, e não apenas na esfera da academia dedicada ao estudo da Paisagem.

Com efeito, e numa feliz coincidência temporal, é fora do meio académico, mas ainda sob a égide do pensamento

sobre a Paisagem numa esfera cultural alargada, que se vêem publicadas as «Actas das Conferências do Parque de Serralves» que reúnem em dois volumes (e online no portal serralves.pt) a maioria das comunicações apresentadas nas 5 conferências que, num primeiro ciclo entre 2002 e 2005 e, depois, em 2008 e 2009, tiveram lugar na Fundação de Serralves. Não obstante os textos serem apresentados nas línguas originais e sem o benefício de se verem acompanhados de explicações introdutórias dos comissários (entre os quais me incluo) que permitiriam navegar os mapas das suas escolhas, e que se revestiriam de particular utilidade face às diferentes opções que nortearam cada um dos ciclos, estes volumes traduzem o interesse de uma instituição privada, a partir de um património de Paisagem singular de cuja preservação é responsável, em pensar o Jardim e a Paisagem, sob vários prismas, no contexto cultural contemporâneo.

Também de património de Paisagem, mais especificamente de uma forma de construção da paisagem, classificada património cultural da Humanidade, trata «Douro e Duriades, Romance de uma região e das suas gentes» do

arquitecto paisagista Robert Manners Moura. Editado em forma física print on demand e em e-book (em bubok.pt), «Douro e Duriades» é um texto curioso e de difícil categorização estilística, o que não é em si 'pecado' (para utilizar, rebatendo-os, os termos do autor), por quanto apesar se apresentar em subtítulo como romance, forma literária em que a escrita de Manners Moura claramente não está à vontade, é na sua vertente repositória e monográfica (ainda que romanceada ou, melhor, ficcionada) que esta obra encontra o seu tom e o seu fôlego, e evidencia a sua justificação enquanto texto e não como romance, decorrentes do profundo conhecimento das múltiplas dimensões da paisagem humanizada e produtiva do Douro que assiste ao seu autor.

E porque a memória se tece, às vezes, do fio com que ligamos coincidências avulsas, o anel com uma pequena esmeralda com que, na conclusão de «Douro e Duriades», Abel José toma por esposa Erica, relembrou-nos uma outra esmeralda, e uma outra saga familiar intrinsecamente ligada a uma paisagem e às suas diversas formas produtivas, que vale sempre a pena revisitar: a do anel de Margarida, lançado ao mar no epílogo de «Mau Tempo no Canal» de Vitorino Nemésio.

**Augustin Berque, in a semi-jocular tone, tells us that "[...] les paysans ne savent pas ce que c'est la nature, et n'ont aucun sens du paysage" and after, in a more serious way, that "Le sens de la nature, et plus particulièrement le sens du paysage, pour une large part, sont une élaboration culturelle; c'est-à-dire qu'on les apprend"**.<sup>1</sup> This apparent evidence for those engaged in theory or practice involving Landscape is, however, very little obvious to the beginners ("y compris des historiens de l'art, des ethnologues, des philosophes et d'autres connaisseurs de la chose culturelle") that, continuing to quote Berque, "[...] *croient volontiers que tout être humain jouit de la beauté des paysages, et que la nature en elle-même ne peut qu'être belle*", and that ignore that there were (and still are) times and geographies, i.e. cultures (ours included), lacking one or both concepts. It is therefore remarkable that an investigation, or more correctly, a line of investigation that began in the School of Philosophy - University of Lisbon, and later expanded in collaboration with the Centre for Research of Landscape Architecture Professor Francisco Caldeira Cabral of the Institute of Agronomy, has been proposed to reflect the concept of landscape and, in addition to the dissemination of research developments in seminars, has given a much needed selection, translation and interpretation of texts of various areas, grouped in a tome entitled "Philosophy of Nature, An Anthology". Bringing together seminal texts by authors such as Georg Simmel, Joachim Ritter, Alain Roger, Rosario Assunto, Gonçalo Ribeiro Telles, or the aforementioned Augustin Berque, this anthology focuses on aspects of the ontology,

aesthetics and ethics, reflecting the views held by the interdisciplinary group of researchers responsible for the selection, under the coordination of Adriana Veríssimo Serrão. In addition to the intrinsic value of the selected texts, this tome (the first of several more) is remarkable for how it gathers them for the first time in the Portuguese language in one single edition (in the tradition of the Anglo-Saxon readers), filling a gap<sup>2</sup> among the publishing world.

Indeed, is beyond academia - but still under the aegis of landscape thinking in a wider cultural sphere - that are being published the "Minutes of the Serralves Park Conference" in two volumes (and on serralves.pt) gathering most of the papers presented at five conferences between 2002 and 2005 and then in 2008 and 2009 that took place at the Serralves Foundation. Although these texts are presented in their original languages and without the benefit of being accompanied by introductory explanations of the commissioners (among whom I include myself) which are particularly useful addressing the different themes of each cycle. These volumes reflect the interest of a private institution in thinking the Garden and Landscape, from several perspectives in the contemporary cultural context.

"Douro and Duriades, Romance of a region and its people" by landscape architect Robert Manners Moura deals with landscape heritage, more specifically a form of landscape construction, classified as cultural heritage of humanity. Published in print on demand and in e-book (in bubok.pt), "Douro and Duriades" is curious and difficult to stylistically categorize, which in itself is not a "sin" (for using a term of the author), with the epigraph "novel" under its title - a literary form in which the writing of Manners Moura is clearly not comfortable. However, it is in its repository and monographic component (albeit romanticized, or rather fictionalized) that this work reaches its maximum and highlights its justification as a text and not as novel as a result of the profound knowledge of the multiple dimensions of the humanized and productive landscape of Douro that the author knows so well. And because sometimes memory is made of loose coincidences, the ring with a small emerald that, at the conclusion of "Douro and Duriades", Abel José takes Erica as wife, reminded us another emerald and another family saga intrinsically linked to a landscape and its various forms of production, which is always worth revisiting: the ring of Margaret, set sail in the epilogue of "Bad Weather in the Channel" by Vitorino Nemésio.

<sup>1</sup> Augustin Berque, «Paysage, milieu, histoire», pp. 11-29 in Cinq propositions pour une théorie du paysage, Paris, Éditions Champ Vallon, 1994

<sup>2</sup> An even bigger gap if National Press withdraws of publishing academic theses, for lack of sales.

# /PORTFOLIO

FOTOGRAFIA PHOTOGRAPHY

*Como é que se pode definir o olhar senão de uma forma íntima? Ando sempre a deambular com o meu olhar. Por vezes, tenho uma máquina fotográfica comigo e algo me impele a reter aquele momento. Penso na abertura do diafragma, na velocidade de captação da luz, no enquadramento, mas o acto de fotografar envolve uma quantidade de elementos ilegíveis à razão a que poderia chamar intuição e espontaneidade.*

*É assim que muito do que apreendo em termos de percepção visual perdura numa imagem, dissimulado numa ideia de harmonia de valor estético e de valor sensorial.*

*A relação que tenho com as fotografias de paisagem é a mesma para os retratos, as casas, os animais, as plantas - a profundidade de campo enquanto impressão que escapa e se movimenta lentamente para o céu ou para a luz, a mesma que determina a passagem das horas, das estações, e a intemporalidade do momento em que tudo pára.*

*Para esta edição foram escolhidas fotografias que me suscitaram beleza, na memória e na consciência de atribuir um significado de ligação à terra, à natureza e à paisagem enquanto lugar físico e emocional.*

© Rita Gouveia

NASCEU NO FUNCHAL EM 1976. VIVE EM LISBOA. FORMOU-SE NA UNIVERSIDADE DE ÉVORA EM ARQUITECTURA PAISAGISTA, ÁREA ONDE TEM DESENVOLVIDO A SUA ACTIVIDADE PROFISSIONAL. FAZ FOTOGRAFIA POR INTERESSE PESSOAL, COMO FORMA DE EXPRESSÃO E DE INTERPRETAÇÃO ESTÉTICA DO CAMPO VISUAL. O CONJUNTO DE FOTOGRAFIAS QUE ILUSTRA A REVISTA FOI CAPTADO ENTRE 2006 E 2011 EM VIAGENS PELO PAÍS.



F. L. GASPAR, distribuidor exclusivo da marca KOMPAN.

**KOMPAN!**  
Playful Living

Visite este e outros produtos da F. L. GASPAR no [Facebook](#)

FERNANDO L. GASPAR, SA  
EN 248-4 Tróvão  
2780-034 São Domingos de Rana  
T (+351) 214 440 708  
F (+351) 214 443 001  
info@flgasper.pt

[www.flgasper.pt](http://www.flgasper.pt)







**arquitectura paisagista**

**/EDIÇÕES ANTERIORES DISPONÍVEIS NA APAP**



**/TEMA** Convenção Europeia da Paisagem NOVEMBRO 2010 A MAIO 2011



**/TEMA** Lisboa JUNHO A DEZEMBRO 2011

A Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas agradece o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian à edição da revista AP.



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN